

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23232

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 3 MAIO 90 60\$00

Travessia do Tejo com mais automóveis

Ponte: a quinta coluna

A abertura de mais uma faixa rodoviária na Ponte 25 de Abril poderá ocorrer já no próximo Verão. Esta deverá ser a proposta que o novo ministro Ferreira do Amaral irá avançar hoje na Assembleia da República, em resposta à interpelação que o Partido Socialista agendou para esta tarde.

Segundo apurou o «DL» de fonte oficial, a ponte passaria, assim, a dispôr de cinco vias, através de uma operação aparentemente simples: o levantamento da divisória central que separa os dois sentidos de circulação. Nada está, porém, definido quanto ao escoamento de trânsito, cujo volume necessariamente aumentará.

O atravessamento do rio Tejo e as infra-estruturas regionais envolvidas perante o previsto alargamento da ponte e a opção pela construção de uma via ferroviária vão ser os temas em destaque no Parlamento.

O «DL» soube também que a abertura de mais uma faixa de rodagem na Ponte 25 de Abril é

uma iniciativa igualmente defendida pelo PS. Mas não fica por aqui. Para este partido, a solução que permitirá resolver os problemas no futuro passa pela ferrovia. «Não se deve fazer nada que inviabilize o comboio de passageiros» - disse a este jornal a deputada socialista Leonor Coutinho. **Pág. 4**

Cupões de desconto dão fortuna a emigrante

Do nosso correspondente em Washington, Filipe Vieira

Mereceu destaque em todos os principais órgãos de Comunicação Social norte-americanos. Mais do que figuras públicas, como Soares, Cavaco ou Rosa Mota. Não obstante o seu nome, Connie Arvidson, é uma emigrante portuguesa de 34 anos, que logrou uma vida desafiadora nos EUA, à custa de cupões de desconto, coleccionados obsessivamente. Mas o «azar» surgiu quando comprou cupões falsificados no valor de 40 mil dólares. A simpatia gerada em seu redor não lhe valeu de nada: o resultado foi uma pena de dois anos e três meses de prisão. Mas Connie não desanima: já pensa em ensinar na cadeia a maneira de utilizar os «miraculosos» cupões... **Pág. 10**

Publicidade enfrenta novos desafios

Procurar as melhores vias para enfrentar o tempo de mudança que se vive é o principal objectivo do 1º Congresso de Publicidade que hoje termina em Lisboa. Mudança que é de tutela, de lei regulamentadora do sector, mas também de um mercado cada vez mais exigente.

Págs. 2 e 3

Pinto de Andrade ao DL Paz em Angola não pode ser só cessar fogo

Joaquim Pinto de Andrade, um histórico do MPLA ressurgido na política angolana após 15 anos de silêncio, diz ao «DL» que a paz em Angola não passa apenas pelo cessar-fogo e que todos os parceiros devem participar no processo. Presidente da ACA, associação não partidária que contesta o Partido-Estado, Pinto de Andrade aguarda há meses que o Governo reconheça legalmente aquela organização.

Pág. 11



Eurico Vasconcelos

Telheiras por cumprir - A urbanização municipal de Telheiras foi uma bela promessa. Um projecto pensado para um terreno completamente devoluto, onde era possível erguer um bairro pensado com inteligência, qualidade, uma marca da cidade dos anos 80-90. As promessas de equipamento social, espaços verdes, harmonia arquitectónica foram esquecidas pela EPUL. Na imagem um aspecto do empreendimento do Alto da Faia, qualquer coisa ao estilo «J. Pimenta».

Págs. 16 e 17



Entrevista com Herculano Pombo
Pág. 5

Fogo na Comuna impede estreia de «O Bando»
Pág. 14

RTP não comenta processos disciplinares
Pág. 14

SIDA na Universidade de Coimbra foi invenção
Pág. 14

Suplemento Literário

De Klerk e Mandela preparam o futuro

A reunião desta tarde entre as delegações do ANC e do Governo sul-africano vai ser marcada pelo debate de questões concretas tais como os obstáculos que ainda se levantam à revisão da Constituição e, consequentemente, ao fim do *apartheid*. Das conversações de ontem praticamente nada transpirou. O comunicado conjunto limitava-se a referir a

necessidade de se chegar a um acordo entre as partes «sem subestimar a complexidade e as divergências a resolver». Os observadores consideram, no entanto, que o encontro terá incidido essencialmente sobre questões preliminares, desenrolando-se hoje e amanhã as verdadeiras negociações.

Pág. 10

Artur Jorge pode deixar selecção

Pág. 24



Lusa

A APAP promoveu congresso para se afirmar como «a voz e a cara da indústria publicitária», num momento de mudança institucional, mas também de meios e métodos de trabalho

Publicidade procura enfrentar novos desafios do mercado

Aumento da concorrência, revisão do Código da Publicidade e condições de acesso e de exercício da actividade, são algumas das questões que concentram as atenções do 1º Congresso da Publicidade que hoje termina em Lisboa. É uma iniciativa da APAP (Associação Portuguesa das Agências de Publicidade).

João Loureiro, presidente da APAP e vice-presidente do grupo McCann-Erikson/Hora, quer que o Congresso resulte o reconhecimento da associação como «a voz e a cara da indústria publicitária», por parte dos agentes do sector, uma vez que aquela indústria, por seu turno, tem de contar com envolverias várias (política, jurídica, social, económica...) no seu quotidiano. «Ficaremos satisfeitos se a APAP sair do Congresso com visibilidade, notoriedade e credibilidade».

O desenvolvimento institucional da APAP radica no «boom» espectacular em termos de investimento verificado nos últimos anos e deve-se ao surgimento de novos problemas motivados



João Loureiro: «Títulos há muitos. Meios há poucos»

pela globalização da actividade económica.

Valores

Em foco está a prevista mudança de tutela do sector, que passará do Ambiente para o Ministério de Couto dos Santos.

Para João Loureiro «a publicidade, como comunicação e como actividade, tem a ver com um quadro de valores, onde se inclui a defesa do consumidor, mas

onde existe também a defesa da concorrência, a transparência de mercados, a liberdade de informação, a propriedade intelectual... Não fazia sentido que a publicidade fosse tutelada por um Ministério que tutela só um desses valores».

A APAP «considera muito positivo que o membro do Governo que tutela a Comunicação Social faça o mesmo com a comunicação económica e empresarial».

João Loureiro precisa, contudo, que esta apreciação não significa qualquer desvalorização da defesa do consumidor: «Pensamos apenas que o sector tem de ser visto de forma mais abrangente».

A este alegado ordenamento da tutela a APAP quer que se siga o da própria actividade publicitária. O seu presidente apresentou, ontem, a propósito, uma comunicação ao Congresso com a intenção de discutir o estatuto da actividade publicitária e, em particular, as medidas que o Governo está a apreciar.

O presidente da APAP vê «com bons olhos» a intro-

dução da distinção entre comunicação e actividade publicitária, o que acontece pela primeira vez.

O capítulo do projecto de revisão do Código relativo a esta actividade - a das empresas que criam, produzem e distribuem publicidade - é classificado como «medida importante para acabar com as empresas de vão-de-escada».

Estas empresas, refere, aparecem a concorrer no mercado sem estruturas e com um peso importante. Admite mesmo que a proporção entre estas e as 51 empresas associadas na APAP seja de cinco para um.

A questão subjacente é a do implícito aviltamento dos preços.

Com a formalização de um conceito legal de agência de publicidade e a criação de um registo, ao qual só teriam acesso as que cumprissem requisitos mínimos, em cuja definição a APAP pretende ver atendida a sua experiência, a situação poderá mudar.

Extensão

O presidente da APAP

afirma que a publicidade distribui-se basicamente por dois tipos de meios de comunicação: Rádio, TV e Imprensa, de um lado, e marketing directo, promoção de vendas, relações públicas, etc., do outro.

No primeiro tipo referido «temos de ter sempre presente a distinção entre meios e títulos», porque «títulos há muitos, meios poucos». Na base da afirmação está a consideração do meio como o suporte que permite atingir audiências significativas. «São os meios que nos interessam», afirma.

Em relação ao segundo, João Loureiro admite a tendência das agências de publicidade evoluírem para consultoras de Comunicação Social.

Um dos caminhos possíveis, mais do que a diversificação, será a extensão das suas actividades a outras formas e processos de comunicação empresarial.

Esta tendência é, de resto, «espiciada» com o anúncio do surgimento de centrais de compra de espaço publicitário que, na opinião pes-

GRANDE ANGULAR

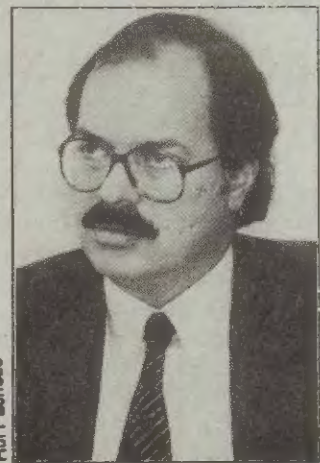
soal do presidente da APAP, dadas as características do panorama dos meios e a dimensão global do mercado publicitário português, não trará benefícios acrescidos aos anunciantes, por comparação com as agências. «Os anunciantes podem resolver os seus problemas no âmbito das agências. Não necessitam das centrais de compra», acrescenta.

Estado-anunciante

Fruto do clima económico favorável dos últimos anos, o boom publicitário encontrou no Estado um dos seus principais pilares. Como efeito, o Estado é já o maior anunciante publicitário em Portugal.

Apesar de considerar ultrapassada a fase de crescimento exponencial, o presidente da APAP prevê a continuação do crescimento deste mercado, se bem que agora de forma «mais branda». Em todo o caso, «crescerá mais do que a média da economia», conclui.

Rui Nunes



Francisco do Amaral: «Não acredito no "consumidor europeu"»

para a sua actividade?».

Beneficiário imediato e principal desta previsível «guerra» entre as centrais e as agências, «o anunciante não está preso pela ideia da entidade "central de compras", até porque as agências estão dispostas a fazer essa mesma actividade», feita até hoje no regime de «compra por atacado».

De resto, «se a actividade de compra de espaço é tão atacada porque é que todas ou quase todas as grandes multinacionais têm estruturas independentes orientadas para essa mesma actividade?».

R.N.

Anunciantes não consideram o seu produto poluente

«A publicidade não pode ser considerada como poluente, porque todos os parceiros intervenientes no processo publicitário querem-na de qualidade», afirma Francisco do Amaral, presidente da Associação Portuguesa de Anunciantes e director da Nestlé Portugal, ao comentar a mudança da tutela ministerial.

«Por uma questão de filosofia e de conceito», a publicidade está mal tutelada pelo Ministério do Ambiente, entende Francisco do Amaral. Tal tutela, diz, pode levar a considerar a publicidade como uma «actividade poluente», o que refuta.

Apesar de recusar qualquer referência ao futuro Código da Publicidade, do qual «ainda não conhecemos o texto definitivo», Francisco do Amaral pensa que a futura tutela deverá reflectir o facto de a publicidade estar ligada a três sectores: Comunicação Social, Comércio Interno e Defesa do Consumidor. E isto «não porque tenhamos mais ou menos problemas

com a tutela do Ambiente», esclarece.

Preocupações

É a revisão em curso do Código da Publicidade que centraliza as preocupações da APAN, estrutura criada em 1988 e cujos 50 associados representam mais de 60 por cento do investimento publicitário feito em Portugal.

Segundo o seu presidente, «boa parte dos melhoramentos» introduzidos do documento «resultaram das nossas sugestões e propostas formuladas em contactos havidos com o Executivo, que manifestou um acordo de princípio sobre as mesmas».

Em termos concretos, são quatro os pontos que estão em causa, além da questão da tutela.

Assim, um deles é a proibição, no projecto inicial, de publicidade a bebidas com mais de um grau. A APAN contrapõe o limite de 22 graus. Excluir ou não a cerveja e o vinho é, aqui, o pomo da discórdia. Por outro lado, enquanto o

projecto inibe o recurso à modalidade publicitária do patrocínio por parte de produtos com publicidade proibida, a associação quer que as empresas que os comercializam, enquanto empresas, não sejam impedidas de o fazer.

Em terceiro lugar, os anunciantes pretendem que seja «uma entidade independente, como a direcção-geral da Comunicação Social» a desempenhar as funções de fiscalização e instrução de processos e não, como está previsto, o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC).

O quarto ponto de discordância reside na atribuição da competência para aplicar coimas. O director do INDC, proposto pelo Governo, é substituído, na proposta da APAN, por uma comissão jurisdiccional, presidida por um juiz, «que pode ter representantes da Comunicação Social e do INDC».

Global marketing

Discutido ontem no Congresso, o «Global marketing»

é um «tema caro» a Francisco do Amaral.

Se admite, em função da abertura europeia, a ocorrência de algumas modificações verificadoras das «tendências para a uniformização económica e política», o presidente da APAN não acredita na figura do «consumidor europeu»: «As políticas de consumo, mais características de cada país, não mudam», afirma. Ou seja, «cada país terá novos hábitos de consumo», mas a «unificação de hábitos será muito difícil».

Os efeitos da globalização far-se-ão sentir ao nível dos spots publicitários mas aqui «até uma empresa multinacional terá forçosamente eixos de comunicação diferenciados, conforme os países onde actuar».

Dependente, em todo o caso, do tipo concreto de produtos em causa, «a abertura não será tão decisiva quanto possa parecer». Por adquirido dá apenas «o desenvolvimento do conceito», que será mais acentuado do que até agora.

A novidade oriunda da referida abertura, pela qual os anunciantes estão «ansiosos», é a introdução no nosso País do sistema de medição electrónica de audiências na televisão, que deverá ocorrer ainda este ano (ver artigo nestas páginas).

Centrais de compras

Questão polémica no sector é também a hipotética implantação em Portugal de centrais de compra de espaço publicitário, que procederiam à aquisição directa, nos vários meios, de espaço para os anunciantes, a quem proporcionariam preços mais baixos, dado aquele espaço ter sido comprado «por grosso».

Para o presidente da APAN, que falou sobre este assunto em termos pessoais, a questão é simples: «No fim, do que é que se fala? Que as condições que nos são oferecidas vão melhorar. Isto é decorrente da adaptação às regras do mercado europeu. Porque é que as agências de publicidade haveriam de ter um protecção especial



Fernando Real: «Liberdade para as empresas, liberdade para os consumidores»

Domínio pacífico do espaço público

«Sem uma gigantesca operação de informação e sensibilização - servida, muitas vezes, por métodos explicitamente publicitários - 1992 não seria possível». Lucas Pires expressou este entendimento na abertura do I Congresso de Publicidade, iniciado ontem em Lisboa, e identificou-o como «uma característica do mundo moderno - o domínio pacífico do espaço público». O eurodeputado democrata-cristão afirmou então que «em regime de pluralismo democrático, a publicidade é a regra e o segredo a excepção».

Fernando Real, ministro do Ambiente, precisou as «traves-mestras da política de publicidade que o Governo tem empreendido» através da expressão «liberdade para as empresas, liberdade para os consumidores».

Em todo o caso, disse, «defender a

liberdade de iniciativa não é o mesmo que pactuar com os seus abusos», a propósito do que referiu a recente directiva comunitária sobre o exercício da actividade de radiodifusão televisiva, da qual resulta um novo regime para o patrocínio (sponsoring). A intenção do novo regime é «obstar a que este instrumento possa ser utilizado em ordem à frustração das demais regras do sistema... ou em benefício do fornecimento de certos bens ou serviços cuja publicidade é proibida».

Na ocasião, este responsável governamental, que estava acompanhado de Macário Correia, enunciou o princípio segundo o qual «defender o consumidor, não é, de forma alguma, atitude paternalista do Estado ou, como pretendem alguns, o reconhecimento de menoridade intelectual dos portu-

gueses. Pelo contrário, trata-se de garantir novos Direitos do Homem, de afirmar, na lei e na vida, uma nova dimensão social da Cidadania». O ministro não deixou, contudo, de incluir entre os desafios com que Portugal se confronta nesta década «a recuperação do atraso económico, social e cultural do nosso povo».

João Loureiro, presidente da Associação Portuguesa das Agências de Publicidade, entidade organizadora do evento, realçou a «dimensão universalista, globalizante e de pluralismo científico-tecnológico da Publicidade», o que o leva a ver a actividade publicitária como algo mais do que um sector económico em crescimento, cujo volume de negócios ascende a 60 milhões de contos.

R.N.

Consumidor não pode ser enganado

«Não somos contra a publicidade. Só queremos que a informação dada seja verdadeira», afirma Fátima Fernandes, dirigente da Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO), ao manifestar a «maior perplexidade» com o processo de revisão do Código da Publicidade e lamentando que a DECO não tenha sido convidada para participar no I Congresso da Publicidade.

Na revisão do Código, que já dura há quatro anos, «o Governo tem dado indicações de que não sabe o que quer, não se sabe bem porque». As versões apresentadas, pormenoriza, têm sido sempre diferentes. Mais grave é o facto de a DECO só ter tido conhecimento oficial da última versão.

Porém, além das questões próprias do aspecto legislativo, Fátima Fernandes põe em cima da mesa outras mais ligadas à publicidade em si, ao consumo, ao consumidor e ao desempenho do Estado.

Assim, diz: «Consideramos que a publicidade é necessária e serve os interesses dos consumidores, mas se não for verdadeira lesa os interesses dos consumidores e das outras empresas concorrentes no mercado».

A informação é o ponto central na publicidade e para o consumidor. A sua ausência, afirma Fátima Fernandes, é uma das «grandes falhas» que existe.

As eventuais restrições derivadas da protecção do consumidor não são entendidas como «moralismo». «As restrições não são atentados aos direitos dos cidadãos. A questão é a do esclarecimento». Se este prima pela ausência, o apelo ao consumo faz o resto...

de mãos» ao INDC não faltam. Por norma, desabafa a dirigente da DECO, quando há problemas «ou as pessoas pagam voluntariamente ou ganham, se vão a tribunal».

Surge, desta maneira, lugar à questionação da vontade política em fazer cumprir o estipulado. Os processos, especifica, são sempre algo complicado, pela complexidade técnica inerente e pelos interesses grandes e poderosos que podem afectar, o que torna indispensável uma preparação devida e impossível de alcançar na situação existente.

Fátima Fernandes vai ao ponto de dizer que se não há vontade política para proporcionar ao INDC a instauração de processos, então não vale a pena este fazê-lo.

A própria associação tem no seu currículo a experiência do que significa interferir com grandes interesses: o contrato que lhe permitia a realização do programa televisivo «Gato por lebre» foi denunciado por a DECO ter referido, numa das emissões, a existência de publicidade encapotada na própria Televisão.

Exemplos deste «amarrar



Fátima Fernandes: consumidor está pouco informado

meios não têm sido disponibilizados» pela Secretaria de Estado do Ambiente, apesar do discurso oficial insistir na importância destas funções.

Sem dinheiro para poder actuar à altura das suas responsabilidades, o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC) parte limitado, inibido e em desigualdade para os confrontos jurídicos que o opõem a firmas onde os aspectos técnico-financeiros não são problema que impeçam a realização dos objectivos.

Exemplos deste «amarrar

COMENTÁRIO

Apelos ao consumidor

«Da mesma maneira que a sociedade da Idade Média se equilibrava em Deus e no diabo, assim a nossa se equilibra no consumo e na sua denúncia». Esta a constatação de Jean Baudrillard ao dissecar a sociedade de consumo em que vivemos ou que repetidamente nos anunciam. A publicidade vive no mito da abundância, assumindo-se como máquina e discurso geradores do consumo. É uma actividade económica poderosa e um meio de comunicação de massas de grande impacto.

Em Portugal, o mercado publicitário cresceu de forma pouco comum nos últimos anos, crescimento tanto mais significativo se tivermos em conta o baixo investimento em publicidade verificado até aos primeiros anos da década de 80. E sobretudo se comparado com o que é constável na maioria dos países da CEE. Apesar disso, estamos ainda longe dos níveis de investimento publicitário da nossa vizinha Espanha, por exemplo.

As agências de publicidade ganharam entre nós um peso económico relevante, ainda que sem igual peso institucional. Estão agora a tentar fazer valer os seus interesses numa altura em que se sente a necessidade de reajustar o quadro legal da actividade publicitária. A concorrência aumentou e as mensagens ganharam subtilidade e promovem produtos que nem sempre respeitam os direitos do consumidor. Os casos do tabaco e do álcool têm motivado acesa polémica em termos de enquadramento publicitário.

Neste capítulo, a legislação portuguesa está ainda longe de ter acompanhado a evolução deste mercado, seja em termos de estratégias de difusão, seja na produção da própria mensagem. Há muito dinheiro e muitos interesses em jogo: dos anunciantes, das agências, dos meios de comunicação social e, finalmente (ou primeiramente), o dos consumidores. Ao Estado cabe-lhe, ou deveria caber-lhe, harmonizar posições e, sobretudo, defender o interesse geral.

E o interesse geral, como dizia António Sérgio, é o interesse do consumidor.

A transferência da tutela da actividade publicitária da área da defesa do consumidor para a da comunicação social é uma reivindicação crescente das agências. Defendem que a publicidade é, antes de mais, um meio de comunicação social. O que nem deixa de ser verdade. Só que, não é menos verdadeiro o objectivo primordial perseguido por esta actividade: agir sobre o receptor (como consumidor) e, com maior ou menor subtilidade ou requinte estético, influenciá-lo a aderir, a consumir. Quantas vezes, parafraseando de novo Baudrillard, «negando a racionalidade económica da troca mercantil sob os auspícios da gratuidade».

O Governo tem dado mostras de algum rigor quanto à regulamentação das regras a que devem obedecer os diferentes operadores deste mercado, ainda que prevaleçam alguns desajustamentos legais quanto ao acesso e exercício de actividade.

Apesar disso, não deixa de ser curioso que o Executivo não tenha apoiado devidamente o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor,

órgão que deveria dispor de mais eficazes meios para acautelar os direitos dos receptores das mensagens da «abundância prometida». Ao contrário, parece querer evoluir-se para uma diluição dos seus poderes por várias instâncias, de modo a conferir maior margem de manobra a quem anuncia. A revisão do Código da Publicidade, ainda em curso, esclarecerá todas as dúvidas.



António José Teixeira

POLÍTICA

Abecasis e Deitado disputam liderança do CDS de Lisboa

Abecasis é apontado em diversos quadrantes centristas como o sucessor de Ramada Curto para a presidência da concelhia do CDS de Lisboa, cujas eleições decorrerão amanhã. Mais de dois mil democratas-cristãos preparam-se para votar nas mais renhidas eleições dos últimos anos.

Abecasis escreveu uma carta aos militantes da capital, jantou ontem à noite com representantes de vários núcleos de Lisboa, numa primeira «contagem de espingardas» que, segundo alguns observadores, lhe é favorável.

Costa Deitado, apontado como «próximo da actual direcção», é, contudo, temido pelos aliados do ex-presidente da Câmara de Lisboa. Recorde-se que no último congresso do CDS apresentou uma moção, vindo a desistir em favor de Manuel Monteiro/Ricardo Vieira. A candidatura deste professor da Universidade Aberta de Lisboa acaba por surpreender.

Costa Deitado terá recusado integrar, como vice-presidente, a lista de Abecasis para a concelhia de Lisboa.

Meios centristas ouvidos pelo «DL» admitem que elementos que apoiaram a lista que Freitas do Amaral apresentou no Congresso para a Comissão Política, entre eles Telmo Correia e Ricardo Sá-Gomes, terão impulsionado a candidatura de Costa Deitado à concelhia de Lisboa.



Abecasis

Abecasis avisa

A candidatura de Abecasis a este órgão foi, durante bastante tempo, mantida no «segredo dos deuses», mas vários responsáveis centristas estavam ao corrente do seu interesse, sobretudo depois que Ramada Curto anunciou a sua desistência, em virtude de um processo disciplinar por alegada violação do acordo PS/CDS no município de Lisboa.

Nessa medida, Abecasis tratou de avançar a sua candidatura, avisando alguns companheiros de tal intenção, antes de partir para a Índia, ainda em pleno Congresso centrista. Conversou com Costa Deitado, ao qual comunicou a sua decisão.

Da lista de Costa Deitado fazem parte, entre outros, Manuel Damásio - outro centrista que apresentou uma moção ao Congresso, vindo a abdicar em última análise a favor de Freitas do Amaral -, Paulo Marques, Maria Gentil Martins e Paulo Núnico. Telmo Correia, «repescado» por Freitas para a Comissão Política, depois de derrotado por Martin Freitas na presidência da Juventude Centrista, é um dos candidatos a delegado à Comissão Distrital.

Abecasis inclui na sua lista vários elementos da «sensibilidade» de Manuel Monteiro, privilegiando alguns dos seus ex-colaboradores na Câmara Municipal de Lisboa na vice-presidência. Entre eles, o comandante Pinto Machado, Pedro Feist, Luís Duque, da Fundação Cidade de Lisboa, Luís Nobre Guedes (gestor do «Independente») e João Navega (secretário-geral da Confederação do Comércio).

Freitas poderá ter alternativa

A possibilidade de Freitas do Amaral ter um programa de governo alternativo ao que mandou elaborar a uma comissão do CDS está a ser considerada por parte da «sensibilidade» afectada a Manuel Monteiro. Há duas semanas, Freitas do Amaral recebeu Manuel Monteiro e Nobre Guedes, solicitando-lhes a maior colaboração para a elaboração do programa centrista.

Manuel Monteiro não se comprometeu a integrar a comissão, devendo, contudo, dar uma resposta até ao fim deste mês; justamente no período em que decorrerão as eleições para a Assembleia Distrital de Lisboa do CDS, às quais a sua «equipa» se prepara para concorrer, propondo para a presidência Luís Queiró, que integrou a lista de Monteiro para o Conselho Nacional do CDS.

Júlio Rodrigues

Ponte 25 de Abril vai ter cinco faixas rodoviárias

PS apanha ministro prevenido

A Ponte 25 de Abril poderá contar com mais uma faixa rodoviária a partir do próximo Verão. Essa é a proposta que o novo ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações «leva na manga» para o debate que esta tarde se inicia na Assembleia da República, proposto pelo Partido Socialista.

A ponte passará assim a dispor de cinco faixas de rodagem através de uma operação aparentemente simples: o levantamento da divisória central que separa os dois sentidos de circulação. Ferreira do Amaral, segundo soube o «DL», pretende efectuar esta operação nos próximos três meses, sem prejudicar o tráfego nas restantes faixas. Curiosamente, pelo que apurámos, o PS prepara-se para defender esta tarde a mesma solução.

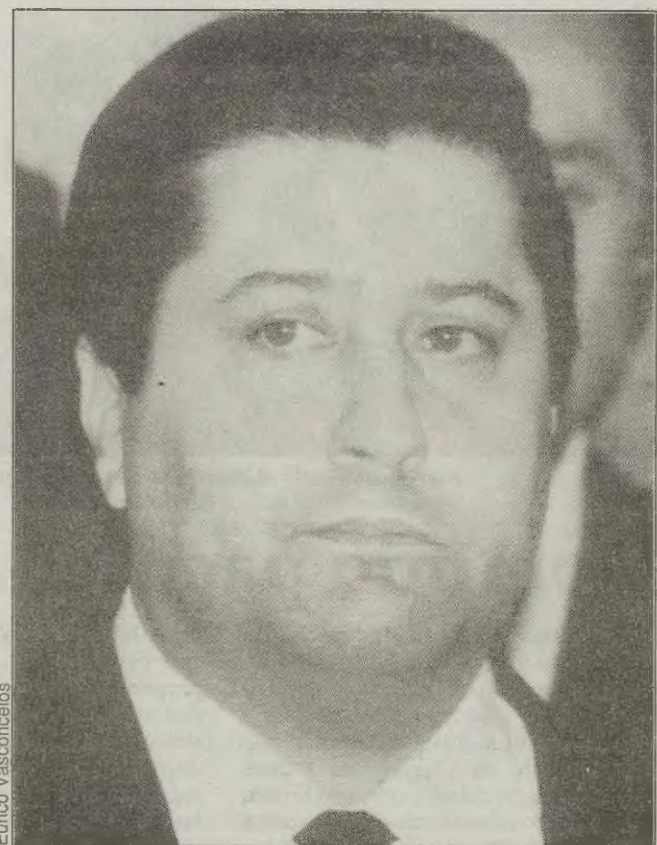
Apostando em questionar o novo titular dos Transportes logo na sua segunda semana de exercício nesta pasta, o PS pretende confrontá-lo com um problema delicado, tentando mostrar à opinião pública eventuais vulnerabilidades da governação.

A problemática do atravessamento do rio Tejo e das infraestruturas regionais envolventes perante o previsto alargamento do tabuleiro da Ponte 25 de Abril e a opção pela construção de uma via ferroviária são os assuntos a merecer destaque no plenário parlamentar de hoje.

O PS pretende sensibilizar Ferreira do Amaral para o alcance e as consequências de uma decisão a tomar pelo Governo. Daí que, como afirmou ao «DL» a deputada socialista Leonor Coutinho, tenha sentido a necessidade de alertar o ministro para o problema.

Para o PS, a ferrovia é uma opção prioritária e é a solução que poderá resolver os problemas do futuro. Leonor Coutinho, que intervém no debate desta tarde, considera mesmo que «não se deve fazer nada que inviabilize o atravessamento da ponte por um comboio de passageiros».

Também o ministro Ferreira do Amaral parece alertado para o problema do aproveitamento ferroviário.



Ferreira do Amaral responde pela primeira vez no Parlamento, como ministro das Obras Públicas

Pelo que o «DL» pôde apurar, esta é uma prioridade que está a considerar e a que se propõe dar seguimento a breve prazo. A.J.T.

II congresso começa amanhã em Braga

ANAFRE quer ser parceiro social

O regime de permanência dos autarcas das freguesias constitui o «prato forte» do II Congresso da ANAFRE (Associação Nacional de Freguesias), a realizar entre amanhã e domingo em Braga.

A questão adquiriu especial relevância após a polémica decisão tomada em Março pelo Grupo Parlamentar do PSD de retirar o projecto que apresentara na Assembleia da República. Em causa, para os edis de base, está o direito a um tratamento semelhante ao de outros titulares de cargos públicos, auferindo uma remuneração digna. É, aliás, nestes termos que o problema é colocado, na moção de estratégia que a comissão organizadora vai submeter à reunião magna da organização. Os autarcas das freguesias manifestam, assim, a sua disposição de pôr um definitivo ponto final na «carolice».

No único documento já apresentado, reivindica-se o estabelecimento de escalões de permanência de acordo com a categoria das freguesias e a definição, pelas próprias assembleias de freguesia do número de eleitos a tempo inteiro e parcial. Por outro lado, a moção considera que «um dos 'nós górdios' da situação das freguesias passa pelo reforço dos meios financeiros à sua disposição», reconhecendo modestos.

A ANAFRE reclama o aumento da percentagem de transferências orçamentais do Fundo de Equilíbrio Financeiro, legalmente fixada num mínimo de dez por cento e defende que a cobrança de determinadas taxas e licenças passe a ser afectada àqueles órgãos autárquicos. A questão da falta de verbas com que se debatem as juntas volta aliás - coincidência ou não - a subir ao plenário da Assembleia na próxima terça-feira. Será discutido, por iniciativa do PCP, o regime de competências e meios financeiros das freguesias.

As formas de luta a consagrar para combater este estado de coisas não estão ainda definidas em absoluto. Recentemente, o presidente da Junta de Paranhos, no Porto, admitiu a hipótese de as freguesias entrarem em greve, mas a organização guarda mais prudência. «Recorrer à greve ou a outra solução é questão que certamente será analisada», afirmou ao «DL» Fátima Sombreiro, presidente da Assembleia de Freguesia de Nossa Senhora do Monte, Montemor-o-Novo.

«Parentes pobres»

A moção analisa alguns dos «dramas» com que se debatem as freguesias portuguesas. A maior parte, condenada a uma situação de «parente pobre» do poder autárquico, depende das câmaras, o que reduz a sua eficácia. Não faltam os casos de autarcas que desempenham funções em horário pós-laboral e juntas de freguesia que nem de sede dispõem.

Olhada com desconfiança pelo poder político e mesmo pela Associação Nacional de Municípios - tal atitude voltou a transparecer no mais recente congresso desta entidade - a jovem organização tarda a ganhar estatuto político.

Em Braga, jogará também a afirmação da sua identidade. Que passa necessariamente pela expansão - a ANAFRE representa, neste momento, pouco mais de mil das quatro mil freguesias do País. Que passa pela aquisição do estatuto de parceiro social e, paralelamente, pela «normalização» das suas relações com a ANMP, cujo novo presidente, Mário de Almeida, participa no congresso. «Não contestamos a ANMP. Procuramos é uma colaboração estreita com ela», garante Fátima Sombreiro.

Paulo Martins

PS de Setúbal

José Reis demitiu-se

O líder do PS de Setúbal apresentou ontem a sua demissão do cargo, durante uma reunião da Comissão Política distrital, alegando desconfiança da parte do Secretariado Nacional.

Para José Reis, tal desconfiança foi materializada na nomeação de Joel Hasse Ferreira, também candidato a secretário-coordenador, para mandatário distrital da moção de Jorge Sampaio ao congresso do partido. O deputado, antigo apoiante de Jaime Gama, anunciou que se recandidatará, em Junho próximo, à liderança da Federação sadina. A Comissão Política solicitou a José Reis a permanência no cargo até à próxima reunião, a 19 de Maio.

Preparativos do Congresso

Termina hoje o prazo da entrega de listas de candidatos a delegados ao IX Congresso Nacional do Partido Socialista.

Na reunião magna dos socialistas a decorrer no Porto, nos dias 25, 26 e 27 de Maio, vão ser eleitos 1600 delegados. Por inércia vão participar 200 delegados. Esta situação, que nos últimos congressos tem levantado polémica, deverá ser tratada criticamente por algumas moções.

Demissionário da Direcção dos Verdes, Herculano Pombo insiste na tentativa de alargar o espaço do partido ecologista, a começar pela apresentação de uma candidatura autónoma nas eleições presidenciais

«Coligação com o PCP não é dogma de fé»

«Não está no meu horizonte político voltar ao Parlamento, nem em listas próprias nem em listas acompanhadas», garantiu o deputado Herculano Pombo, em entrevista ao Diário de Lisboa, comentando a sua iminente saída do Parlamento e a situação interna dos Verdes que, em boa medida, a precipitou. O líder parlamentar dos ecologistas defende, sem hesitações, a apresentação de uma candidatura autónoma do seu partido à presidência da República e anuncia que não desiste da política, ainda que noutro plano:

«Não me vejo na vida sem intervir politicamente» disse, «mas há uma coisa que me atrai muito: a política local autárquica e, se possível, regional».



«Há uma coisa que me atrai muito: a política local autárquica», confessa Herculano Pombo

Diário de Lisboa—Você tem falado, ultimamente, em problemas de identidade do seu partido e há quem veja neles a razão última da demissão da Comissão Executiva e a anunciada saída do Parlamento. Que problemas são esses?

Herculano Pombo—São problemas que se foram agudizando com a exigência das pessoas. Nós surgimos, essencialmente, como agentes parlamentares, como agora se diz, numa altura em que a consciência ecologista em Portugal não tinha ainda condições para justificar um partido com representação parlamentar. Foi uma solução um pouco forçada mas veio a provar-se que foi um processo, apesar de tudo, justo. O nosso espaço alargou-se e, hoje, o problema põe-se ao contrário: existe um espaço, existem associações e existem ecologistas...

Solicitações são hoje maiores

DL—...agora só falta um partido ecologista autónomo...

HP—Não, não falta. As solicitações das pessoas é que são hoje, em tal ordem e complexidade que ficamos impossibilitados de dar resposta à grande maioria delas. Por isso sentimos uma grande angústia e a necessidade de alargar e crescer e de intervir politicamente de uma forma diferente. A nossa política tem sido dar resposta a estímulos: um partido não pode estar à espera desses estímulos e deve antecipar-se aos acontecimentos.

DL—Isso não passa por privilegiar as associações ecologistas, em prejuízo do vosso relacionamento estratégico com o PCP?

HP—Nós sempre tentámos aproximar-nos das associações ecologistas: alguns contactos saldaram-se por

inêxitos, onde a animosidade era muito grande, outros resultaram em êxitos totais. Associações houve que compreenderam que dispunham de uma voz no Parlamento e a podiam utilizar, gostassem ou não da forma como ela vinha enroupada. Algumas passaram a utilizá-la com mais frequência. Temos participado em acções conjuntas com as maiores associações ecologistas - do GEOTA à Quercus e da Liga para a Protecção da Natureza, ao Núcleo Português para a Protecção da Vida Selvagem - e também outras mais pequenas, como os Amigos do Tejo. Ultimamente é que os contactos e as acções conjuntas têm diminuído.

A necessidade de iniciativa política

DL—São efeitos da suspeita de domínio crescente dos Verdes pelos seus militantes comunistas?

HP—Esse foi um factor inibitório inicial e contra o qual tivemos que lutar, para desfazer a ideia que as pessoas faziam de nós. Agora a questão é outra e resulta da necessidade de darmos às pessoas mais do que lhes estamos a dar. Nomeadamente, temos de nos envolver em grandes iniciativas políticas e alargar o espaço em quantidade e qualidade.

DL—A aparentemente frustrada candidatura Verde às eleições presidenciais seria uma dessas iniciativas?

HP—Eu sempre disse que seria um momento fundamental e continuo a pensá-lo. Apesar da decisão contrária do Conselho Nacional, a diferença mínima de votos e a ausência de conselheiros nacionais, que partilham da minha opinião, indicia clara-

mente que a opinião maioritária no partido é favorável à apresentação de um candidato autónomo, com uma dinâmica própria e já a partir de agora, independentemente do que os outros partidos dissessem ou fizessem. Isso era fundamental para atrair a nós os ecologistas: muitos esperam que nós abramos, um pouco, a porta para entrarem e darem a sua participação.

DL—A recusa de candidatura às presidenciais inviabiliza as listas próprias nas legislativas?

HP—Eu penso que não. Nenhum dirigente dos Verdes afirmou publicamente que o que está em causa é a aliança actual com o PCP. Há, sim, alguns dirigentes que afirmam não ser essa aliança um dogma de fé, nem é eterna. As hipóteses estão todas em aberto: a de renovar esta ou a de a desfazer. É legítimo alterar o cenário actual: o que é ilegítimo é tentar escamotear os cenários e, quando eles se impuserem, não estar preparados para eles.

Presidenciais: o separar das águas

DL—Que consequências provocou internamente a decisão sobre as presidenciais?

HP—Essa questão não está encerrada mas vai consciencializar e aproximar os ecologistas da província, que estavam um pouco desligados. Vai também juntar as pessoas à volta de interesses. As águas estão separadas: de um lado, os que querem fazer dos Verdes um grande partido ecologista; do outro os que aceitam ficar eternamente dependentes de um partido dos chamados grandes, que nos oferece dois ou três lugares e com isso nos contente-

mos. DL—A primeira opção, implica romper o abraço do PCP...

HP—Não sei se implica ou não. E se implicar, há que fazê-lo. Essa questão está em aberto e merece ser estudada até às últimas consequências.

DL—O sector favorável à coligação já é, de facto, dominante nos Verdes?

HP—Olhando para os dirigentes actuais do partido e para os militantes e simpatizantes, de um lado e do outro, temos de reconhecer que os militantes mais activos e os melhores quadros dos Verdes estão do lado dos que querem ousar e assumir os riscos de uma política autónoma, séria e consciente.

Maria Santos abriu a janela

DL—Aceita que a intervenção parlamentar foi decisiva para o crescimento dos Verdes?

HP—Criar o respeito pelas nossas posições e as nossas intervenções, não foi fácil, mas acho que o conseguimos, sem pretender louvar a causa própria. Para isso foi muito importante o trabalho da Maria Santos, quando esteve sozinha no Parlamento. Ela abriu um espaço de simpatia e uma janela sobre a realidade portuguesa em termos de não haver hoje nenhum português que a não conheça e não a identifique com o projecto ecologista.

DL—Pessoalmente, acha que também contribuiu para alargar esse espaço?

HP—Vim para aqui com muitas ilusões e com muita vontade de aprender - toda a gente sabe que sou um modesto professor de aldeia - e faço um balanço positivo da minha participação. Mas há muita angústia por não terem sido dados os passos no terreno correspondentes aos passos dados no Grupo Parlamentar.

DL—Se eleito em lista dos Verdes, com legitimidade própria acrescida, admite regressar à Assembleia da República?

HP—Eu não tenho carências de legitimidade. Era o terceiro da lista da CDU por Lisboa e fui eleito com tantos votos quantos os do primeiro-ministro, 30 e tal mil. Só que a minha família entrou numa fase em que precisa mais de mim em condições de estabilidade e acompanhamento permanente do que precisa de um pai, de um marido ou de um filho que faça uns brilhantes na Assembleia. Por isso não está no meu horizonte político voltar ao Parlamento, nem em listas próprias nem em listas acompanhadas.

Daniel Reis

BREVES

Governadores civis: Executivo não desarma

A «guerra» dos governadores civis continua acesa, pondo a nu conflitos regionais do PSD e testando a capacidade do Executivo de fazer valer as suas decisões. Por ora, o caso de Aveiro parece ser o mais complexo. Assim, enquanto a setubalense Irene Aleixo aguarda a nomeação para comissária para a pobreza na região sul, o homem que o Governo pretende indicar hoje em Conselho de Ministros para Aveiro, Gilberto Madail, está a ser contestado. Sílvia Cerveira, presidente da Câmara de Anadia desde 1976, demitiu-se por não reconhecer «idoneidade moral e ética» ao indigitado. Posição idêntica tomaram, em bloco, todos os órgãos locais do PSD, enquanto o PS de Anadia levantou em comunicado suspeitas de que a decisão se prende mais com questões de gestão autárquica do que com a nomeação de Madail. De salientar que o PSD do concelho vizinho, Mealhada, já se congratulou com a indicação do antigo deputado socialista (hoje na bancada social-democrata), que toma posse segunda-feira próxima. Em Portalegre, a Distrital PSD secundou a posição do Governo, ontem confirmada ao «DL» por um porta-voz oficial do Ministério da Administração Interna: António Teixeira não será substituído, como deseja a Comissão Concelhia do partido. Em Viseu, finalmente, o presidente da Distrital, Luís Martins, afirmou à Lusa estar «mandatado pelo ministro da Administração Interna» para desmentir a notícia segundo a qual o governador civil António Soares Marques será substituído em breve.

Recenseamento eleitoral até ao final de Maio

A actualização do recenseamento eleitoral começou ontem em todo o país e prolonga-se até ao final do corrente mês. No estrangeiro e em Macau o mesmo processo decorre até ao final de Junho. Os cidadãos eleitores deverão, nas respectivas juntas de freguesia, proceder às alterações de residência, bem como os indivíduos que prefezem 18 anos até ao terminus do período mencionado fazer a inscrição nos cadernos eleitorais.

PS contra alteração das incompatibilidades

O projecto social-democrata para alterar a Lei das Incompatibilidades dos Cargos Políticos e Altos Cargos Públicos suscitou o repúdio do grupo parlamentar do PS. Em comunicado, ontem divulgado, os socialistas frisam que «é uma vez mais a tentativa de institucionalizar a clientela laranja com a abertura às acumulações de benesses, rendimentos e compadrios». Segundo o PS, «o PSD quer fazer marcha atrás admitindo agora aquilo que a decência pública proíbe». Com as alterações propostas - acusa - os membros dos gabinetes governamentais poderão exercer funções públicas de gestão.

«Caso Drexel» movimenta PCP

O Partido Comunista deve apresentar hoje na Comissão Parlamentar de Economia um requerimento tendo em vista a divulgação das conclusões da auditoria interna ao Banco Portugal sobre o «caso Drexel». Entretanto, ontem, os deputados do PCP que integram a Comissão Parlamentar da Juventude, Paula Coelho e António Filipe, apelaram à concretização da redução do serviço militar obrigatório, defendendo que ela seja acompanhada por uma reestruturação de todo o sistema.

VIDEOPAX, LDA.

Clube de Vídeo por correspondência. Temos 2000 Filmes à sua disposição. Aluguer e venda directa.

— Solicite Catálogo —
Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214. Telefone 54 05 32 —
1000 LISBOA.

ECONOMIA

Quebra na Bolsa de Lisboa

A Bolsa de Valores de Lisboa registou, em Abril, uma quebra de mercado de cerca de 38 por cento, em relação ao mês anterior, mas um operador citado pela «Lusa» afirmou que «esta situação não constitui surpresa», uma vez que a todas as componentes do mercado secundário apresentaram resultados relativamente fracas de semana para semana.

No mês passado foram transaccionados, na BVL, 9,2 milhões de títulos, do que resultou um volume de negócios de 21,6 milhões de contos, havendo uma baixa permanente de preços no mercado de maior risco, principalmente nas três primeiras semanas. Na última semana começou a desenharse uma ligeira recuperação de cotações, principalmente com a intervenção de investidores estrangeiros.

O mercado de acções, por seu lado, registou um movimento 22 por cento inferior ao de Março, com operações que, mesmo assim, ultrapassaram os 9 milhões de contos. Quanto a obrigações, o movimento de títulos foi de cerca de 6 milhões, para um volume de 7,5 milhões de contos, o que representa menos 35 por cento que em Março.

Devido à fragilidade do mercado de maior risco, era suposto que a vertente obrigacionista fosse mais expressiva, o que não aconteceu.

Também os títulos de participação registaram uma quebra de 21 por cento, relativamente a Março, com um total superior a 900 mil contos negociados.

Gasoduto Setúbal-Braga vai avançar

Energia mais barata em 1993

Do nosso correspondente em Bruxelas

Os portugueses vão beneficiar de uma rede de gás natural, numa primeira fase entre Setúbal e Braga, em entendimento que deverá estar concluído até Janeiro de 1993. A Comunidade Europeia comparticipa com cerca de um quarto do custo da obra portuguesa, cujo total elevar-se-á a 105 milhões de contos. Vários centros urbanos poderão beneficiar da distribuição desta forma de energia ao longo do trajecto. O gás natural utilizado na indústria custa metade do preço do gás butano. Na utilização doméstica, as tarifas dependerão das políticas de concorrência.

A recepção do gás natural liquefeito será efectuada numa estação, em Setúbal, junto das actuais instalações da Setenave. O gasoduto português obedece a um projecto da autoria da empresa Gás de Portugal e teve consultadoria, nomeadamente japonesa.

Várias multinacionais, como a Shell e a BP se mostraram interessadas em explorar a distribuição. Tudo indica que o empreendimento é o embrião de um projecto mais vasto destinado a abastecer a Galiza.

Assim, Portugal, altamente dependente da Espanha em termos de electricidade, passaria a gozar de uma estabilidade energética de que não

dispõe em relação ao país vizinho. Paralelamente, a comparticipação comunitária neste projecto tem em conta a necessidade dos países periféricos de beneficiarem de energias alternativas, até agora privilégio dos países mais desenvolvidos da Europa.

Parte de leão

A exploração do gás natural em termos de distribuição apresenta-se como um negócio rendível e a construção do gasoduto pode constituir um polo aglutinador do desenvolvimento regional. Segundo opinião do comissário Cardoso e Cunha, responsável pelo pelouro da Energia, em Bruxelas, é necessário criar hábitos de consumo entre a população. Assim, numa primeira fase, o «pipeline» será utilizado para transporte de ar propano. Este tipo de energia é mais cara que o gás natural pelo que, logo que este seja injectado na rede, obterá a preferência dos utentes.

O gasoduto provocará um incremento de algumas actividades ligadas à construção civil. Para já, é necessário que as habitações tenham em conta a possibilidade de permitirem o abastecimento do gás natural. Nesta perspectiva, as autarquias deverão desempenhar um papel importante, incentivando os municípios para a utilização deste forma de energia.



Cardoso e Cunha: «Portugal pode ter parte de leão»

Na reunião ordinária de ontem, a Comissão Europeia aprovou a concessão de uma verba global de 300 milhões de ECU (aproximadamente 50 milhões de contos) para projectos de estabelecimento de redes de gás natural em três países membros: Portugal, Irlanda e Grécia.

Em declarações prestadas ao DL, Cardoso e Cunha afirmou «não ser de excluir que, em face ao adiamento dos projectos portugueses, caiba a Portugal a parte de leão do montante». O gasoduto para transporte de gás em alta pressão poderá vir a interligar-se com a rede da Galiza. Ao longo do percurso alimentar-se-á vários centros urbanos, para os quais se estão a constituir consórcios para exploração dos direitos de concessão. Os referidos consórcios englobam muitos interesses locais, nomeadamente mu-

nicipios e empresas privadas. «Compete agora às autoridades portuguesas, ao mesmo tempo que formalizam a apresentação de projectos em Bruxelas, o estabelecimento do quadro de concursos para atribuição das diferentes concessões», disse o comissário Cardoso e Cunha.

Manifestou ainda a opinião de que Portugal tem a «oportunidade única de dar um grande salto tecnológico no consumo de energia que é vital para a indústria e extremamente importante para as economias domésticas e fazê-lo em condições que se aproximam das existentes nos países da Europa Central, com os quais a integração europeia nos obriga a competir».

E acrescentou: «Não faria sentido manter obrigações de competição entre as empresas portuguesas e as do centro da Europa se, à partida,

não tivéssemos condições de concorrência equilibradas. Passará a haver condições para que o preço da energia seja incomparavelmente inferior àquele que é praticado em Portugal».

Ligações possíveis

O projecto que constituirá a espinha dorsal de transporte de gás natural no nosso País abre possibilidades de expansão, nomeadamente procurando abastecimentos a Espanha, via Aveiro, ou via Algarve para Huelva e até admite uma ligação para a Argélia e Marrocos, por Gibraltar. Esta última hipótese constituiria a concretização de um «sonho» europeu. Admite-se que o consumo de gás natural na Europa venha a aumentar de forma explosiva, pelo que devem ser encaradas novas fontes de abastecimento.

Segundo nos foi afirmado em Bruxelas, a Comissão defende a necessidade de se efectuarem investimentos na Argélia e em Marrocos, por forma a não permitir o isolamento político daquelas regiões. Por outro lado, começam a esboçar-se dúvidas quanto à operacionalidade soviética em termos de produção de gás. Finalmente, com alguma preocupação, constata-se que as maiores reservas estão no Irão e no Catar.

José Rui Cunha

O Congresso de Turismo procura a unidade dos empresários hoteleiros para ultrapassar problemas existentes, entre os quais a falta de acesso aos fundos comunitários

Especulação imobiliária prejudica hotelaria

A especulação imobiliária e a falta de apoio dos fundos comunitários estão a impedir que sejam construídos mais hotéis em Portugal, afirma Manuel Telles, presidente da Associação dos Hoteis de Portugal, organizadora do VIII Congresso Nacional de Hotelaria e Turismo que hoje se inicia em Ponta Delgada com cerca de 300 participantes. «Será um marco forte na defesa do sector, que passa por uma maior unidade dos empresários hoteleiros», comenta aquela individualidade.

«O turismo, mais do que nunca, exige congregação de esforços e encontro de vontades para se ultrapassar os problemas existentes», afirma Manuel Telles que se antecipa ao congresso nalgumas críticas.

Segundo ele, o turismo não tem beneficiado dos fundos estruturais da Comunidade Europeia de forma vantajosa para a sua modernização e desenvolvimento.

«Aquilo que tem sido atribuído ao turismo, nomeadamente à hotelaria, não passa de um simples subsídio sem expressão e, ainda por cima, a contagotas», afirma, acrescentando ser essa a razão porque não aparecem novas unidades hoteleiras.

Por outro lado, menciona «a exagerada e incontrolada especulação que se verifica na venda de terrenos apropriados para a construção de hotéis», os quais, diz, atingem «valores nunca imaginados».

Outros problemas apontados por Manuel Telles respeitam à falta de recursos humanos profissionalmente aptos e à actual lei de exercício da actividade hoteleira, a qual, considera, «não serve o sector por ser demasiado restrictiva».

Algarve

sem qualidade

Manuel Telles referiu-se também ao Algarve, considerando «ridículo» apregoar-se que oferece grande qualidade, quando se sabe que a região «não reúne condições suficientes de infra-estruturas, apoios em termos de saúde, boas comunicações e telecomunicações que satisficam convenientemente os turistas».

Juntando-se às críticas do presidente da associação sectorial, Elidérico Viagas, director de uma unidade hoteleira algarvia, considera que, a manter-se a actual política promocional do Algarve, terão de ser as empresas a tomar a iniciativa e disponibilizar os meios ne-

cessários à divulgação da região. no estrangeiro.

Por outro lado, Carlos Gonçalves Luis, presidente da Federação das Actividades Turísticas e de Animação de Portugal, afirma que «não podemos propagandear o chamado turismo de qualidade do Algarve quando a maior parte dos alojamentos é constituída por apartamentos e outras habitações que não foram construídas conforme as normas exigidas para a utilização turística e que não são explorados por profissionais de hotelaria».

No entanto, acrescenta, apesar de uma certa concentração de construções turísticas e paralelas em algumas zonas, o Algarve «ainda está longe da saturação, quer espacial, quer motivacional».

Açores

aproveita

A região dos Açores está a aproveitar a realização do congresso em Ponta Delgada para se promover como destino turístico. Ainda ontem, foi proporcionada aos congressistas uma visita à ilha de São Miguel, ao mesmo tempo que as autoridades regionais procuram sensibilizá-los para os atractivos do arquipélago.

INTERNACIONAL

Na sede da NATO

Ministros dos Dezasseis analisam unificação alemã

Do nosso correspondente em Bruxelas

Os dezasseis membros da Nato estão reunidos a nível de ministros dos Negócios Estrangeiros para debater o encontro «2+4», que se realiza no sábado, em Bona, e a Conferência de Segurança e Cooperação Europeia, marcada para Novembro, em Paris. A deslocação de James Baker à Europa permitirá abordar a evolução das negociações sobre o desarmamento convencional e nuclear. Esta tarde, o secretário de Estado da Defesa norte-americano voltará a encontrar-se com o Doze dos Dezasseis com que neste momento está reunido. James Baker abordará, mais uma vez, a segurança europeia, sobretudo numa fase em que a Comunidade se embrenha em estudos avançados no domínio do controlo espacial, para poder dispor de meios próprios de vigilância. Este progresso, com base no satélite «Hélios», está a ser feito a nível de nove países-membros, ou seja, aqueles que se integram na UEO (União da Europa Ocidental), onde Portugal e Espanha passaram recentemente a dispor de estatuto de membros de pleno direito.

Como habitualmente, as reuniões da NATO não dispõem de uma agenda. Na sede da organização, em Evers, não tiveram dificuldades em referir como prováveis assuntos a tratar, a unificação alemã, as relações Leste-Oeste, a Conferência de Segurança e Cooperação Europeia e a redução das forças convencionais.

James Baker, a anteceder a conferência «2+4» (as duas Alemanhas, mais os Estados Unidos, União Soviética, França e Inglaterra), que se realiza no sábado em Bona, Atlântica, é o destino dos 380 mil soldados estacionados em território Leste-alemão.

Na sede da NATO, em Bruxelas, os especialistas afirmam-se esperançosos numa resolução rápida do problema, com a promessa ocidental de transformar a NATO numa organização mais política. Os soviéticos entendem não fazer sentido a manutenção daquela estrutura de defesa nas actuais condições, pelo que preconizam uma redução dos seus potenciais bélicos, mas igualmente a transformação da sua própria essência. Assim, segundo Shevardnadze, é descabido o desenvolvimento de um novo míssil americano na Europa.

O ponto de vista dos Estados Unidos é diferente: o desequilíbrio entre a quantidade de mísseis é abissalmente favorável aos soviéticos. Algumas estimativas apontam 88 para 1200. Outras apontam para uma relação de 88 para 2400.

Encontro no Reno
Como habitualmente, as reuniões da NATO não dispõem de uma agenda. Na sede da organização, em Evers, não tiveram dificuldades em referir como prováveis assuntos a tratar, a unificação alemã, as relações Leste-Oeste, a Conferência de Segurança e Cooperação Europeia e a redução das forças convencionais.

James Baker, a anteceder a conferência «2+4» (as duas Alemanhas, mais os Estados Unidos, União Soviética, França e Inglaterra), que se realiza no sábado em Bona,



James Baker reúne-se esta tarde com os ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO

terão um encontro bilateral com o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético.

Nas margens do Reno, amanhã, Baker e Shevardnadze limarão algumas arestas que permanecem latentes nas relações entre as duas potências sobre a integração da RDA na RFA e, consequentemente, na Aliança Atlântica.

Lituânia em Bruxelas

Informação colhida pelo «DL» permite adiantar que no encontro desta tarde, entre os ministros dos Doze Estados-membros da CEE e James Baker, deverá ser abordada a questão da Lituânia. A Comunidade irá dizer ao secretário de Estado norte-americano que não tomará nenhuma medida que possa desestabilizar ou contribuir para as dificuldades que se deparam ao líder soviético. Os Doze estão convictos que a segurança na Europa está neste momento dependente do êxito ou do fracasso da

política de reformas empreendidas por Gorbachev. Assim, nada fará no sentido de lhe criar dificuldades acrescidas. A Comunidade entende que um desaire de Gorbachev corresponderia a uma situação extremamente preocupante na Europa e nada fará para que isso ocorra. Inclusive, alguns dos ministros dos Negócios Estrangeiros, que se encontram em Bruxelas, preconizam um endurecimento na atitude do líder soviético em relação aos movimentos autonomistas.

Assim, tentarão dissuadir os Estados Unidos de uma política de sanções contra a União Soviética com base nas reivindicações da Lituânia. Na verdade, os Doze nunca acreditaram que George Bush tomasse, de facto, uma decisão nesse sentido. As suas pseudo-ameaças foram interpretadas como uma «manobra» política destinada a não ter consequências.

José Rui Cunha

B R E V E S

EUA vão exportar mais tecnologia para o Leste

O Governo norte-americano anunciou ontem que vai eliminar e reduzir as restrições que limitam a exportação de tecnologia avançada para a União Soviética e países do Leste da Europa. O anúncio, que ocorreu após uma série de pressões dos países ocidentais aliados para anular os referidos controlos, afectará 43 das 120 categorias de material tecnológico, cuja exportação está proibida ou submetida a um conjunto de regras.

Pentágono quer eliminar armas nucleares na Europa

Os EUA planeiam retirar brevemente algumas armas nucleares da Europa e pretendem que o Kremlin concorde em suprimir todo o arsenal nuclear estacionado em terra na região, notícia hoje o jornal Washington Post. Citando destacados responsáveis norte-americanos, o jornal adianta que o secretário de Estado James Baker informará os ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO sobre estas propostas durante um encontro a realizar hoje na sede da Aliança em Bruxelas.

CEE aumenta auxílio a cinco países do Leste

A Comissão da CEE aprovou hoje um plano destinado a alargar a acção do «Grupo dos 24» à RDA, Bulgária, Jugoslávia, Checoslováquia e Roménia. A decisão surge na sequência do acordo entre os líderes dos Doze obtido no passado sábado na cimeira de Dublin.

Manifestantes romenos já não contestam Iliescu

Os organizadores da manifestação que há 11 dias seguidos decorre na praça da Universidade, em Bucareste, afirmaram ontem que, afinal, o seu objectivo não era a demissão do presidente interino, Ion Iliescu. Os manifestantes, ontem em número de dois mil e 500, têm pedido, entre outras coisas, a exclusão de antigos comunistas da vida política.

Sequestro do FBI afecta relações México - EUA

O recente sequestro de um médico ginecologista mexicano em território do seu país, por agentes do FBI, e o seu posterior envio aos EUA para ser julgado por suposta cumplicidade no assassinato de uma agente da DEA (força policial norte-americana anti-droga) em 1985, está a levar as relações do México com o seu vizinho do norte a um ponto em que já se fala de ruptura de alguns acordos bilaterais, como, por exemplo, o da luta contra a droga.

No dia 26 de Abril, o vice-presidente Dan Quayle, durante a sua visita ao México, discutiu com o presidente Carlos Salinas esta situação. Nesse mesmo dia a polícia mexicana tinha detido quatro pessoas entre as quais um cidadão norte-americano, agente da DEA, acusadas do rapto do médico Humberto Alvarez.

Salinas está a ser pressionado fortemente para defender até ao limite máximo o seu compatriota sequestrado, mas por outro lado a política dos EUA em relação à América Latina, continua marcada pela intervenção. Embora já não tenham capacidade para derrubar Governos por telefone (como no passado), os Estados Unidos continuam a intervir activamente, como demonstram Granada, o Panamá e a Nicarágua. Essa política foi de alguma maneira legalizada por um decreto de Bush, autorizando os agentes do FBI a sequestrar pessoas em qualquer parte do mundo e levá-las a julgamento nos EUA - como neste caso do médico mexicano - quando a Justiça norte-americana o considerar necessário. É legalizar a ilegalidade.

A reacção do México foi enérgica como era de esperar, ajudada pelo sentimento anti-americano de um país que no século passado perdeu pela guerra metade do seu território para os EUA. Pára no ar a hipótese de este caso ter consequências mais graves do que o simples rompimento de acordos bilaterais.

André Martin

Letónia prepara independência

O Soviete Supremo da Letónia inicia hoje uma sessão de que poderá sair, amanhã, um pacote legislativo que dê início ao processo de independência desta república báltica, anexada pela União Soviética em 1940.

A Letónia não deverá seguir o exemplo da vizinha Lituânia, que a 11 de Março declarou a independência, mas ainda não é conhecida a solução que irá adoptar para abrir caminho à independência. «Apreciamos o

que a Lituânia fez, mas não podemos fazer o que eles fizeram», declarou Janis Jurkans, porta-voz da Frente Popular da Letónia, o principal movimento nacionalista da república. A Frente detém 128 lugares no Parlamento, menos

seis que os dois terços necessários para ter o seu controlo. Terá que recorrer ao apoio de pequenos grupos mais radicais, mas perderá capacidade de manobra frente a Moscovo. A agenda inclui também a eleição de um primeiro-ministro e de um presidente favoráveis à independência, e um programa de ajuda à Lituânia. A solução poderá ser idêntica à da Estónia, que a 30 de Março abriu um período de transição para a independência.

Bush recebe Prunskiene

O Presidente norte-americano, George Bush, recebe hoje, durante meia hora, a chefe do Governo da Lituânia, Kazimiera Prunskiene, em visita privada aos EUA.

VIVA A ALEGRIA

Alegre Show Infantil que está a percorrer o País, não deve deixar de oferecer este espectáculo às crianças da sua localidade.

Preços especiais para Câmaras, Juntas de Freguesia, Escolas e Comissão de Festas; SHOW com Música — Canções, Ilusionismo, Palhaços, Ventriloquia, Grupo Tempo Útil, etc...

Solicite a nossa Cassete Vídeo com todo o Show Filmado ao VIVO.

Reservas pelos Telefones: 54.05.32 - 54.33.12 - 989.45.84 - 92.75.50.93, ou: — VIDEOPAX - ESPECTÁCULOS, Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214 — 1000 Lisboa.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48550	51550
ALEMANHA FED. (marco)	87830	88850
ÁUSTRIA (schilling)	12540	12560
BÉLGICA (franco)	45043	45293
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126815	128865
(notas de 5 a 1000)	126865	129615
DINAMARCA (coroa)	22895	23835
ESPAÑHA (peseta)	18354	18474
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147830	150880
(notas de 5 a 1000)	147880	151830
FINLÂNDIA (marca)	37900	37560
FRANÇA (franco)	26805	26875
HOLANDA (florim)	77560	78570
IRLÂNDIA (libra)	235845	239845
ITALIA (lira)	8108	8123
JAPÃO (itene)	8889	8944
NORUEGA (coroa)	22855	23805
REINO UNIDO (libra)	24250	247500
SUÉCIA (coroa)	24810	24860
SUÍÇA (franco)	106885	102835
VENEZUELA (bolívar)	28619	38419

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

INTERNACIONAL

A compra desses cupões falsificados levou-a agora à prisão

Emigrante portuguesa nos EUA enriquece à custa de senhas de desconto

Do nosso correspondente em Washington

É uma emigrante portuguesa, tem 34 anos e suscita mais atenções dos órgãos de informação de expansão nacional norte-americanos do que Rosa Mota, Mário Soares ou Cavaco Silva combinados. Chama-se, o mais americanamente possível, Connie Arvidson e, apesar da onda de simpatia gerada em seu redor, acaba de dar entrada num estabelecimento prisional da Flórida para cumprir uma pena de dois anos e três meses de cadeia.

Connie, mais conhecida pela «Connie dos Cupões», é considerada culpada num caso de falsificação de cupões de desconto, no valor de 40 mil dólares. Os cupões de desconto são em si uma instituição nacional nos EUA, constituindo por vezes uma praga de que dificilmente se livram os consumidores menos entusiastas. Os referidos cupões são geralmente publicados nos jornais de domingo, de onde podem ser recortados, mas aparecem também pelo correio, num convite-admitam-se - a mais das vezes aliciante dos mais diversos produtos. Anualmente, a totalidade das empresas norte-americanas emitem cerca de 267 mil milhões de cupões, atingindo um valor global aproximado de três mil milhões de dólares. E, se para uns esses rectângulos feitos promessa de desconto nada valem, para outros, menos fiéis a marcas,

eles constituem um benefício difícil de menosprezar num orçamento familiar apertado. Connie foi, de certo, longe de mais na sua ânsia, mas o certo é que, antes de ter sido envolvida nesta fraude, se revelou uma exímia beneficiária do sistema. Nesse ponto, todos estão de acordo e por isso, também, os destaques na imprensa e a rara oportunidade de surgir num dos programas de maior audiência da televisão americana: o «Donahue Show», o mesmo que entrevistou Mandela em directo, o mesmo cuja emissão foi feita a partir de Moscovo para assinalar a abertura.

Filha de operário em busca do «sonho americano»

Connie emigrou com os seus pais para Nova Iorque no fim dos anos 60. Filha de um operário, viveu depois a sua juventude em Bridgeport, no Estado do Connecticut, tendo abandonado a escola na décima classe para arranjar um emprego numa fábrica. Cedo casou e em breve ficou grávida de Ângela, a sua única filha. Para suplementar o salário do seu marido, David Arvidson, um marceneiro, a jovem emigrante portuguesa começou a recorrer aos cupões de desconto para, segundo diz, poder «por alguma comida na mesa», enquanto ficava em casa a tomar conta da filha. Foi assim, primeiro. Mas, depois este jogo da poupança fascinou-a. Conjugava então os cupões dos supermer-

dos com os descontos dados pelos fabricantes, recortando as provas de compra das embalagens e recebendo em troca, pelo correio, cheques de pequeno valor, mas que somados ajudavam o seu magro orçamento. Depressa percebeu que aquele negócio de tostões poderia valer mais. Então, para além dos cupões que conseguia decidir vasculhar o lixo dos supermercados em busca de provas de compra. Mais tarde contratou os dois homens do lixo do seu bairro para lhe arranjar embalagens usadas e a própria Connie passou a fazer expedições nocturnas aos caixotes do lixo. Conta ela que aqueles pequenos cheques de um ou dois dólares por embalagem pareciam insignificantes, assim à primeira vista. Mas, enviados às centenas, a sua caixa do correio depressa se assemelhava à caixa de um banco, garantindo-lhe um rendimento anual rondando os 40 mil dólares (livres de impostos).

A «Exxon» pagou-lhe clírgia plástica ao nariz e aos seios

Na sua fúria em colecionar o maior número possível de provas de compra, Connie foi acumulando quantidades enormes de caixas e de garrafas vazias. Encheu a garagem da casa onde vivia e passou então a utilizar a oficina do marido. Apesar dos benefícios decorrentes da actividade da mulher - uma casa no valor de 100 mil dólares, um «Chevrolet Corvette», um «BMW», para

além da carrinha utilizada por Connie nas suas expedições diárias, o seu marido disse «basta» e separou-se. Mas não foi por isso que a portuguesa deixou cair os braços: vai daí, casa-se com Kevin, irmão mais novo do ex-marido e expande a sua actividade.

Foi quando leu um anúncio da «Exxon» oferecendo cinco dólares por cada lata de óleo vazia de um determinado tipo. Connie fez as contas: cada caixa tem 20 latas, logo ali estão cem dólares. E chamou-lhe um figo. Os empregados das estações de serviço, ao princípio, estranhavam que uma mulher jovem e bonita andasse para ali a revolver o lixo mas, acabaram por simpatizar com ela e, alguns passaram mesmo a guardar-lhe as latas vazias. Bom, mas a «Exxon» limitava a oferta a um «xis» por cada agregado familiar. Connie ultrapassou essa dificuldade: pôs anúncios em publicações especialmente destinadas a colecionadores de cupões, vendendo cada duas provas de compra por um dólar. «Era uma obsessão», no entanto, que o dinheiro que obtinha da multinacional petrolífera lhe deu para pagar as operações plásticas que fez aos seios e ao nariz.

O «ABC» da poupança, segundo a «Connie dos cupões»

Transformada assim numa figura nacional, dias antes de iniciar o cumprimento da sua pena de pri-

ção, Connie Arvidson foi convidada a demonstrar ao «Washington Post» o seu «ABC» da poupança. É uma reportagem de duas páginas, profusamente ilustrada. A jornalista conta que Connie chega à caixa do supermercado e a sua conta totaliza 157 dólares e 63 centavos. É então que os cupões entram em acção. E a empregada começa a subtrair, «ding», «ding», «ding» e o total a pagar passa a ser de 19 dólares e 72 centavos... Connie confessa que, conjugando estes descontos com o dinheiro que consegue dos descontos dos fabricantes acabaria por receber no correio perto de 50 dólares em pequenos cheques! Por meios perfeitamente lícitos, porque o que a levou à cadeia foram cupões falsificados que comprou a um fornecedor. Connie diz ignorar que os cupões eram falsos, mas o facto é que as autoridades descobriram que, só nos últimos seis meses, a portuguesa havia comprado entre 30 a 40 mil dólares de cupões que, revendendo, lhe dariam um lucro calculado em 80 mil dólares. Sem apelo nem agravo, apesar das simpatias, Connie acaba de dar entrada numa prisão da Flórida, onde reside nos últimos anos. Mas vai confiante, porque segundo confidenciou ao «Washington Post»: «Na prisão, posso ensinar a utilizar os cupões. Há um responsável pelas compras e talvez ajude a poupar algum dinheiro, se me deixarem tratar dos cupões».

Filipe Vieira

Cuba em estado de alerta contra «ataque dos EUA»

Cuba anunciou ontem oficialmente que pôs em estado de alerta as suas Forças Armadas Revolucionárias (FAR) na expectativa de um «ataque de surpresa dos EUA». O alerta é especialmente dirigido para os militares que estão na zona de Caimanera, onde está enclavada a base norte-americana de Guantanamo. Tropas navais dos EUA estão a fazer manobras nesta base, incluindo, segundo os cubanos, «provocadores exercicios» de fuzileiros pertencentes à 82ª Unidade Aerotransportada, a mesma que participou na invasão do Panamá, e operações do tipo «Defex», que visa a retirada de civis das instalações de Guantanamo.

Tudo começou em 20 de Abril, quando os Estados Unidos iniciaram as manobras «Aventura Oceânica» no Mar das Caraíbas. Prolongando-se até sábado, elas integram um desembarque de tropas em Porto Rico e exercicios navais em Guantanamo no extremo oriental de Cuba. Segundo as FAR, estão envolvidas na «Aventura Oceânica», para além da 82ª Unidade Aero-transportada, a 101ª Unidade de Assalto Aéreo, numerosos barcos de guerra e centenas de aviões, entre os quais caças e bombardeiros estratégicos B1B e B-52.

Reagindo às manobras em Guantanamo, Havana anunciou ontem que também fará manobras, denominadas «Escudo Cubano», em que participam tropas regulares, milícias de tropas territoriais e brigadas de defesa. No comunicado das FAR lê-se: «A presença de tropas norte-americanas configura uma situação perigosa que só pode compreender-se à luz da crescente hostilidade e das continuas acções agressivas e de provocação do Governo dos Estados Unidos contra Cuba. Neste contexto, estão a ser adoptadas medidas preventivas a fim de evitar qualquer ataque de surpresa».

A este comunicado seguiu-se o anúncio do estado de alerta militar para as forças estacionadas nas imediações de Guantanamo. Segundo Ramon Chavez, presidente do Conselho de Defesa desta área - Caimanera - «está tudo preparado» para enfrentar um eventual ataque dos EUA e responder com um «duro golpe».

Redacção «DL»/Lusa

Optimismo nas conversações entre o ANC e o Governo Sul-africano

«Abertas e francas» foi como o comunicado conjunto caracterizou, no fim da reunião, a primeira ronda de conversações históricas que ontem se iniciaram entre o Governo sul-africano e os dirigentes do ANC.

Os membros do Governo e do ANC deverão esta tarde, em Groot Schuur, nos arredores da Cidade do Cabo, iniciar o debate sobre questões concretas com vista à revisão da Constituição da África do Sul e do fim do apartheid.

Nas declarações de abertura do encontro, ontem à tarde, tanto o presidente Frederik De Klerk como Nelson Mandela, vice-presidente do ANC, puseram em relevo a necessidade de se chegar a um acordo «sem no entanto subestimar a complexidade e as diferenças das questões a resolver», podendo-se ainda ler naquele comunicado conjunto.

«Viemos para este encontro, não como pedintes ou petiçãoários, mas como concidadãos iguais aos restantes sul-africanos e membros da comunidade internacional, cada vez mais convicta de que o «apartheid» deve acabar sem demora», afirmou Nelson Mandela no seu discurso que antecedeu o início das conversações com o Governo da África do Sul.



Frederik de Klerk e Nelson Mandela bem dispostos, tendo por trás vários elementos das respectivas delegações

Para o líder do ANC a ronda de conversações, que terminará amanhã, é o prenúncio do fim da terrível tradição do diálogo entre o senhor e o escravo.

Por sua vez, apelando ao «sentido da responsabilidade» das partes presentes nas conversações Frederik de Klerk sublinhou que «haverá com certeza dificuldades,

mas existe a fé e a convicção de que os nossos problemas serão resolvidos pela via negociada».

Entretanto, o ANC divulgou uma mensagem de reconciliação com os brancos sul-africanos em que os trata como cidadãos de pleno direito e com quem deseja construir um futuro diferente. A mensagem foi inclusiva-

mente publicada por todos os diários de língua africana, o idioma falado pela maioria dos brancos sul-africanos.

«Estamos decididos a fazer os possíveis e a aproveitar todas as oportunidades para o êxito das conversações de reconciliação», acrescenta o comunicado do ANC.

Redacção DL/APP/Reuter

INTERNACIONAL

Joaquim Pinto de Andrade, presidente da Associação Cívica Angolana (ACA)

Queremos uma democracia sem «divisão do bolo»

O regresso de Joaquim Pinto de Andrade à política angolana é o regresso de um nacionalista histórico. Fundador do MPLA, este ex-pai da Revolta Activa, corrente de opinião surgida no seio do partido em 1974, e foi ele próprio a entregar ao presidente Agostinho Neto, em Abril de 1976, o documento que assinalou a extinção desta facção radical e idealista. Depois, é sabido, vieram as prisões...

Após 15 anos de silêncio, sem qualquer intervenção política conhecida, reaparece na cena política liderando a Associação Cívica Angolana (ACA), organização não partidária, que visa criar um espaço de reflexão e de debate sobre os problemas nacionais e que, de maneira nenhuma, pretende ser alternativa ao Poder.

JPA - Esse caso seria para mim aquilo a que chamo a divisão do bolo, através da qual se aceita a legitimidade exclusiva das armas, quando a maior parte da sociedade angolana não tem nada a ver nem com o MPLA, nem com a UNITA. Mesmo entre aqueles que por vezes se situam no campo ideológico de uma das partes, existem divergências profundas. Portanto é necessário que, neste processo, ambos intervenham juntamente com todas as forças sociais.

DL - Mas é difícil definir quais são todas as forças sociais em Angola...

JPA - Sem dúvida. Por isso mesmo ter-se-ia que estabelecer o modo de constituir e governar o período de transição até à realização de eleições. E então haveria todo um programa a apresentar...

DL - Porém, em certa medida, a sua ideia acarreta essa tal divisão do bolo. Uma vez equitativamente determinados os assentos parlamentares para o MPLA e a UNITA, o jogo de Poder seria então determinado pela influência que uma das partes exerceria sobre os representantes da sociedade civil. O desequilíbrio seria outro, mas igualmente arriscado para a instauração de um novo tipo de regime em Angola...

JPA - Não, de maneira nenhuma. Em linhas gerais o que eu proponho é isto: a

Joaquim Pinto de Andrade - Uma vez estabelecida a paz, deveria haver um período de transição durante o qual se iriam debater as linhas mestras de uma nova Constituição para Angola. Ela não pode ser imposta pelo Partido e pelo Governo que está agora no Poder, assim como não deve ser sequer negociada entre os dois beligerantes. Ela tem que ser discutida com outros parceiros sociais, da sociedade civil.

DL - E se o exemplo de Moçambique, em que ambas as partes do conflito estudam anteprojectos de revisão constitucional, apesar da manutenção da guerra, fosse aplicado ao caso angolano?

JPA - Esse caso seria para mim aquilo a que chamo a divisão do bolo, através da qual se aceita a legitimidade exclusiva das armas, quando a maior parte da sociedade angolana não tem nada a ver nem com o MPLA, nem com a UNITA. Mesmo entre aqueles que por vezes se situam no campo ideológico de uma das partes, existem divergências profundas. Portanto é necessário que, neste processo, ambos intervenham juntamente com todas as forças sociais.

DL - Mas é difícil definir quais são todas as forças sociais em Angola...

JPA - Sem dúvida. Por isso mesmo ter-se-ia que estabelecer o modo de constituir e governar o período de transição até à realização de eleições. E então haveria todo um programa a apresentar...

DL - Porém, em certa medida, a sua ideia acarreta essa tal divisão do bolo. Uma vez equitativamente determinados os assentos parlamentares para o MPLA e a UNITA, o jogo de Poder seria então determinado pela influência que uma das partes exerceria sobre os representantes da sociedade civil. O desequilíbrio seria outro, mas igualmente arriscado para a instauração de um novo tipo de regime em Angola...

JPA - Não, de maneira nenhuma. Em linhas gerais o que eu proponho é isto: a

suspensão da Constituição actual, a criação de um Parlamento de concertação integrado por elementos apontados pelo MPLA, pela UNITA e por outras forças sociais tais como associações cívicas, profissionais, Igrejas, e por aí adiante. Ora, esse Parlamento daria igual representatividade a ambas as partes. Por exemplo, 30 a 35 por cento a cada. Depois, a percentagem restante, distribuída pelas forças sociais, desempataria moções e projectos-lei. É preciso frisar que, após esse período, haveria eleições livres.

DL - As associações de angolanos criadas aqui em Portugal integrariam também esse Parlamento?

JPA - Teríamos que estudar qual a sua implementação social. Muitos desses organismos têm a dirigi-los nomes muito sonantes mas que em nada correspondem ao que a sociedade angolana representa. Mas, voltando à ideia anterior, esse Parlamento de concertação prepararia um projecto de Constituição, escutando todas as sensibilidade. Esse projecto seria depois aprovado nessa Assembleia.

Repare o que aconteceu aqui em Portugal. Depois do 25 de Abril passaram-se dois anos sem que se aprovasse uma nova Constituição. A anterior estava suspensa e o país funcionou na mesma. Nós também podemos funcionar assim.

DL - E que período decorreria até à realização de eleições?

JPA - Dois a três anos. DL - Na última edição da «Terra Angolana», que pertence à UNITA, o movimento de Savimbi manifestou-se contra a proliferação de grupos políticos angolanos criados em Portugal. Que pensa disso o presidente da ACA?

JPA - Não me preocupo minimamente com isso. Eles depois irão medir as suas forças em eleições. Se não tiverem representatividade, não ganharão votos nenhuns. Serão eliminados natu-

ralmente pelo jogo democrático eleitoral. Portanto não há que limitar essa proliferação que preocupa Savimbi nem sufocar a intervenção de quem quer que seja. É preciso que haja criatividade, que haja dez, vinte partidos.

DL - Apesar da manifesta disponibilidade de ambas as partes para prosseguirem as conversações, as acções militares em Angola recrudescem de intensidade. Enquanto a UNITA, alegando duvidar das intenções do MPLA, vai derrubando postes eléctricos em Luanda e Malange e reivindicando ataques a batalhões da FAPLA, o Governo acusa os rebeldes de preparar neste momento, com reforços sul-africanos, uma grande ofensiva à capital angolana. Tudo isto não tende a arrefecer os ânimos mais optimistas?

JPA - Penso que terá que haver uma solução para esse conflito e acredito que, realmente, ambas as partes estão empenhadas em prosseguir as conversações. Agora já não acredito num processo linear e, sobretudo, curto. Mesmo enquanto vão dialogando, continuarão a matar-se, a tentar cada um posicionar-se melhor no terreno de maneira a pressionar e a enfraquecer o outro, até que sejam aceites as suas condições.

DL - Acredita que no interior do MPLA exista uma facção que só aceita uma solução militar para a guerra?

JPA - Esse facto está à vista. Só faz uma guerra quem acredita nela. Mas a paz não consiste num simples cessar-fogo, é necessário prepará-la psicologicamente, de modo a abrir caminho a uma visão convergente do interesse nacional. Há, de facto, pressupostos psicológicos da paz que, neste caso, são a abertura no campo militar do MPLA e da UNITA, de maneira a que haja uma liberdade mínima de expressão para que a sociedade civil se possa manifestar.

DL - O Congresso de Quadros Angolanos foi já um exemplo disso...

JPA - Foi até uma espécie de democracia, em que pessoas vindas de muitos horizontes políticos e sociais, foram capazes de confrontar as suas experiências, de exprimir livremente as suas opiniões, com pouquíssimos atritos. Porque é que estão a negociar? Porque estão ambos cansados. Mas depois respiram, ganham um bocadinho de coragem e voltam a picar-se...

DL - No início deste ano, o MPLA avançou com algumas propostas de alteração ao actual sistema político. Falou na aprovação de novas associações, na revisão constitucional, na despartidarização do Estado, na criação do cargo de primeiro-ministro, e até num referendo com vista a definir um novo regime. De que maneira interpreta essa disponibilidade?

JPA - Francamente, não sei, ou melhor, prefiro não falar disso. Wait and see!

Marina Tadeu

ALFÂNDEGA DO PORTO DELEGACÃO ADUANEIRA DE VILAR FORMOSO

LEILÃO

Para os devidos efeitos se torna público que no próximo dia 16 de Maio, pelas 10 horas, se realiza nesta Delegação Aduaneira, leilão de automóveis para aproveitamento de peças.

Só poderão ser arrematados por sucateiros e demais comerciantes do ramo automóvel, que deverão fazer prova do pagamento da respectiva contribuição industrial.

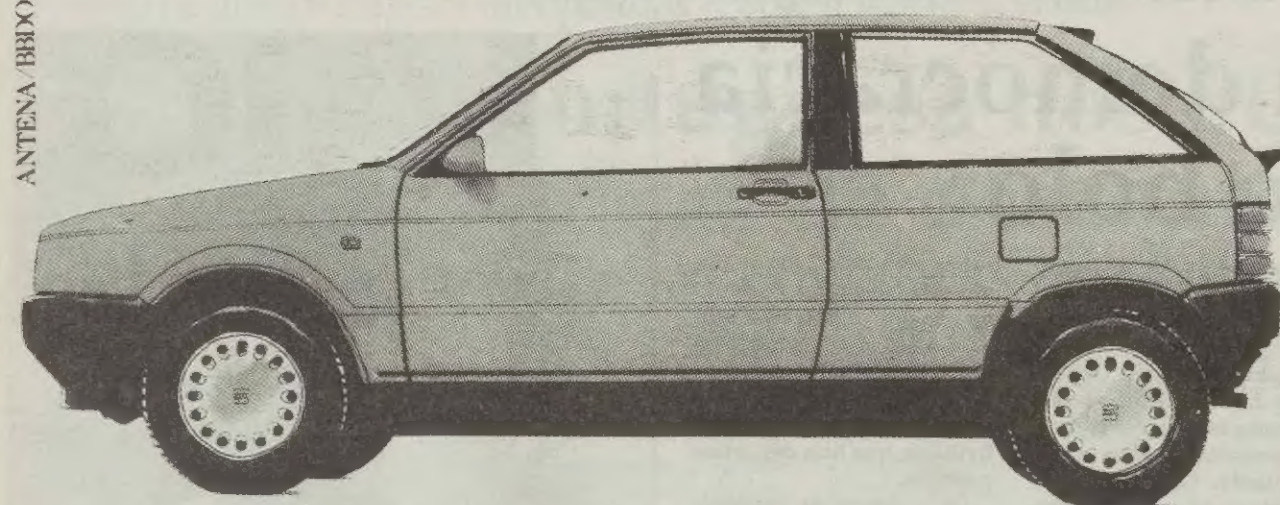
Os veículos serão vendidos por proposta em carta fechada e lacrada (uma para cada veículo devidamente identificado), com valor superior à base de licitação, devendo a sua entrega ser feita nesta Delegação Aduaneira, até às 9h30 do dia 16, imprerivelmente.

Nas cartas deverá constar a identificação do proponente, n.º do bilhete de identidade e morada. O imposto sobre o valor acrescentado (I.V.A.), emergente das arrematações deverá ser pago no momento do levantamento dos veículos.

Os veículos poderão ser examinados nesta Delegação, durante os cinco dias úteis que antecedem o leilão. Delegação Aduaneira de Vilar Formoso, 26 de Abril de 1990.

O Chefe,
Jaime Antunes Ribeiro

ANTENA/BRIO



A PARTIR DE 6 DE MAIO
CONCURSO "MAIS DN."

FAÇA DO 14
O SEU
NÚMERO
DA SORTE.

DURANTE 14 SEMANAS,
GANHE 14 AUTOMÓVEIS
COM OS 14 SUPLEMENTOS
DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS.

CONCURSO "MAIS DN".
MAIS 14 RAZÕES PARA LER
O DIÁRIO DE NOTÍCIAS.
PARTICIPE!

Diário de Notícias



QUOTIDIANO

Incêndio em «A Comuna» destrói sala de ensaios

Um incêndio deflagrou esta manhã no Teatro Experimental «A Comuna», na Praça de Espanha. Um curto-circuito num projecto terá ocasionado o sinistro, que apenas se circunscreveu a uma sala daquela casa de espectáculos. Os prejuízos são avultados, sobretudo para o grupo independente «O Bando» que, no sábado, se preparava para estreiar uma nova peça.

Segundo o tenente-coronel Matias, responsável pelo Regimento de Sapadores de Bombeiros, o incêndio terá deflagrado cerca das nove horas da manhã, e o rápido apelo aos bombeiros terá permitido extingui-lo por volta das 10 horas. O mesmo responsável adiantou que o fogo atingiu essencialmente as instalações eléctricas do edifício, danificando a sala de ensaios e destruído vários adereços.

A «Comuna» tinha cedido aquela sala ao grupo de teatro «O Bando» para os ensaios da peça «A terceira margem do rio», de João Guimarães Rosa, que entraria em cena no sábado. O encenador do grupo, João Brites, disse que a estreia da peça está agora posta de lado e avaliou, por alto, os estragos na ordem dos dois mil contos.

«Esta ocorrência vem alertar para as precárias condições em que funcionam os grupos de teatro independente», frisou João Brites. Aproveitou as perguntas dos jornalistas para denunciar os «miseráveis subsídios anuais» atribuídos pelo Governo, que «só permitem trabalhar com material velho e em salas desadequadas».

Os lamentos fizeram-se ouvir... O secretário de Estado da cultura, Santana Lopes, disse ao visitar as instalações do «casarão cor-de-rosa», após o incêndio, que iria libertar «de imediato» seis mil contos de subsídio atribuído ao «O Bando».

P.S.



Um curto-circuito num projecto provocou o sinistro que destruiu a sala de ensaios em «A Comuna»

Processos disciplinares a jornalistas

Parlamentares discordam de acção da RTP

A Sub-Comissão Parlamentar para a Comunicação Social convocou o Conselho de Gerência da RTP para prestar esclarecimentos sobre a nota de serviço da empresa que pretende impor exclusividade aos seus funcionários mas, de acordo com o presidente da Sub-Comissão, o deputado social-democrata Nuno Delerue, a administração da televisão ainda não comunicou quando pretende deslocar-se ao Parlamento.

O Sindicato dos Jornalistas já foi ouvido. Porém, Delerue considera que, sem conhecer as posições de ambas as partes, a Sub-Comissão não está em condições de emitir uma opinião sobre o assunto, tendo-se, por agora, limitado a aconselhar que a aplicação da medida seja protelada.

Alberto Arons de Carvalho, deputado do PS e membro da referida Sub-Comissão, considera que a RTP não criou condições que obriguem ao cumprimento dos horários e, em alguns casos, está a querer despedir pessoas a quem não dá trabalho há algum tempo.

Para o parlamentar socialista, a televisão está a exigir aos seus jornalistas que se dediquem à empresa a tempo inteiro, sem contudo assinar contratos de dedicação exclusiva e, em alguns casos, sem sequer estabelecer vínculos contratuais sólidos. Arons de Carvalho apresentou já um requerimento sobre esta questão, a que o Governo respondeu dando a entender que não está interessado na assinatura de tais contratos.

Também para Nuno Delerue

a solução adoptada pelo CG não parece ser a melhor. «Não considero brilhante que a RTP esteja a afastar alguns dos seus melhores jornalistas e a colocar sob a alçada de uma directiva apenas alguns profissionais», disse. «Todavia, penso que esta medida tem pelo menos um aspecto positivo, que é o de permitir estabelecer regras claras, principalmente quando se vislumbra o aparecimento da televisão privada».

É isso que leva Arons de Carvalho a considerar esta medida ainda mais absurda. «O Governo está a tratar de despedir alguns dos seus melhores jornalistas, precisamente quando vem a televisão privada», sublinhou.

A 3 de Janeiro, o Conselho de Gerência emitiu uma ordem de serviço na qual invo-

cava o «dever de lealdade» dos seus funcionários, exigindo-lhes que abandonassem os cargos que exerciam em outras empresas jornalísticas. Na sequência desta medida, foram já instaurados processos disciplinares a quatro jornalistas - Maria Elisa, Margarida Marante, Maria Antónia Palla e Diana Andringa - admitindo-se que outros profissionais como José Manuel Barata Feyo, Joaquim Furtado e Henrique Garcia venham a ser objecto de procedimento semelhante.

Instada a comentar este processo, a RTP, através do seu Gabinete de Imprensa, limitou-se a responder que «a RTP não comenta os assuntos internos», recusando-se a dar mais esclarecimentos.

D.S.

Falso rastreio de Sida Academia de Coimbra dispensa coordenador

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC) dispensou a colaboração do coordenador de Gabinete de Apoio ao Estudante na sequência de afirmações que este prestou à Lusa, segundo as quais 600 estudantes teriam feito um rastreio à Sida com resultados alarmantes.

A Direcção-Geral e a Comissão de Estudantes Africanos manifestaram entretanto o propósito de «envidar todos os esforços no sentido de apurar as devidas responsabilidades». João Alves André, estudante de Direito, natural da Guiné-Bissau, disse não estar posta de parte a hipótese dos estudantes africanos processarem judicialmente o ex-coordenador do Gabinete de Apoio ao Estudante. «Se não se conseguir uma sanção adequada no âmbito da Academia, recorreremos aos tribunais», acrescentou.

Estas declarações decorrem do facto do ex-coordenador ter afirmado que o maior número de seropositivos encontraram-se na população africana oriunda dos países de expressão portuguesa. Já se registaram, em Coimbra, casos de marginalização de estudantes africanos, ocorridos na sequência da difusão de tais afirmações.

A Direcção-Geral da Associação Académica divulgou um comunicado em que afirma «não possuir quaisquer dados oficiais ou oficiais» sobre a realização de um rastreio da sida, nem qualquer número de seropositivos na Universidade».

Modernização da Câmara não dispensa funcionários

O «plano integrado para o desenvolvimento da eficácia, transparência e desburocratização dos serviços do município de Lisboa», aprovado ontem na Câmara, por unanimidade, foi apresentado esta manhã à Comunicação Social.

O vereador do pelouro da Modernização e Reorganização dos Serviços, Anselmo Aníbal disse que o programa, de quatro anos, tem entre outros objectivos a melhoria da informação aos municípios, o reforço dos seus direitos, a actualização e racionalização dos serviços e o aumento do conhecimento da cidade, quer pelos seus habitantes, quer pelos que a visitam.

Anselmo Aníbal explicou que o programa se estende por um período de tempo tão alargado por não ser possível, de outro modo, modernizar uma instituição, que é «mais uma holding do que uma empresa» onde trabalham apenas 10 mil funcionários, e há 14 direcções municipais e 33 departamentos, que gastam, anualmente, 50 milhões de contos.

O vereador garantiu, no entanto, que não haverá redução do número de trabalhadores municipais nem a

anulação de serviços. Pelo contrário, referiu que a Câmara vai alargar o leque das suas actividades.

Na mesma ocasião, o Director do Gabinete de Planeamento Estratégico da Câmara, Fonseca Ferreira, anunciou que estão em curso uma série de iniciativas para reordenamento da área metropolitana de Lisboa e da sua zona ribeirinha.

Referiu que responsáveis dos municípios da capital, da Amadora e de Oeiras estão a estudar as formas concretas de livrar Lisboa da sobrecarga de funções terciárias que nela se efectuam, procurando formas de, gradualmente, transferi-las para a periferia. Isso obriga, como explicou, à criação de uma rede viária compatível com os interesses dos diferentes municípios.

Fonseca Ferreira anunciou que responsáveis das Câmaras de Lisboa, Oeiras e Amadora vão reunir-se finalmente para apressar e coordenar o projecto da CRIL, a artéria que fará a ligação da cintura interna de Lisboa. Na próxima semana, disse, deverá haver decisões sobre o troço Algés/Ponteinha - indispensável face à abertura da auto-estrada do Estoril.

Mas, o desenvolvimento do sistema rodoviário não se limita às novas tecnologias.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

QUOTIDIANO

Solução do trânsito em Lisboa passa pelas novas tecnologias

Urge encontrar uma saída para se respirar e circular melhor na capital. A Ordem dos Engenheiros promoveu um simpósio de reflexão sobre o problema

A Ordem dos Engenheiros repensou Lisboa durante um simpósio denominado «Infraestruturas de transportes na região de Lisboa», que termina hoje no Laboratório Nacional de Engenharia Civil e que contou com a presença de diversas personalidades ligadas aos transportes da capital.

A inexistência de um ordenamento do território e dos transportes, a sobrecarga das redes viárias de acesso à cidade e a descoordenação das interfaces foram algumas das constatações desta reunião de especialistas que não deixaram de apresentar soluções para a situação que se vive actualmente.

Segundo Manuel Vieira, director do departamento de tráfego da Câmara Municipal de Lisboa, tudo passa pelas novas tecnologias.

«A utilização das novas tecnologias é um dos grandes desafios para o desenvolvimento da política do sistema de transportes que necessitará, cada vez mais, de escolhas tecnológicas comuns, aplicações coordenadas, sabendo-se que todo o pequeno atraso condicionará fortemente a eficiência dos transportes», salientou este engenheiro.

Como perspectivas de evolução dos transportes com a aplicação das novas tecnologias, Manuel Vieira propõe a adopção do programa DRIVE (Dedicated Road Infrastructure for Vehicle Safety in Europe), uma iniciativa da CEE e que integra três objectivos: melhorar a segurança rodoviária, melhorar a eficiência dos transportes e reduzir a poluição ambiental. Para Manuel Vieira, estes sistemas de gestão integrada trazem benefícios para a ordenação do trânsito em Lisboa.

Um dos sistemas bem conhecido de todos nós é o GERTUDE que, segundo o engenheiro, «já está a funcionar em cinco zonas da capital. Estão, assim, controladas as áreas da Baixa, Cais do Sodré, Marquês de Pombal, Conde Redondo, Praça José Fontana e Avenidas Novas. Haverá que alargar a zona de intervenção às áreas da Av. de Roma, Areeiro, Av. do Brasil e Av. Almirante Reis».

Mas, o desenvolvimento do sistema rodoviário não se limita às novas tecnologias.

Há que modificar e ampliar as infra-estruturas e neste campo Manuel Vieira diz «estar prevista a construção de 20 parques subterrâneos e silos de estacionamento com capacidade para 25 mil lugares, ainda no decorrer deste ano, para além da expansão progressiva da tarificação do estacionamento em superfície nas zonas envolventes aos parques a construir, utilizando máquinas de controlo de parqueamento, ligadas em rede a uma unidade de gestão centralizada, idênticas às instaladas na zona do Chiado».

Ainda em relação aos parques de estacionamento, que ficarão espalhados por toda a cidade, salienta-se o do Campo Pequeno, que será o maior, com uma capacidade de estacionamento para dois mil veículos.

Novos comboios para a linha de Sintra

O tráfego ferroviário da região de Lisboa regista neste momento um dos maiores estrangulamentos relativamente à circulação de pessoas. A linha de Sintra é, sem dúvida, a mais afectada, principalmente nas horas de maior afluência.

Conscientes do problema, Antunes da Cunha, do Nó Ferroviário de Lisboa, disse que «a CP assinou recentemente com a Siemens/Sorelame um contrato de 40 milhões de contos para a aquisição, só para a linha de Sintra, de 42 UQe, com uma primeira trache de 12 unidades, a ser entregue entre Outubro de 1992 e o mesmo mês de 1993».

Neste simpósio, o representante da CP aproveitou ainda para apresentar o ponto da situação, as previsões para os próximos anos e as soluções viáveis.

Antunes da Cunha referiu que «a CP prevê até ao ano 2000 uma evolução demográfica, a nível de tráfego, na área metropolitana de Lisboa para três milhões de habitantes».

Com base nestes números e nos estrangulamentos existentes, a CP tem como objectivos «o desenvolvimento de um sistema ferroviário sub-urbano, articulado com o sistema geral de transportes e com um mínimo de transbordos; a eliminação do principal estrangulamento da rede, na zona de Lisboa, que é o da descontinuidade física



A inexistência de planos de ordenamento do território e dos transportes constitui factor de peso na situação caótica do trânsito lisboeta

entre as duas redes, a norte e a sul do Tejo; a garantia de uma boa saída de Lisboa, para norte, compatível com as demais exigências da actual ligação Lisboa-Porto», acrescentou Antunes da Cunha.

A CP prevê gastar até ao ano 2005 cerca de 233 milhões de contos, caso cumpra os seus objectivos.

Ponte sobre o Tejo ainda em aberto

No plano rodoviário, o panorama não é muito melhor que os tracados anteriormente e os estrangulamentos continuam a ser facilmente constatáveis.

Jorge Almeida Santo, chefe de divisão da Junta Autónoma de Estradas, salientou que «uma boa rede rodoviária, que assegure baixos custos de operação, é condição necessária para assegurar a deslocação de pessoas e mercadorias e permitir melhorar a situação económica das regiões em desenvolvimento. Além disso, uma boa rede rodoviária permite o desenvolvimento de centros urbanos regionais e a expansão dos mercados, e estimula a produção em grande escala, isto é, um transporte rodoviário rápido, cómodo e seguro permite à indústria aumentar a sua produção e as suas zonas de influência».

Tendo em conta esta definição de «boa rede rodoviária», Jorge Almeida Santo apontou quatro objectivos: assegurar o crescimento económico; diminuir os custos de operação, facilitando a competitividade das ac-

tividades económicas; desbloquear as actividades e o desenvolvimento dos centros urbanos; e possibilitar um urbanismo menos concentrado e a melhoria do meio ambiente.

«Para satisfazer estes objectivos era necessário melhorar a acessibilidade aos centros urbanos, ou seja, assegurar a circulação em melhores condições que as actuais», referiu Jorge Almeida Santo.

A área metropolitana de Lisboa ocupa 2,8 por cento da superfície do continente e tem instalada uma população residente de 25 por cento do total nacional. Estes números só por si revelam a excessiva concentração e centralização existentes.

Em termos médios diários, o tráfego que circula em 1985 nos acessos à capital correspondeu a 210 mil deslocações, tendo sido a Ponte 25 de Abril a registar maior volume (67 mil deslocações).

Com efeito, a Ponte sobre o Tejo, tal como diz Jorge Almeida Santo, «constitui o ponto mais crítico que garante o acesso a Lisboa. A sua capacidade está esgotada por aumentos inesperados dos volumes de tráfego. Neste momento, estão em curso os trabalhos preparativos para o seu alargamento e a utilização do tabuleiro inferior para transporte ferroviário».

Urge, de facto, não só encontrar soluções para o tráfego em Lisboa, como colocar em prática os objectivos e desafios que a cidade exige.

Gisela Oliveira

Mês do Coração ensina a (sobre)viver

«Descubra o seu coração» foi o desafio ontem lançado pela Fundação Portuguesa de Cardiologia, na sessão solene na Torre de Belém que assinalou a abertura do Mês do Coração.

A semelhança de anos anteriores, a Fundação elegueu, uma vez mais, Maio como o Mês do Coração propondo-se, através de uma campanha de sensibilização, reduzir significativamente o risco de doença coronária, um verdadeiro flagelo da vida actual.

Segundo as estatísticas, as doenças cardiovasculares são responsáveis pela morte de milhares de portugueses e detêm a mais elevada taxa de mortalidade no país.

A Fundação Portuguesa de Cardiologia, como instituição de solidariedade social, tem por objectivo colaborar na promoção do combate à doença cardiovascular. Para isso, e como acontece há já alguns anos, vem desenvolvendo uma série de actividades destinadas a informar e assegurar à população condições de vida mais saudáveis.

A profundar o estudo dos factores de risco e a sua posterior divulgação continua a ser um dos propósitos da Fundação.

Sabe-se que a hipertensão arterial atinge 20 % dos portugueses e que igual percentagem é vítima de excesso de colesterol no sangue.

Uma alimentação deficiente, a obesidade, o sedentarismo, o tabagismo, a diabetes ou mesmo o stress são algumas das principais causas de doenças cardíacas, tão «em moda» nos países industrializados. De acordo com as estimativas, dois em cada cinco homens sofrerão de ataque do miocárdio antes de atingirem a idade da reforma. As mulheres não estão isentas e tem-se verificado, nos últimos anos, um substancial aumento da doença no sexo feminino.

Coração, há só um. Mantê-lo saudável e funcional, sem necessidade de assistência médica é, pois, um dever. A saúde conquista-se e mantém-se mediante um processo dinâmico e contínuo. A cada indivíduo compete «descobrir o seu coração» e com ele «amigavelmente conviver», mas aos governantes compete criarem as necessárias condições para que todos possam ter não apenas um «bom coração» mas sobretudo um coração bom.

Salão do Cavalo renasce em Vila Franca

O II Salão do Cavalo, a realizar entre 4 e 6 de Maio, em Vila Franca de Xira, conta com o apoio da Comissão Municipal de Turismo e promete reeditar o sucesso do ano passado.

Afastadas as restrições impostas pela peste equina, o certame vai, uma vez mais, permitir o encontro de conhecedores e entusiastas da equitação e, simultaneamente, prestar homenagem a Mestre Nuno de Oliveira, já desaparecido.

A vida e obra de Nuno Oliveira poderão ser apreciadas na exposição evocativa patente no interior do pavilhão e a sua figura recordada no decorrer da gala equestre, no sábado, um dos pontos altos do certame.

O campeonato do cavaleiro traumático amador, o torneio de horseball, as provas de atrelagem ou Manga Livre constituem um desafio e conferem a tradicional elegância ao certame.

Também o concurso do poldro mamão, aberto este ano, às raças puro sangue inglês, árabe, anglo-árabe e anglo-lusitano, cruzado português, sorraia e pôneis, para além da raça lusitana, vai suscitar o interesse de aficionados e criadores da região.

A pista circular, no interior do pavilhão, está reservada para os aspectos culturais e estéticos. Para além da exposição em memória de Mestre Nuno Oliveira, ali terá lugar a animação musical, a gastronomia e o comércio da especialidade, num ambiente de alegria e festa.

No domingo, a atribuição dos prémios e de distinções especiais constituirá a cerimónia de encerramento do II Salão do Cavalo de Vila Franca de Xira.

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

A.M.A.

Auto Monumental do Arco S.A.



Audi

15

Telheiras - uma urbanização traída

Telheiras foi a promessa de uma urbanização exemplar, um bairro globalmente concebido como uma unidade coerente, um modelo integrado de qualidade de vida no interior de uma célula preservada de operações especulativas. Também uma intervenção municipal para oferta de habitação ao alcance da classe média. A prática tem desmentido os propósitos iniciais

O regime democrático do pós-25 de Abril arrisca-se a não deixar testemunho sedimentar da sua organização de cidade em Lisboa, a não ser o de um caos urbanístico, o de uma desenfreada destruição comandada por ferozes apetites especulativos.

Pombal deixou o seu; o fontismo teve uma concepção global de cidade e, com Ressano Garcia e Rosa Araújo, planeia a abertura a norte com as avenidas novas; o fascismo deixou a marca de Duarte Pacheco e mesmo a de uma arquitectura tradicionalista de Rodrigues Lima, Cristino e Raul Lino.

O projecto de urbanização de Telheiras, embora concebido antes do 25 de Abril, teve o seu desenvolvimento depois; isto é, planeado como um modelo exemplar, foi afinal em democracia que se permitiu a sua adulteração. Tendo ao seu dispor uma vasta área de solo municipal, talvez a mais vasta depois dos Olivais e de Chelas, estava-se perante a oportunidade rara de uma intervenção de qualidade urbanística capaz de marcar positivamente a evolução de Lisboa para o Norte.

Foi o que entendeu o arquitecto, autor do projecto urbanístico, Pedro Vieira de Almeida. No texto de apresentação do respectivo plano de pormenor, escrito pelo seu assistente, arq. Augusto Pita, que ainda se encontra ao serviço da EPUL, ficavam bem claras essas intenções:

«Um dos problemas centrais que se procurou resolver em Telheiras foi impedir que uma urbanização agora feita, com um terreno praticamente limpo de construção, ganhasse aquele ar de superficialidade e desenraizamento, car-

acterístico da generalidade dos bairros novos.

(...) Procurou-se ainda e sobretudo, em Telheiras, transferir alguns dos critérios da órbita estrita do alojamento para os níveis globais do habitat. Os custos das infra-estruturas e dos equipamentos colectivos poderiam então ser agravados relativamente aos correntemente praticados em empreendimentos promovidos pelo sector privado.

«Daí a permanente preocupação de otimizar os equipamentos sociais de consumo e investir imediatamente nos equipamentos colectivos como primeiro passo no preenchimento de uma estrutura implantada à cabeça e que progressivamente se completaria de acordo com um faseamento que se desejava técnica e economicamente rigoroso. Daí, também, a preocupação de garantir uma incomum qualidade, tanto das infra-estruturas viáveis e de saneamento como do tratamento dos espaços exteriores, em termos de zonas verdes e espaços livres e, de uma maneira geral, da criação de uma imagem urbana particularmente cuidada.» Entre estes belos propósitos e a realidade presente da aplicação do plano há a enorme distância que vai de um projecto de alta política municipal ao comportamento típico de um especulador imobiliário.

E o especulador usa publicidade enganosa nas suas campanhas de venda, ao prometer nos seus cartazes os espaços verdes que não executa, os espaços livres, que vão sendo ocupados com novas construções ou se transformam em lixeiras. De um cartaz do posto de venda da EPUL respigo: «Telheiras, uma das melhores urbanizações de Lisboa e, também, uma das zonas da cidade com mais baixa densidade populacional / Aqui não se formam engarrafamentos de trânsito, pode-se andar calmamente a pé nas ruas e até praticar jogging! Quem mora em Telheiras não corre o risco de ver surgir, de repente, outro edifício à frente do seu.»

A distância que vai do plano urbanístico aprovado e destas promessas publicitárias à realidade no terreno é a que media entre um plano de qualidade inscrito num novo ordenamento do norte da cidade e uma prática de investidor privado especulativo.

Pedro Vieira de Almeida, o pai da urbanização de Telheiras, é com algum desgosto que olha hoje para



Ao princípio era uma arquitectura premiada com o Valmor...

uma das melhores urbanizações de Lisboa e, também, uma das zonas da cidade com mais baixa densidade populacional / Aqui não se formam engarrafamentos de trânsito, pode-se andar calmamente a pé nas ruas e até praticar jogging! Quem mora em Telheiras não corre o risco de ver surgir, de repente, outro edifício à frente do seu.»

o seu filho desnaturado. Afastado do projecto em 25 de Abril, quase tem evitado olhar o bairro. Acompanhou-nos, quase a contragosto, numa visita.

Fala com muita prudência, como não querendo esgardear feridas mal saradas: «Da evolução de Telheiras, se comparada com as intenções e os objectivos do plano, o que me parece é que se terá perdido progressivamente o sentido de quarteirão, em grande parte o sentido de rua e totalmente o sentido de conjunto. Os edifícios são cada vez mais pensados como objectos isolados e, alguns, de qualidade pelo menos duvidosa.

«Lembro-me que a EPUL foi, inicialmente, criada para ser o agente corrector dos habituais vícios da iniciativa privada. Haverá, eventu-

almente razões administrativas e técnicas, do meu desconhecimento, que justifiquem a evolução verificada, mas não sei se a EPUL está precisamente a cumprir esse papel.

«Parece-me evidente que as intervenções a que se tem vindo a proceder têm, de alguma maneira, desvirtuado as intenções primeiras do plano de urbanização.»

O arq. Michel Toussaint, dos corpos gerentes da Associação dos Arquitectos Portugueses, e residente em Telheiras, também nos diz que se comprometeu a ideia do bairro como célula urbana com todos os equipamentos. Embora sem dispor de dados rigorosos, parece-lhe que a EPUL está a aumentar a densidade de ocupação em relação ao projectado, e mostra-se preocupado com

a falta de estudos relativos aos níveis de ruído sonoro que a abertura da via rápida Norte-Sul vai projectar no bairro e com a falta de painéis de protecção. Acusa a EPUL de nunca ter metido as mãos à obra de construção dos equipamentos sociais, como a escola, os espaços verdes, o centro cívico, os caminhos pedonais sob as vias de comunicação, e teme que tais equipamentos, quando existentes, fiquem sobrecarregados pela utilização dos moradores dos projectos privados, que estão a nascer à volta do bairro.

Exemplo típico do abandono da ideia de modernização urbanística, trocada pela mera estratégia de realização de lucros imobiliários, é a anulação, por parte da EPUL, da construção do Centro Cívico. Previsto para

uma zona central do bairro, num ponto de circulação de peões, de circulações viárias de transportes colectivos, que podia ter exercido uma função complementar da cidade desportiva do Sporting, que lhe ficaria próxima. Em sua substituição vai ser construída uma luxuosa «casa inteligente» para venda a preços altos.

Esse Centro, que ocupava todo um quarteirão, tinha como objectivo, citando o plano, que em 1980 ainda era apresentado na revista «Arquitectura», «criar um espaço público com vida própria, destinado ao essencial a zona de convívio e reunião, trocas comerciais, manifestações culturais e recreativas». E o bairro já demonstrou merecer tal equipamento, na medida em que é dos raros bairros novos

que demonstrou capacidade de mobilização cívica, com uma associação de residentes que, apesar de não dispor de sede, organiza várias iniciativas culturais e cívicas.

E a área do Centro previa zonas rentáveis, pelos vistos não suficientes para a EPUL, como zona comercial, 150 fogos para habitação e escritórios, para além da biblioteca, excelente para apoiar a escola secundária que lhe vai ficar vizinha, e de outros equipamentos públicos, alguns igualmente rentáveis, como cinema, salas polivalentes, restaurantes, cafés e um anfiteatro ao ar livre.

Sobre esta questão declarou-nos o arq. Vieira de Almeida: «Para projectar o centro comercial e cívico foi convidado o Siza Vieira, que não pôde aceitar por ter

outros compromissos e depois foi substituído pelo Manuel Vicente que desenvolveu, aliás, um projecto notável». O projecto que, em 1980, aparece na revista «Arquitectura», ainda de grande qualidade, já não é de Manuel Vicente, mas do arq. Rau. Que tem a dizer a isto a EPUL? Pedimos entrevista à administração. Começamos por falar com arquitectos, responsáveis pela aplicação dos planos, e depois foi designado para nos receber o administrador Hasse Ferreira.

Os arquitectos argumentaram com dificuldades financeiras da empresa, nomeadamente no que diz respeito ao atraso na recuperação do núcleo antigo de Telheiras e na implantação de espaços verdes. Quanto às escolas e ao jardim infantil

endossaram responsabilidades para o min. da Educação, Câmara e Misericórdia.

Hasse Ferreira fala também da crise financeira que a empresa atravessou e teria chegado à situação de falência técnica. Não falamos de possíveis erros de gestão, nem do elitismo de uma empresa, que apenas projecta e comercializa habitação mas emprega quase trezentos trabalhadores, e que teria levado a essa situação, pela qual os residentes estarão a pagar.

O que se vê no terreno é apenas o avanço da construção maça de edifícios, enquanto tudo o mais vai sendo adiado. Hasse Ferreira promete que, em breve, tudo irá mudar. Reconhece que «terá havido desvios ao plano inicial», mas logo promete que «alguns são corrigíveis, não destruindo edifícios, mas operando em zonas não construídas, de modo a restabelecer equilíbrios de equipamento e a responder globalmente a uma revisão atualizada do plano inicial.» E adianta: «estamos no momento exacto para o fazer». Os residentes dirão: ficamos ainda à espera.

Ele insiste que tudo está preparado para avançar, mas entende que a empresa não tem estruturas capazes de responder a uma nova arrancada e que é necessário que a Câmara dê condições para esse avançar com os aspectos mais amplos da urbanização de Telheiras.

De facto, a situação chegou a um ponto crítico que implica uma resposta de carácter político que excede a capacidade e a competência da empresa. É isso que se espera da nova administração municipal.

A.C.

COMENTÁRIO

Ao dr. Jorge Sampaio

Do que fica aqui relatado acerca da evolução urbanística de Telheiras e do comportamento de uma empresa municipal poderá o dr. Jorge Sampaio tirar as conclusões óbvias acerca da distância que vai dos programas e dos planos à prática, acerca da incoerência de uma política municipal, que deveria regular o crescimento da cidade e, quando promotor, se comporta como especulador imobiliário.

Telheiras representou a promessa de uma experiência urbanística exemplar, marca de uma época, tal como a dos Olivais dos anos 50 ou a do Restelo dos anos 60 e 70. Promessa agora sorrateiramente traída, ao arripio dos princípios que referiram o seu lançamento.

Pecados do passado, e em especial da era Abecasis - ripostará. Para resgatar esses pecados é que V. se apresentou ao eleitorado - responderé. Com um programa inequívoco quanto a propósitos de regeneração que implicam, neste caso concreto, travar a degenerescência do bairro de Telheiras, ainda a tempo de alguma salvação, apesar dos rombos do Alto da Faia e do Euromarché, de certas nódoas arquitectónicas e do cerco de projectos privados superdimensionados.

Do texto do seu programa recordo as belas palavras relativas à área norte da cidade: «Para travar a situação de caos urbanístico e dos seus consequentes malefícios sobre a qualidade de vida urbana e ambiental e fazer desta zona um novo centro da cidade e da área metropolitana, onde habitação, equipamentos, emprego, espaços verdes coexistam em benefício dos cidadãos, há que construir um plano de urbanização.»

O que se lhe pede é que reconverte as orientações da administração da EPUL, ainda a equipa da presidência de Abecasis, e faça regressar o projecto à sua pureza inicial.

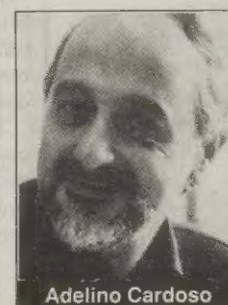
Em nome dos princípios por que se apresentou ao eleitorado e através dos quais estabeleceu um compromisso com a maior parte da população de Lisboa, V. não poderá aceitar que seja a própria administração municipal a negá-los, ali onde tem toda a liberdade para praticar a qualidade de vida que inscreveu na sua bandeira eleitoral. Que tenha alguma dificuldade em disciplinar a actividade privada, ainda se vai entendendo enquanto não criar as regras de ordenamento desta cidade, agora que não disciplina a gestão municipal tornar-se-á de todo incompreensível.

E em nome desses princípios, e em terreno que é da exclusiva responsabilidade da administração camarária, seria manifestação de impotência que não conseguisse aplicar essa outra proposição da sua declaração programática: «Lisboa deverá dar prioridade à valorização dos espaços públicos, apostando na melhoria da qualidade dos equipamentos e ambientes urbanos e no desenvolvimento dos espaços verdes de que hoje carece.» Será este ideário para meter numa funda gaveta onde vão sendo enterradas todas as nossas esperanças?

Politicamente seria desastroso, eticamente condenável. Condenável, porque construindo-se Telheiras em grande parte sobre terrenos expropriados por utilidade pública à população expulsa do núcleo antigo do bairro, destruído um doce recanto de Lisboa, é imoral que tais solos sejam objecto de uma simples especulação imobiliária.

Teríamos então de concluir que as mais-valias resultantes dessa expropriação não reverteriam a favor da cidade, mas a favor dos cofres municipais, e então a declaração de utilidade pública seria uma fraude.

Depois de tudo o que aconteceu às quintas que bordejavam a Alameda das Linhas de Torres, do caos urbanístico em que está a transformar-se o Lumiar, Telheiras poderá ser a ilha redentora que valha a pena salvar, como testemunho de que nem tudo foi negro nesta época de cataclismo em Lisboa.



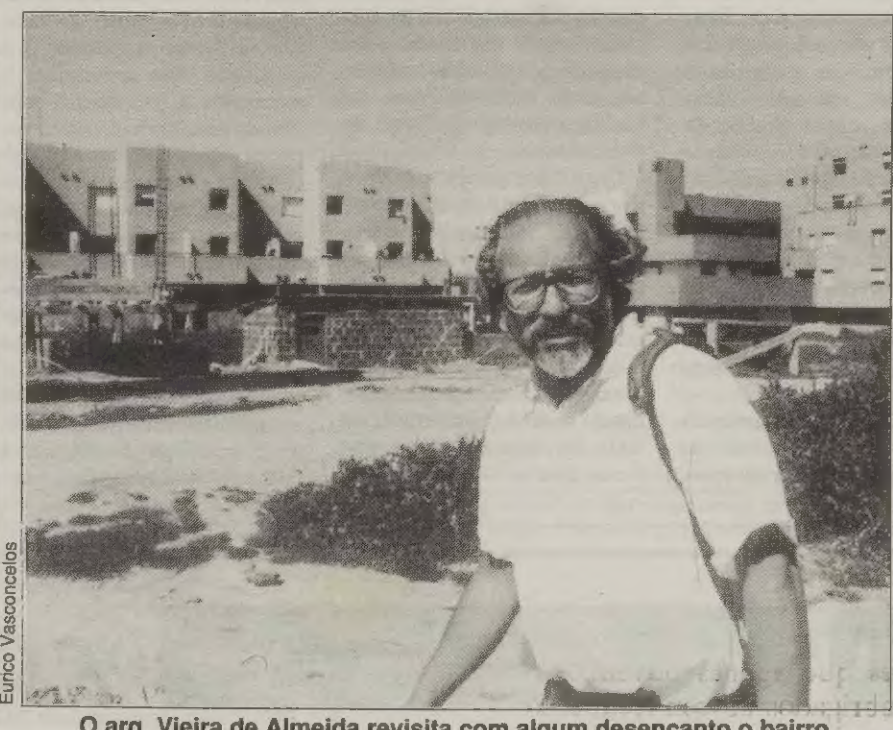
Adelino Cardoso



...agora é o caixote



Alto da Faia - o estilo J. Pimenta



O arq. Vieira de Almeida revisita com algum desencanto o bairro que concebeu



Em vez do espaço verde a lixeira



Para quando a recuperação de Telheiras velha?

QUOTIDIANO

Internos do Santa Maria perdem hábito bom

O director do Hospital de Santa Maria, Miguel Carneiro de Moura, deplorou uma situação que caracteriza como tendente a levar os internos médicos a «deixar de frequentar a Biblioteca» e a começarem «a faltar às reuniões dos Serviços e/ou Hospitais». Em editorial publicado no primeiro número da «Revista do Interno», que amanhã será apresentada ao público, e a que o DL teve acesso, aquele médico acrescenta que «o hábito excelente, tão cultivados nos grandes hospitais americanos, de visitar o laboratório ou os institutos das ciências básicas, tende a rarear».

Segundo ainda Carneiro de Moura, «começa a desenhar-se uma tendência entre os internos para procurar realmente estudar e informar-se fora da instituição, com os estágios e/ou a frequência por vezes mal planificada dos seminários e cursos em sociedades científicas ou em hotéis». O director do Hospital de Santa Maria afirma rejeitar esta perspectiva, propondo que se deva «cultivar e planificar as actividades formativas do Hospital, de forma a evitar esse repetido vaivém», o qual é por si rotulado como «pseudoformativo».

Esta questão integra um conjunto de problemas referenciados por este responsável na referida publicação, a qual, juntamente com a Direcção do Interno, deve servir de pólo para discussão e apresentação de «propostas dos novos modelos do treino dos seus internos».

A «Revista do Interno» é dirigida por Joaquim Soares da Costa, tendo José Marques Inácio e António Soares Franco como adjuntos. Com periodicidade trimestral, a nova publicação inclui, no número de estreia, com 72 páginas, as rubricas Opinião, Atualização curricular, Caso Clínico, Diagnóstico pela imagem, Situações de urgência-protocolos, Resumos e comentários e Notícias.

Seis milhões de contos para hospital particular

Um hospital particular, localizado numa zona de fronteira entre os concelhos de Oeiras e Cascais, vai ser construído por iniciativa de um conjunto de empresas, uma das quais constituída por 37 médicos. A obra, anunciada ontem, em conferência de imprensa, foi orçada em seis milhões de contos, estando a sua conclusão prevista para o segundo semestre de 1992.

Englobando 26 especialidades, o Hospital da Barra vai dispor de 300 camas, 10 salas de operações, hospital de dia, departamento materno-infantil, laboratório de patologia clínica e unidade de cuidados intensivos.

Segundo Fernando Calais da Silva, urologista e presidente do Conselho de Administração do hospital, o estabelecimento «começará a dar lucro entre o sétimo e o décimo ano de entrada em funcionamento». Disse ainda que que todo o pessoal, incluindo o médico, trabalhará em regime de exclusividade, sendo compensado «não só financeiramente, mas sobretudo realizando o sonho de ter condições de trabalho de qualidade».

A ideia do novo hospital partiu de 37 médicos agrupados na sociedade Gesbarra, a que se juntou a Promindústria, sociedade de capital de risco e a seguradora Global. Os responsáveis pela iniciativa procuram ainda outros parceiros.



HOSPITAL DE SANTA MARIA

Os cuidados das «senhoras da limpeza» preservaram uma história de valor inestimável. Até o borrego já era de regra às refeições...

Cinco mil anos de passado sob as vinhas de Reguengos

Esporão — agora uma herdeira grande produtora de vinhos de alta qualidade, nas vizinhanças de Reguengos de Monsaraz — tem uma história documentável de 700 anos, desde que os seus limites foram fixados em Maio de 1267, em plena Idade Média. Mas sob as suas vinhas, oliveiras e pastagens está soterrada uma história muito mais longa: algo como 5 mil anos, que, nas duas últimas semanas, começou a ser desvendada por jovens alunos da Faculdade de Letras de Lisboa. Um trabalho a longo prazo, que ainda mal começou por dar os primeiros passos, mas já com algum espólio muito significativo.

Para um arqueólogo, o Esporão é um local autenticamente privilegiado, devido às sucessivas, e datáveis, ocupações pelo homem.

A história começou quando a abertura de uma vala para a construção de uma piscina revelou a existência de uma permanente ocupação do local desde a Idade do Cobre até ao período romano. Curiosamente, tratava-se de uma laxeira, que cinco mil anos não fizeram mudar de local e onde os restos da actividade humana se foram acumulando uns sobre os outros em extractos perfeitamente definidos. Os cuidados de limpeza dos nossos antepassados salvaram, precisamente, a sua memória.

A velhíssima laxeira fica situada nas traseiras do que é, provavelmente, a maior e mais antiga torre defensiva do Alentejo, situada a dois passos de Reguengos de Monsaraz, dominando uma herdade vinhateira, produtora de um dos vinhos presenteemente com grande nome no mercado. Os seus limites foram fixados em 1267 e conservaram-se intactos por mais de 700 anos. Acredita-se, porém, que a velha torre, ainda bem conservada e habitada, tenha uma origem anterior à Idade Média, tanto mais que o nome Esporão tem forte ressonância latina.

O povoamento da herdade, esse remonta aos tempos pré-históricos das culturas megalíticas e da Idade do Bronze.

O que se suspeitava, devido a achados à superfície foi agora comprovado por uma campanha de escavações realizada durante as semanas das férias de Páscoa.

Uma campanha muito especial, anote-se. Começou por ser feita a pedido da própria empresa proprietária do local, o que não é muito

frequente. Depois, teve a colaboração do Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa (Unidade de Arqueologia) e do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa.

Foram ao todo 22 jovens do primeiro ano da Faculdade que, pela primeira vez, tiveram ensino prático de ver como se escava, como se desentram e interpretam as estruturas postas a descoberto, o que não pode aprender-se nos bancos da Universidade.

Vitor Gonçalves, o professor que dirigiu as escavações, assegura: «As coisas que vêm nos livros têm que se esquecer rapidamente. O que realmente interessa é como pensar e como interpretar o nosso trabalho. Foi o que estes jovens aqui vieram aprender».

Lições práticas

Ao sol quente do Alentejo, felizmente, por enquanto, apenas primavera, os futuros arqueólogos dividiram-se em dois grupos. Um deles dedica-se a pôr a descoberto um núcleo habitacional da Idade do Bronze, construído, possivelmente, sob uma base histórica ainda mais antiga. Taças carenadas, alguns poucos pratos, grande número de pesos de tear.

Espectacular, uma «deusa-mãe» em terracota de uns 15 centímetros de altura. Embora partida a meio, o achado permite identificá-la como a única na Península e com semelhanças apenas com achados do género feitos na Bulgária. Presentemente, a

estatuetta encontra-se em tratamento no Museu de Combriga, especializado em trabalhos deste tipo.

O outro grupo trabalhou a uma escassa centena de metros, mas a milhares de anos de distância: investigavam o crescimento da propriedade agrícola no século XVIII. Sabe-se — e os achados vão-no demonstrando — que o Alentejo enfrentou um redobro da actividade agrícola naquele século, período ainda muito mal estudado e pouco conhecido.

No último ano fora já feita a cartografia da herdade, permitindo localizar cerca de 40 sítios arqueológicos, que vão desde o neolítico até à Idade Média. Num raio de 5 quilómetros os existem, também, 10 monumentos megalíticos.

Tudo leva a crer que a actual torre, ou o que ela teria sido em tempos muito primitivos, constituiria o centro de influência de uma vasta área, a partir de Neolítico final e da Idade do Cobre.

O período romano está, igualmente, muito representado, o que Vitor Gonçalves considera excelente, pois «não se conhece praticamente nada da Reguengos Romana». A ocupação romana é datável de, pelo menos, o século I, o que também é raro. Os achados poderão ainda esclarecer a existência de um primitivo minifúndio alentejano, que viria a tornar-se no futuro latifúndio, quando se constatou a inviabilidade económica das pequenas propriedades.

Para a Idade Média, as razões de existência da Torre são evidentes. Do seu alto, domina-se toda a planície desde Monsaraz praticamente até Évora (e a visibilidade era ainda maior nesse tempo em que as árvores, por não serem podadas, eram mais baixas do que hoje).

Uma pequena guarnição era suficiente para acudir a invasões, normalmente também mínimas, que se destinavam sobretudo a roubar gado e géneros.

O futuro

A investigação agora realizada teve como tarefa principal efectuar apenas sondagens de emergência junto da Torre do Esporão.

O futuro, no entanto, começa já a ser planeado. Está já prevista a realização de outros campos-escolas como o desta Primavera, acompanhados por outras investigações a nível mais elevado, que exige equipamento altamente especializado e ficará a cargo de um grupo mais restrito. Torna-se ainda necessário concluir o levantamento arqueológico e preparar cuidadosamente os trabalhos futuros.

Em Outubro, o grande público, e principalmente os interessados, poderão ver em Reguengos, posteriormente na Faculdade de Letras de Lisboa, uma exposição sobre os trabalhos até agora realizados e na qual figurarão as principais peças encontradas.

Roby Amorim



Estudantes da Variante de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa praticam desenho arqueológico

CULTURA

O Grupo Teatro Hoje estreia esta noite o seu novo espectáculo. Trata-se de uma síntese dramaturgical elaborada por Jorge Listopad, a partir da peça de José Régio «Benilde ou a Virgem-Mãe», que inclui ainda uma pequena obra-prima de António Patrício

Benilde no Teatro da Graça

«Cenas da Vida de Benilde», um espectáculo encenado por Jorge Listopad, conta com a interpretação de Alexandra Lencastre (no papel de Benilde), Alexandre de Sousa, Antonino Solmer, Elisa Lisboa, Isabel de Castro, José Figueiredo e Ruy Furtado. «Judas», o pequeno texto de António Patrício que surge no final do espectáculo como um «Sonho de Benilde», é interpretado por Júlio Martin.

Listopad, em colaboração com o jovem cenógrafo José Espada, concebeu o espaço cénico e os figurinos. A iluminação é de Eduardo Cruz e a montagem de Mário Correia. «Cenas da Vida de Benilde» estará em exibição no Teatro da Graça de terça a sábado às 21.30, e aos sábados e domingos às 16 horas.

Em vésperas da estreia, a reportagem do DL esteve no Teatro da Graça. Do que o repórter viu e ouviu, damos conta aos leitores.

Jorge Listopad, responsável pela adaptação do texto de Régio e pela encenação, começa por nos confidenciar:

«Acho que adaptei o texto original de José Régio segundo a minha visão, ou seja, de uma maneira menos realista e mais espiritual, menos barroca e mais gótica. Em todo o caso, sinto que consegui traduzir a finalidade pretendida por Régio».

Jorge Listopad conta-nos que conheceu José Régio, que ele até assistiu aos seus espectáculos, em Lisboa e no Porto. Mas nunca falaram, especificamente, sobre «Benilde ou a Virgem Mãe», apesar de Régio ter um dia manifestado o interesse de Jorge Listopad encenar um texto de sua autoria.

E a conversa prossegue assim:

— Já alguma vez tinha trabalhado com o «Grupo Teatro Hoje»?

— Sim, há cerca de dez anos, com uma peça apenas de certo modo diferente desta, que foi «A Porta Fechada» de Sartre, uma vez que estas «Cenas da Vida de Benilde» podem



Alexandra Lencastre e Antonino Solmer em «Benilde»

entender-se também como uma porta fechada.

— O seu trabalho aqui decorreu como tinha pensado? «Foi até melhor do que tinha pensado. Tenho até medo de fazer nova peça com os mesmos actores, porque não será, seguramente, tão bem sucedida».

— Anteriormente, já tinha trabalhado com todos eles, ou pelo menos com alguns?

— «Praticamente com todos, as excepções talvez sejam o Alexandre de Sousa e o Antonino Solmer. Já agora quero destacar a Alexandra Lencastre — que foi minha aluna no Conservatório — com quem fiz «Frei Luís de Sousa», onde ela fazia o papel de Maria, que de certo aqui sobrevive aqui, no terceiro acto, em relação à peça de Almeida Garrett».

Jorge Listopad conta-nos a seguir que os ensaios da peça a estreitar esta noite iniciaram-se há cerca de dois meses e, neste momento, «posso afirmar que já há alguns dias estávamos em condições de estreitar, o que equivale a dizer que tudo correu da melhor forma possível. Tivemos

apenas alguns problemas com os direitos de autor, uma vez que os herdeiros de José Régio não viram ao princípio, com bons olhos, algumas mudanças que eu introduzi ao texto original. Mas depois de lhes ter explicado as razões, acabou tudo em bem. Todos não-de-perceber as diferenças que existem de há quarenta anos a esta parte, porque há uma conotação linguística diferente, e depois tive que alterar um pouco a estrutura porque penso que um texto não é imutável, vivemos numa outra época e por isso tornou-se necessária uma revisão, uma reavaliação. E também introduzi no espectáculo um pequeno texto de António Patrício, mas separado, depois de um pequeno intervalo. Julgo que este texto é importante, uma vez que explica perfeitamente o lado psicoanalítico de cada personagem, acho que tem uma certa piada. Mas, muito a sério, isto foi feito com muito boa intenção, com muito amor, uma vez que corresponde a uma intertextualidade, que se utiliza frequentemente em teatro.

Brecht, por exemplo, utilizava, por vezes textos de outros autores, para estabelecer relações paralelas, ou curto-circuitos, que iluminam o próprio texto principal. Penso que valia a pena fazer um espectáculo baseado num texto de Régio, que talvez as novas gerações não conheçam suficientemente. E a obra de José Régio merece ser conhecida por um número significativo de portugueses».

Para finalizar este apontamento de reportagem, quase à beira de mais uma estreia do Grupo Teatro Hoje, ouvimos os actores que intervêm na peça. Todos foram unânimes nas duas questões que lhes pusemos, relativas ao texto e ao encenador: A peça tem muito interesse, foi um prazer trabalhar com Jorge Listopad (bem conhecido de todos), estão seguros de que tudo há-de correr pelo melhor, logo à noite no Teatro da Graça. Houve quem nos adiantasse, até, que a estreia já podia ter acontecido. Eles estavam bem preparados para o efeito...

Rodríguez Borges

Grupo ColecViva apresenta Lorca em Coimbra

«...PERO NO LA LUNA.» é o título do espectáculo que o grupo ColecViva apresenta, a partir de hoje, em Coimbra, no Teatro Gil Vicente, inserido no conjunto de manifestações da Queima das Fitas.

O espectáculo, baseado em textos, desenhos e canções de Federico Garcia Lorca, conta com a encenação de Constança Capdeville, que dirige o grupo, e que neste caso integra também o elenco. Além dela, participam neste espectáculo Olga Pratts, Luís Madureira, João Natividade e Manuel Cintra. A

música é de Constança Capdeville, Manuel de Falla e do próprio Garcia Lorca.

Paulo Castilho: novo prémio

O livro «Fora de Horas», de Paulo Castilho, já premiado pela Associação Portuguesa de Escritores, ganhou ontem o prémio de ficção do Pen Clube Português, ex-aequo com «Cavalo de Sol», de Teófilo Gersão. Sophia de Mello Breyner Andresen com a obra «Ilhas» e Margarida Vieira Mendes com o ensaio «A Oratória Barroca de Vieira», foram contempladas, respectivamente com os prémios de poesia e de ensaio.

CRÓNICA DE TOUROS

Crónica sem pontos finais

Praça de Touros de Vila Franca. Domingo, 22 de Abril de 1990. Touros de Pinto Barreiros para Rafael de la Viña, Eduardo Oliveira e Martin Pareja Obregon.

Pouca gente nas bancadas da Palha Blanco, não chega a meia casa, incluindo os vendedores de cervejas e queijadas supostamente de Sintra, e um fulano que distribui programas de tourada próxima na Azambuja, três cavaleiros, o Oliveira, o Táborda e o Cochicho, reclamados como o trio do desafio, troféus em prata oferecidos pelo senhor José Júlio Batalha, que é bicampeão do mundo de tiro ao voo, bilhetes à venda na barbearia do sr. Vitor Teixeira, mas isso é na Azambuja, agora trata-se de Vila Franca, neste domingo de Pascoela abalançou-se a empresa a corrida à espanhola, entre nós já se sabe que é à espanhola curto, em todo o caso cartaz atractivo para o que por cá se estila, deixa esse mínimo de ilusão que anima o indígena a ir à praça, depois de chuvosa a manhã pôs-se a tarde soalheira, ficou um ventinho fresco a levantar os enganos, reclamando o recurso de deitar água nas muletas, também esse gesto tem a sua regra própria, que Rafael de La Viña cumpriu, trazia na equipagem o botijo de barro, o velho e clássico apetrecho das quadrilhas, que a gente de Eduardo Oliveira mandou às urtigas, a muleta do português regada usando garrafa de plástico, daquelas de litro e meio que se vendem nos supermercados, enfim, será um pormenor, mas de pormenores se faz o carácter da festa, ajudam ao sabor próprio, aliás não houve nesta tarde de Vila Franca, apesar de ausente o tédio, coisas de sabor por aí além, dentre o visto talvez me fique com a expressão das verónicas com que Rafael de La Viña recebeu o quarto, cuja faena brindou aos empresários, o Rogério Amaro e o António Manuel Cardoso, afinal ficou o brinde em águas de bacalhau, uns passes animados sentado no estribo, o resto já foram dúvidas e encolhas com as arrancadas curtas e o cabeceio do inimigo, que estava longe da nobreza do primeiro, recolhido entre nutridos aplausos, algo distraído mas era uma máquina de fabricar passes, e Rafael ofereceu à praça a faena, exibiu o repertório, a figura compôs garbosa, uma e outra vez ligou sem emenda o natural ao de peito, meteu derechazos, circulou pela esquerda, usou e abusou das bondades do Pinto Barreiros, querendo o justificar a chamada para o lugar que Niño de La Taurina, colhido grave no domingo de Ramos em Madrid, deixou vago no cartaz anunciado, louve-se o gesto da empresa, de para a substituição ter ido buscar um matador da mesma talha, também a cabeça vai metendo nas feiras grandes de Espanha, não digo que à primeira fila vá chegar este Rafael, mas se não houvesse segunda fila também não havia primeira, quem dera que à segunda fila possa chegar Eduardo Oliveira, a técnica defendendo de sobressaltos a figura, desejoso se mostrando, mas assim frio custoso será que o chamem para as praças onde matador de verdade possa ser, prolongar a sua recente alternativa de Almendralejo, e essa frieza sentiu o público de Vila Franca, recebeu com assobios a música que a banda do Ateneu desatou a tocar para as duas faenas do espigado moço, trasteios prolongados sem história, no segundo da ordem ainda se centrou no final, mas com o andarilho quinto foi um nunca acabar de passes para deles se espremer meia dúzia, discreto também com o capote, numa tarde em que nem uma só vez alternaram em quites os matadores, por solitários intervenções se ficaram e Martin Pareja Obregon sem repetir a música calada das verónicas daquela tarde sua de Sevilha, tarde de promessa que em Vila Franca só em nosso imaginário aflorou, vulgar lanceando, e a defensiva ante as tarrascadas e as olhadelas por baixo do terreiro, e mais decidido no que fechou praça, aqui perdendo terreno, ali um desarme, mas teimando, por fim parando os pés, mas leves foram os vestígios de andaluzia graça, o adorno de um molinete, o sal de um remate, ficou o receio de que acabe Martin sendo flor de um dia, desabrochada à luz da Maestranza, e que ao entardecer tenha murchado, já outra vez com o mesmo perfume se não abra.

Soliloquio

«Filha da Mãe» ou o mais recente filme de João Canijo

O último milagre de Roque Santeiro

Não vivemos propriamente em Asa Branca, mas a João Canijo pareceu-lhe que sim. Pelo menos, foi o que ele disse ao «DL», naquele modo de estar entre a diversão e a troca de que deu mostras ontem à tarde. Estava-se no Ópera Bar, era a apresentação de «Filha da Mãe», o seu mais recente filme que amanhã estreia no circuito comercial e abordado acerca das razões que o levaram a pegar nas máquinas e a fazer cinema outra vez não hesitou: foi tudo por causa do Roque Santeiro. Ou melhor de tão fascinado com o que José Wilker fez com a

personagem da célebre novela, João Canijo decidiu escrever um argumento que girasse em torno do actor brasileiro, convidou-o a participar e, assim, é como se estivéssemos diante do último milagre de Roque Santeiro.

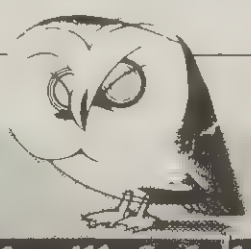
Rodado em seis semanas, sem contar com o mês de ensaios que as precederam, «Filha da Mãe» é, no dizer do seu realizador, a «história de uma porca» que, no entanto, muito agradou à protagonista, Rita Blanco.

Ouvindo pelo «DL», a ex-menina Yvette afirmou que se sentiu muito bem na pele

da dita porca, na medida em que, para além do apoio de João Canijo e de José Wilker, teve ocasião de trabalhar a personagem antes de a interpretar. A preparação foi morosa. Exigiu-lhe, por exemplo, o estar em bares, bairros e locais a que não se habituara. Mas gostou. «Ao contrário do que me costuma acontecer - afirmou - na segunda parte do filme, conguei a distância necessária para me ver». E correu-lhe tudo bem porque ela sente que obteve aquilo que a partida queria fazer com esta filha da mãe.

Depois deste filme, Rita Blanco irá trabalhar em «A Moon for the Misgothen», uma peça de Eugene O'Neill que João Canijo irá encenar brevemente. Mas ela é sobretudo uma mulher do ecrã e, por isso, voltará às lides cinematográficas com a nova realização de Joaquim Pinto de que ainda desconhece o título. No final da conversa, perguntámos-lhe se o cinema era mesmo uma paixão, ao que ela, convicta, respondeu: «Não vás mais longe». E nós, porque gostamos dela, não fomos; ficámos logo ali.

Marta João Martins



olhar de mocho

A fé e o império

A inundação de programas, meramente documentais ou de análise histórica, sobre a Segunda Guerra Mundial, que a TV nos tem proporcionado, agudiza as questões nacionais que se prendem directamente com a guerra. Já vimos «O Submarino», coisas sobre o Churchill, «Para Além da Guerra», «Século XX», mas sobre as nossas guerras, as dos portugueses, e que duraram 14 anos, a RTP, por iniciativa própria ou obedecendo a ordens superiores, decreta o embargo total. Seria uma opção compreensível, sobretudo porque o Fernando Pessoa afirmou que os portugueses nunca têm culpa de nada e o povo decreta que a culpa morre solteira.

Acontece que agora quase todos os dias ouvimos falar na RTP de Angola, de Timor, de Moçambique e até já vimos missionários a queixarem-se de maus tratos sofridos em África.

É bem possível que sem a inundação de programas acima referidos, que transmitem informação e cultura histórica às grandes massas, surgissem correntes neo-nazis a afirmar que a queda do Muro de Berlim e a derrocada do comunismo oficial, se devem, afinal, ao Hitler mais ao seu ministro da Propaganda, Joseph Goebbels. Ora a maioria dos portugueses vivos ainda recordará quer dos bancos da escola quer da propaganda do antigo regime que a nossa presença em África se ficou a dever à dilatação da Fé e do Império. Ora o que se está a passar em Angola, em Moçambique e em Timor, guerras civis, genocídios, missionários assassinados, serão puros fenómenos da natureza - terremotos, cheias e furacões - ou pelo contrário, frutos maduros que caem da árvore da dilatação da Fé e do Império e dos 14 anos das guerras coloniais?

Nos anos 30, o insuspeito professor catadrático de Coimbra, Ruy Ennes Ulrich, escrevera nas suas Lições de Direito Colonial, que é uma lição da História que a metrópole deve dar a independência às colónias sob pena de se gerarem conflitos irreparáveis. Salazar ouviu essas lições.

O padre Adrian Hastings, também insuspeito, escreveu o célebre livro também histórico, «Wiriyanu», sobre o que se passava nas guerras coloniais em Moçambique. E nesse livro, perguntava certamente «se a Igreja de Moçambique, rasgada entre a fidelidade ao Evangelho e a fidelidade à Concordata, não estaria a rasgar, também, a Igreja de Roma?» Seria urgente saber através de programas de televisão se a nossa presença colonial em África e em Timor ficou marcada pela dilatação da Fé e do Império ou assinalada por massacres.

Nos meus tempos de liceu (pelo menos no Pedro Nunes foi assim), a História de Portugal acabava com o marquês de Pombal. Depois dava-se um gigantesco triplo salto olímpico e passava-se para o Carmona e o Estado Novo de Salazar. Os liceais menos atentos aos números das datas ficavam com a impressão de que o Carmona teria sido um filho bastardo do rei D. José, chamado às funções do Estado após a morte do Sebastião Carvalho e Melo. Com a actual programação da RTP algo de semelhante se está a passar: a seguir ao Infante e aos Descobrimentos, aparecem, colados ao pelotão, a UNITA, o MPLA e o genocídio de Timor.



José Sousa Monteiro

Crítica de Teatro
A classe viva

INIMIGOS, de Nigel Willimas. Tradução/Adaptação: José Camões, José Wallenstein, David Evans. Encenação: José Wallenstein. Cenografia/Figurinos: Vera Castro. Música: Xutos e Pontapés. Desenho de Luz: Jorge Ribeiro. Interpretação: Diogo Dória, Miguel Guilherme, Luís Castro, Manuel Mendes, Carlos Gomes, Pedro Wilson e Mário Jacques. Produção: Pró Tea. Direcção de Produção: Mária Carneiro. Estreia: Clube Estefânia/26-04-1990 (28-04-90).

Antes de expormos algumas restrições à peça de Nigel Willimas assentemos no facto de esta produção da Pró Tea se revestir de um grande interesse para todos os públicos, sob vários pontos de vista, nomeadamente pelo facto de se tratar de um espectáculo que designa directamente e sem sofismas problemas candentes da sociedade contemporânea. O que é, como se sabe, um procedimento pouco vulgar no teatro que em Portugal continuamos a ver.

Não se trata apenas ou principalmente do problema do insucesso escolar que é grave no nosso país; trata-se de um problema de insucesso social, de insucesso político, de insucesso cultural - portanto, de insucesso humano, como o é sempre o insucesso escolar se encarado nos seus parâmetros mais amplos.

É isso o que no recado que a peça veicula é terrível: o sermos confrontados, embora em termos não excessivamente competentes, com o problema da nossa maneira de viver, da nossa maneira de sermos sociedade e por isso de sermos humanidade.

«Inimigos de Classe», no título original, mais rico) coloca-nos perante o problema da violência, na escola, no bairro, no trabalho, no divertimento, vai tudo dar ao mesmo. Problema da violência que é um problema do poder e por isso um problema de linguagem.

Numa classe de seis alunos sem professor, há um chefe, o chefe é o Ferro. Ele é o chefe porque é o mais inteligente e o mais forte e sobretudo porque domina a matéria linguística, tem poder de comunicação verbal, é o único bem-falante da classe. Os outros, mesmo Pirlampo (nome significativo), que é um rival demasiado tímido para lhe disputar o poder, não conseguem articular um discurso suficientemente forte e coeso que lhes permita ocupar o alto da hierarquia. O vocabulário que utilizam é pobre, repetitivo, sem saídas, a sua única força é a obscenidade que perdeu toda a possível capacidade subversiva.

Para substituir o professor que não têm e que esperam como as personagens de Godot (como é referido nos textos de apoio), e é essa uma espécie de ingenuidade que devemos aceitar para entender a peça, os alunos aceitam dar uma aula através da qual proporcionem algum saber útil aos outros alunos sedentos de conhecimento (continuamos numa linha de ingenuidade que a peça tranquilamente assume). Também este recurso é uma imposição de Ferro que é o único que compreende que o saber é um instrumento de poder. Cada aula é naturalmente um desastre sob o ponto de vista visado, embora seja reveladora da posição das diversas pedras do xadrez: Anjo, com visíveis tendências homossexuais, explica o sexo em termos primários; Clerasil (excelente nome) fala de como um gerânio pode ser no meio do lixo uma mensagem (lembra-me um poema de Carlos Drummond); Rapina, no qual parece haver um toque de atraso



Diogo Dória e José Wallenstein

mental que Pedro Wilson exprime de forma notável, fala da arte de partir vidros, sua especialidade; Meia-Leca refere o mais concreto dos problemas, mesmo neste jardim à beira-mar (à beira-asseira, dizia António Pedro) plantado, o do racismo, defendendo a conhecida ideia de que a culpa é dos pretos (tese que aliás a classe repele, o que também terá a ver com o que nela recusa a evidência do conflito); Pirlampo ensina a fazer agorda de pão que é comida de pobres mas aqui surge, talvez, como paródia de uma cena poética da peça de Wesker «As Quatro estações», a da arte de maçar, citadas no programa, peça vista recentemente também numa produção de Pró Tea.

A última aula é naturalmente de Ferro o qual um tanto inesperadamente, por se tratar do intelectual do grupo, explica a técnica da autodefesa, o que é um achado já que a situação do grupo é de cerco social e cultural.

Aprender a defender-se, ou seja a atacar, como diria Ferro e se calhar, com ele, Marx, é aprender a viver na selva em que a sociedade tende a transfor-

«Inimigos» não é um texto teatral: são demasiadas as ingenuidades em que cai, pobres os estereótipos de que se serve (o mais pobre deles, o professor, personagem quase irrelevante), falso ou insuficiente o clima de violência verbal e física que nos propõe: na realidade, personagens e situações despertam mais

o riso do que incitam à reflexão.

Nem por isso o espectáculo da Pró Tea deixa de ser um trabalho dotado de uma grande energia, admirável pelo ritmo que José Wallenstein imprimiu ao jogo corporal e verbal, pela direcção de actores (trata-se de uma bela estreia na encenação), admirável pela credibilidade com que os actores souberam assumir as suas personagens e exprimi-las através da composição, dos movimentos, da gestualidade.

Embora se trate de um trabalho de grande homogeneidade, e isso é que importa, não se pode deixar de sublinhar o trabalho de Diogo Dória (Ferro), duma energia incrível, de Luís de Castro, o Meia-Lecas, de Pedro Wilson, já citado.

Adaptado, com certa lógica, a uma situação portuguesa, do Barreiro, não sei em que medida o texto beneficiou com isso. Mas é certo que funciona com grande fluência.

Aqui está um espectáculo que se recomenda a si mesmo.

P.S. - Chamou-se A Classe Viva a este texto por oposição à obra «A Classe Morta», aliás, citada no programa, porque as suas personagens estão de facto vivas se comparadas com as marionetas kantorianas.

O território do desejo

NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO, de Bernard-Marie Koltès. Tradução: João Lourenço/Vera San Payo de Lemos. Dramaturgia: Vera San Payo de Lemos. Encenação: João Lourenço. Cenografia: Nuno Carinhas/João Lourenço. Figurinos: Nuno Carinhas. Luz: João Lourenço/Melím Teixeira. Interpretação: João Perry, Mário Viegas. Novo Grupo. Estreia: Teatro Aberto/25-04-1990 (27-04-90).

Há um espaço quase sempre mergulhado em nevoeiro, o fim de uma linha de caminho-de-ferro, desafectada, escadas que conduzem a uma varanda de um edifício possível; este espaço prolonga-se num outro, o nosso, o dos espectadores, esses seres misteriosos, para os actores, que procuram discernir o enigma que aquele espaço, o nevoeiro, a luz, a noite, a música, implicam. Ao passarem para este espaço reconhecível, o da sala, as personagens prolongam o seu próprio espaço, arrastam com eles os enigmas sugeridos. Há pois um espaço desdobrado, palco e sala, uma cena dupla, espaços caracterizáveis e definíveis.

E há dois homens, dois homens que falam, um para o outro, para si próprios, para nós. São eles e as suas falas que constituem o verdadeiro enigma da peça de Koltès. Quem são esses homens que dissertam como se fossem personagens de Claudel ou de Genet, embora se situem noutra área? São personagens em confronto, em contradição e são ao mesmo tempo personagens que se aproximam. São sobretudo personagens do acaso. Entre as duas personagens parece surgir uma relação possível: uma é o vendedor (o «dealer»), a outra o possível comprador. Mas o que vende aquele homem, o que quer o outro comprar, de se quer comprar alguma coisa? Podemos avançar um comércio concreto: o «dealer» vende droga, por exemplo, ou vende sexo, respostas que parecem demasiado pobres e redutoras, fáceis. Pode descobrir-se uma metáfora talvez mais interessante: poderá o vendedor ser Cristo que quer vender (oferecer) o seu amor a troco de uma alma?

Perguntas como estas não têm grande significado, as respostas também não. Porque perguntas e respostas têm só a ver com a matéria a que o espectáculo se refere e essa matéria é, evidentemente, o teatro. Só poderemos aceitar ou, no mínimo, apreciar este espectáculo, para além das qualidades que como tal revela, se aceitarmos a sua realidade teatral, sua primeira e última razão de ser, a sua especificidade teatral irredutível. Dir-se-ia, no entanto, que o texto recusa precisamente esse carácter específico já que é através da sobrevalorização da palavra que se realiza. É que é aí, nessa palavra que faz o comércio do desejo, que atravessa o território do desejo, que se realiza como desejo (desejo do outro, desejo da troca, desejo da alma, talvez, que este texto se torna teatro e se torna espectáculo, aliás, com a brevidade de um conto sem princípio nem fim, sem história e sem narrativa. Apenas o (des)encontro de dois homens na noite, no meio de nevoeiro, entre luzes que se alteram de acordo com o espaço que atravessam, divididos por espectadores pouco curiosos.

«Sempre detestei um pouco o teatro porque o teatro é o contrário da vida; mas sempre regresso a ele com gosto porque é o único lugar onde se diz que aquilo não é a vida» - escreveu Koltès (V/ programa). O que vemos no Teatro Aberto não é, pois, a vida; é, mais simplesmente, o teatro. Tão ininteligível e inatingível como a vida.

Não sei se João Perry (o vendedor) e Mário Viegas são as personagens que Koltès concebeu. Diria que em Mário Viegas a tendência para o declamatório prejudica a artificialidade intencional da personagem que João Perry consegue através de uma colocação incómoda da voz e de uma composição notável.

Este espectáculo revela uma cada vez maior, mas absolutamente natural, interferência de João Lourenço na globalidade do espectáculo, como co-autor da excelente versão, encenador, mas também co-autor do cenário, um trabalho notável também assinado por Nuno Carinhas, também responsável pelos excelentes figurinos, e co-autor do desenho de luzes, com Melím Teixeira, trabalho admirável em si e na relação com o cenário e com a marcação.

A música de Eduardo Paes Mamede participa muito acertadamente da qualidade global do espectáculo.

Parece faltar ao trabalho uma tessitura de tensões que ajudasse o público a sentir mais e melhor a fábula daqueles dois homens, o que não retira à criação dos dois actores, ao cenário fabuloso e ao fabuloso trabalho de luz, o valor que os marcam. Trata-se de um outro belo espectáculo de uma equipa excepcional (com Vera San payo de Lemos no tratamento do texto) a quem se pode exigir cada vez mais e cada vez melhor.



Carlos Porio



AGORA ÀS QUINTAS-FEIRAS

Crónica onde se diz do talvez melhor Woody Allen e do decerto pior Konchalovsky. Em «Crimes e Escapadelas» Deus está ausente, em «Tango & Cash» está sobretudo presente um humano chamado Stallone. Esqueçamos este nosso irmão da espécie, e lembremos «Henrique V», versão Branagh, e também um filme curioso sobre a perversidade infantil: «Criança Adorável», que o adjetivo não iluda...

Homens e outros

Stallone, 8 - Woody Allen, 4. Não é o resultado final de desafio nenhum, é o estado das coisas por que se toca à exibição de filmes, com Stallone a duplicar Woody Allen em número de salas presente. Isto só em Lisboa, porque no conjunto do país Stallone passa para 26, enquanto Woody Allen ignora para quantas é que passa, e se calhar é melhor ignorar para não ficar deprimido. *C'est la vie* - dirão. Pois se é, tanto pior, porque se Stallone rubrica mais uma miserável interpretação num «Tango & Cash» sem ponta por onde se lhe pegue, Woody Allen, com «Crimes e Escapadelas», oferece-nos não o seu filme mais amável mas uma obra magnífica que é bem capaz de ser o seu melhor filme de sempre.

Um filme que é assim qualquer coisa como um testamento. Qual? O do intelectual de meia idade no fim dos anos 80, aquele mesmo que desde meados da década anterior começou a descobrir que «Deus não existe, o marxismo está em crise e eu também não me sinto lá muito bem».

Que Woody Allen nunca se sentiu lá muito bem, é coisa abida; que o marxismo para ele foi sempre chão que deu uvas, substituído pela psicanálise, idem idem, aspas, aspas. Agora Deus... Deus esteve quase sempre presente, mesmo se distante e tutelar.

Ora bem, em «Crimes e Escapadelas» Woody Allen o

que nos diz é que se Deus ainda existe, ínvios são os seus caminhos, porque a verdade é que se ele hoje a alguém protege, esse alguém são os médicos, os carreiristas e os criminosos.

«Deus é um luxo a que eu não me posso dar» - confessa Martin Landau durante o filme, querendo com isto dizer que para vencer o que importa é não ter escrúpulos e passar por cima de toda a folha, custe o que custar... mesmo a vida de quem, por amor, nos embaraça o caminho.

Anda, pois, cego o Senhor. Por isso o rabino do filme perde a vista, enquanto o seu companheiro laico, o filósofo, se suicida atirando-se pela janela.

E Woody Allen? Woody Allen veste mais uma vez a pele do pobre diabo com talento, mas desta vez essa pele é rejeitada tanto pela mulher legítima como pela outra por quem se apaixona e o troca por um crápula que faz dinheiro e está na moda.

Pessimista este filme? É o mínimo que se pode dizer. E, no entanto, dizendo-o (e com que rosto no último plano com que aparece em «Crimes e Escapadelas»), Woody Allen não desiste mesmo assim de acreditar. Em quê? - perguntar-se-á. Em duas coisas apenas: num mundo que os jovens poderão vir a construir, através de pequenas acções

individuais; e... na memória do cinema. Sobre o presente que ele olha com um pessimismo total, passa assim e apesar de tudo, um arco de esperança que liga a arte ao futuro.

«Crimes e Escapadelas» é isto mas não só, porque dizer isto apenas seria esquecer a esplêndida construção dramática do filme, espécie de puzzle onde as várias peças se vão a pouco e pouco encaixando; o passado e o

presente também, tudo culminando numa obra estruturalmente perfeita, servida por uma câmara que sem um movimento em falso.

Na obra já relativamente longa de Woody Allen é fácil encontrar alguns filmes de culto a que este dificilmente se irá juntar na evocação dos espectadores. Mas dificilmente e também na cinematografia deste realizador será possível encontrar um filme que, como este, tão bem e tão

pátria e a vida, tudo ganha, até o amor, na luta por um ideal.

«Henrique V» é uma obra ambiciosa, não é em vão que a abriu uma carreira se filma Shakespeare, e logo num «remake» da mais brilhante obra de Lauren e Olivier.

O balanço não permite um julgamento definitivo. Se Branagh visivelmente sabe filmar, há qualquer coisa que falha neste filme. O quê? Nada em especial, a não ser

Um casal refugia-se numa estância balnear depois de um assalto a um banco e aparentemente está a salvo. Mas o homem tem um fraco: ama nas crianças todas a filha que não teve... e as crianças essas pagam-lhe em má moeda: têm ciúmes da mulher dele, roubam-no e fazem chantagem, acabando por descobrir o assalto. Mais: uma fere a outra a tiro e faz recair sobre o homem as culpas, num crime quase perfeito. Quase... Porque, com um estúpido «happy end», a criança que julgamos morta acaba por aparecer ferida para repor a verdade dos factos.

Não fosse isto e Anthony Simmons tinha conseguido com «Criança Adorável» um filme sobre a amoralidade juvenil, geradora, já agora, de futuros crimes e escapadelas.

Crime e não dos menores cometeu Andrei Konchalovsky ao ceder fazer um filme que visivelmente lhe escapou totalmente das mãos. Chama-se a coisa «Tango & Cash» e se deu no que deu a culpa cabe inteira a Stallone. Não só porque esta criatura é tudo menos um actor, também porque as produtoras investem de tal modo neste capital pesado que a liberdade do realizador é igual a zero.

«Tango & Cash», assinado embora por Konchalovsky, não é um filme dele, antes um filme de Stallone, no exacto sentido em que tudo é concebido em função do monstro tido como actor principal.

Konchalovsky fez o que pôde para disfarçar o desastre: pôs uns óculos a Stallone, vestiu-o com fatinho, gravata e colete e meteu Kurt Russell no elenco, dividindo a meias a acção.

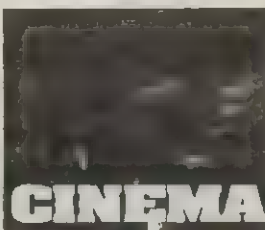
Em vão: ao terceiro minuto do filme, mal Stallone entra em cena e supostamente representa, eis a gente a apetece-lhe sair da sala.

Fica-se, porém, na esperança de que o autor de «Siberiade» e de «Comboio em Fuga» consiga vencer o desafio. Não consegue, limita-se a deixar a sua marca nalguns planos e em duas sequências notáveis: a fuga da prisão e a tortura infligida aos dois «heróis» quase crucificados.

É demasiado pouco num todo para esquecer. Ou para lembrar... que mesmo se Deus não existe, ele há crimes que não compensa.

Este de Konchalovsky, por exemplo...

Rodríguez da Silva



«Henrique V»

Esta semana na Cinemateca

Joan Crawford, Moreau e Isabel de Castro

Um filme de Buñuel e dois com Isabel de Castro intrometem-se numa programação totalmente dedicada a Frank Borzage. São as Sessões Especiais da Cinemateca da semana que hoje (cinematograficamente) começa. Os filmes de Borzage a exibir nos próximos dias datam de 1915 e 1916 e 1916 e 1917 (os que passam nas sessões da tarde dos dias 8 e 9) e de 1928 a 1938 (os restantes).

Do conjunto, chamada de atenção, ao nível da interpretação, para «The Shining Hour» e «Mannequin», ambos com Joan Crawford, no segundo destes filmes acompanhada por Spencer Tracy.

E já que se fala de interpretações (mesmo se os filmes desmerecem da actriz) atenção ao ciclo Isabel de Castro, esta semana na Cinemateca com filmes de 1966 e 1970.

De Isabel de Castro para Jeanne Moreau para assinalar a sua presença no «Diário de Uma Criada de Quarto», na versão de Buñuel (1964), também na Cinemateca.

O calendário a seguir, que não conta (por falta de informação) com as sessões do ABC Cine Clube de Lisboa e do Teatro da Malaposta.

Hoje, dia 3

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Domingo à Tarde» de António de Macedo; e «History Is Made At Night» de Frank Borzage.

Amanhã, dia 4

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Three Comrades» e «The Shining Hour», ambos de Frank Borzage.

Depois de amanhã, dia 5

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «The River», «No Greater Glory» e «Mannequin», todos de Frank Borzage.

Segunda, dia 7

Cinemateca (respectivamente às 18 e 30 e 21 e 30): «O Destino Marca a Hora» de Henrique de Campos; e «Street Angel», de Frank Borzage.

Terça, dia 8

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «The Pitch Of Chance», seguido de «Life's Harmony»; e «They Had To See Paris» todos de Frank Borzage. Instituto Britânico (às 18): «Dance with a stranger» de Mike Newell.

Quarta, dia 9

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Nugget Jim's Partner», seguido de «Until They Get Me», ambos de Frank Borzage; e «Diário de Uma Criada de Quarto», de Luis Buñuel.

O «Sirius» de Stockausen: antevisão ou epifania?»

Para Stockausen, SIRIUS é o centro da galáxia em que se encontra o nosso sistema solar. Na sua visão musical é uma obra que tem sido presenciada em diversos pontos do planeta desde 1976.

Apesar do relativo atraso da sua chegada até nós, e porque é ainda um reflexo dos recentes percursos do compositor, Sirius fez sentir a quem nas últimas três noites se deslocou ao claustro do Convento do Beato, que estamos perante um fenómeno sintomático da criação musical contemporânea. Antevisão de um espectáculo do futuro, ou epifania de uma sociedade em desintegração - só os nossos bisnetos o dirão.

Nos quatro pontos cardiais, quatro músicos (baixo, trompete, soprano e clarinete baixo) simbolizam os elementos (terra, fogo, água e ar), as estações; o homem, o adolescente, a mulher, o amante - semente, botão, flor e fruto. São utilizados numa metáfora musical que procura aproximar-se da arte de metamorfoses da natureza. O seu diálogo, que percorre os doze signos do zodíaco, tem como palco sonoro uma banda magnética emitida em torno dos espectadores, que cria o ambiente conducente à «Anunciação» da mensagem espiritual de Sirius. Só este período da Criação possui o privilégio para nós indescritível de ser o momento único do infinito eterno em que Eu, criador de todos os mundos, adoptei inteiramente o invólucro carnal do homem. (...) É aqui que Eu quero, para sempre e por toda a eternidade, criar filhos à Minha imagem que um dia reinarão Comigo sobre o infinito total... (Texto de Jakob Lorbu, citado por Stockausen).

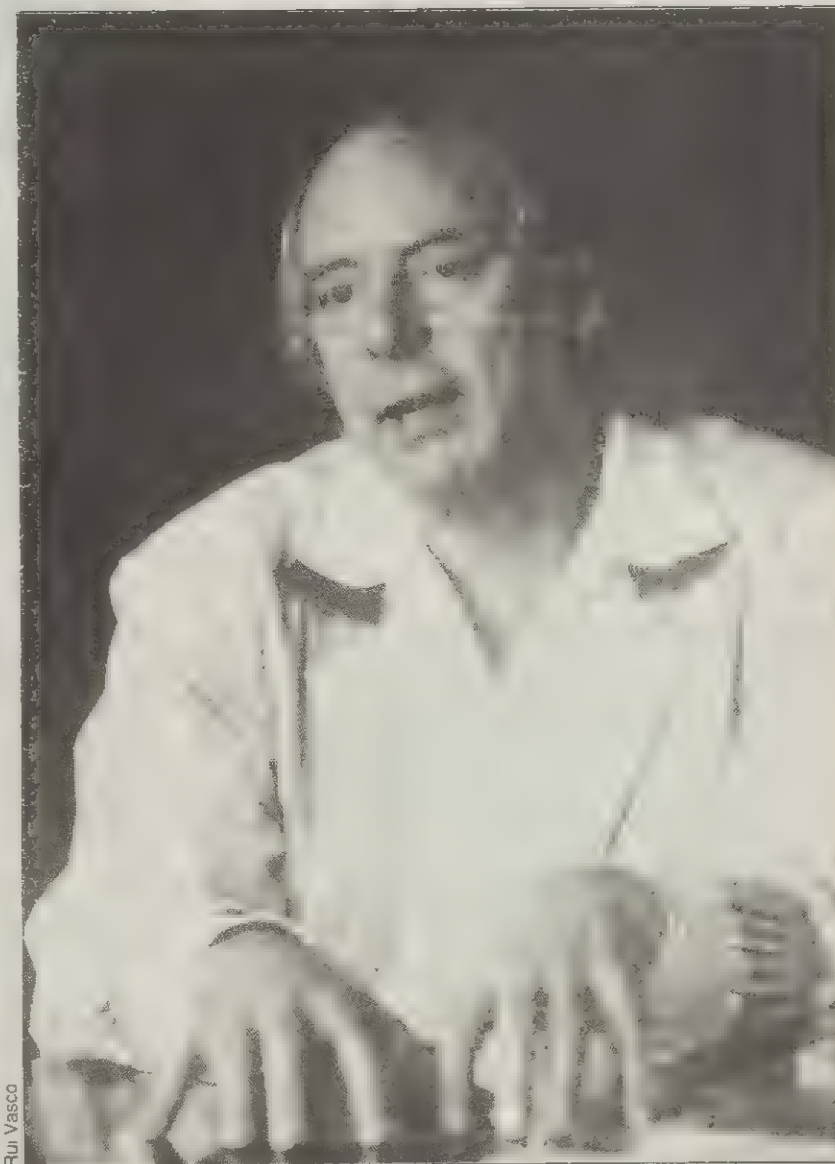
Sirius é uma das obras «acessíveis» de Stockausen. Permite vários níveis de leitura: é possível perceber sem dificuldade a sua «história», (o texto chega a ser exageradamente explícito), ou sentir intuitivamente a sua carga expressiva; noutro plano, pode-se ir tão longe quanto se quiser ou conseguir dentro da extrema complexidade da construção musical. Apesar disso, o discurso nem sempre foge de uma certa monotonia.

A noção do fluir temporal é um dos aspectos interessantes. Segundo Stockausen, presidem a «Momenten» (estreado em 1972) e a «Licht» (ciclo de óperas em preparação desde 1977) duas concepções opostas do tempo musical: por um lado a sucessão de momentos concebidos individualmente, com uma vivência própria na imponderabilidade de um instante infinito; por outro, a longa projecção de fórmulas numa extensão progressiva de núcleos-base que se subdividem, expandem e interpenetram.

Sirius, em nosso entender, realiza talvez a fusão dessas duas concepções. A primeira torna-se sensível em particular nas pontes que separam as várias secções da obra, verdadeiros polos de suspensão dramática que (um pouco à semelhança dos silêncios em Debussy) criam feixes de intensidade.

A segunda está na base da parte fulcral da obra, a Roda do Zodíaco, com as suas quatro melodias principais (Carneiro, Caranguejo, Balança e Capricórnio), em cada uma das quais se condensa a lógica e a vivência de um corpo musical único.

É curioso encontrar, num compositor que algumas décadas atrás abraçou o intransigente hermetismo



Rui Vasco

do serialismo integral, a preocupação de «escolher, de entre as numerosas variantes possíveis de fórmulas melódicas, não apenas as melhores mas aquelas que, no acto de escrever, era capaz de cantar». Esta aproximação da voz humana é um sinal assumido da vontade de devolver à música a sua comunicabilidade e expressividade.

As melodias do «Tierkreis» (Zodíaco) presentes em Sirius, na sua escrita quase diatónica e rítmicamente simples, são disso um bom exemplo, e não deixam de permitir um complexo trabalho de sobreposições rítmicas, polifónicas, tímbricas e dinâmicas.

A esse propósito é de referir a gravação em fita magnética que é ouvida através de oito fones de altifalantes. O mais interessante é a manipulação da espacialidade, em particular nos momentos que iniciam e concluem a obra.

A circulação vertiginosa do som, os seus avanços e recuos, variações de velocidade e de distância, constituem um raptó às nossas capacidades perceptivas, e um enriquecimento dos parâmetros sonoros. Utilizadas nessas duas ocasiões como que para nos transportar a outra dimensão, tais possibilidades são infelizmente pouco exploradas durante a obra. O mesmo sucede com os sons acústicos, que cedem o lugar aos timbres electrónicos, alguns dos quais um tanto estereotipados. É de prever que algumas passagens soem «datadas» no futuro.

Reservando para si o recém-concebido papel de «director de som e de luz», que tende a substituir o de maestro, Karlheinz Stockausen, controlando a intensidade das várias

pistas da gravação e o volume global, bem como o jogo de luzes e a enunciação, contou com a actuação de quatro músicos excelentes. Uma obra como esta, que se executa sem chefe de orquestra, é como que uma quinta-essência da música de câmara, à qual a gravação de banda magnética acrescenta imprevisíveis dificuldades de sincronização. Nicholas Isherwood (baixo), Markus Stockausen (trompete), Annette Meriweather (soprano) e Suzanne Stephens (clarinete-baixo) mostraram-se exímios individual e conjuntamente, e merecem de uma escrita vocal e instrumental de grande naturalidade, puderam transmitir uma interpretação emotiva.

Refira-se de passagem o facto de, em contradição com o ponto de vista sonoro, a concepção visual e teatral desta obra se reduzir a um certo simplismo. Aquilo que num concerto «uniformalizado» tradicional não é exigível, porque não faz parte dos objectivos dos compositores, num espectáculo de Stockausen, com todas as premissas e meios técnicos que envolve, é de esperar ter uma realização plástica e cénica um pouco mais variada e subtil.

A finalizar, lamentamos - mas sem demasiada insistência, desnecessária no contexto de um empreendimento artístico tão notável da Fundação Calouste Gulbenkian - a infeliz tradução do texto sobre Sirius incluída no programa impresso; bem como o facto de ter sido impossível de evitar o ruído de fundo existente no local (aliás magnífico) do concerto.

Alexandre Delgado

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «O Cozinheiro, o Ladrão, a Sua Mulher e o Amante Dela», Peter Greenaway (1989)
- «Crimes e Escapadelas», Woody Allen (1989)
- «Campo de Sonhos», Phil Alden Robinson (1989)
- «O Filósofo», Rudolph Thome (1988)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «O Meu Pé Esquerdo», Jim Sheridan (1989)
- «Um Amor Inevitável», Rob Reiner (1989)
- «A Guerra das Rosas», Danny De Vito (1989)
- «Os Fabulosos Irmãos Baker», Steve Kloves (1989)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- «O Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Demónio de Saias», Susan Seidelman (1989)
- «Miss Daisy», Bruce Beresford (1989)
- «Nascido a 4 de Julho», Oliver Stone (1989)
- «Criança Adorável», Anthony Simmons (1988)
- «Blaze, Um Amor Proibido», Ron Shelton (1989)
- «A Última Saída para Brooklyn», Uli Edel (1989)
- «Querida eu Encolhi os Miúdos», Joe Johnston (1989)
- «Tango & Cash», Andrei Konchalovsky (1989)

Em reposição

- «Cinema Paraíso», Giuseppe Tornatore (1989)

R. da S.

DESPORTO

Ciclismo

Portugueses na «Vuelta»

Jorge Silva, que ontem terminou a etapa (9.ª) da Volta à Espanha em 9.º lugar, continua a liderar a classificação das metas volantes, enquanto Joaquim Gomes é o português melhor posicionado na tabela geral, situando-se no 60.º lugar a 15 minutos e 22 segundos do líder (Julian Gorospe).

O italiano Marco Giovannetti ocupa a segunda posição da «geral» a 25 segundos de Gorospe, enquanto o colombiano Júlio César Cadena é 3.º a 56 segundos.

Quanto aos portugueses a sua posição é a seguinte: 60.º, Joaquim Gomes, a 15,22; 90.º, Jorge Silva, a 31,15; 95.º, Serafim Vieira, 32,54; 98.º, Cássio Freitas, a 34,07; 124.º, António Pinto, a 43,25; 136.º, José Poira, a 48,09; 146.º, Manuel Abreu, a 51,25; e 151.º, Fernando Abreu, a 53,19.

COLECTIVIDADES BELENENSES: FUSÃO DE LISTAS

Inesperadamente (ou talvez não) os patrocinadores das listas «A» que era encabeçada por Rui Cruz e «C» liderada pelo major Ferreira de Matos, resolveram juntar os projectos e irão apresentar-se ao sufrágio eleitoral do próximo dia 12 tendo como opositora a lista «B» com o major Baptista da Silva como candidato a presidente da direcção. A lista «D» resultante da fusão terá Ferreira de Matos na liderança do executivo e Rui Cruz como presidente do Conselho Fiscal.

ESTRELA DA AMADORA: ANÍBAL DUARTE DEMITE-SE

Aparentemente motivada por desentendimento com o presidente António Soares, no que se refere à preparação da próxima época futebolística, Aníbal Duarte (chefe do Departamento de Futebol) demitiu-se do cargo. A anulação do contrato com o futebolista Chiquinho de Belenenses e a demora na contratação do técnico José Romão poderão ter provocado a crise no executivo do Estrela da Amadora.

AC. DE BRAGANÇA CORTA COM O VALONGO

Em reunião extraordinária, a direcção do Clube Académico de Bragança deliberou suspender todas as relações com a AD de Valongo, devido às ocorrências havidas quando do jogo de juniores ocorrido no passado domingo, em Valongo, tendo sido agredido um dos seus dirigentes.

EM AGENDA

Esquadra do Bairro Alto organiza uma «corridinha»

No âmbito das suas actividades desportivas e culturais e na sequência do êxito das edições anteriores, a 3.ª Esquadra da PSP do Bairro Alto, localizada na nossa vizinha Travessa das Mercês, leva a efeito, no próximo dia 27, a já tradicional prova de atletismo denominada «III Grande Prémio de Atletismo do Bairro Alto — Prova Comandante Ferreira do Amaral».

Boxe na Cova da Piedade

Pugilistas de 12 clubes disputam no próximo fim-de-semana o campeonato português de boxe amador de 1990, no pavilhão do Clube Desportivo Pledense, na Cova da Piedade.

No campeonato participam pugilistas do Sporting, Belenenses, FC Porto, Estrela da Amadora, Boavista, Amigos da Costa, Siderurgia, Ramalense, Academia Elvense, Rio de Janeiro, Pinhal de Frades, Beira Mar e os «Económicos».

No sábado, os combates iniciam-se às 21 horas e no domingo às 17.

MODALIDADES Xadrez: portugueses no mundial

António Fernandes venceu o italiano Stefano Arlandi na ronda inicial do torneio zonal da primeira fase do mundial xadrez que decorre em Los Yébenes, próximo Toledo (Espanha).

O outro português envolvido na competição, (Luís Galego), estreou-se com um empate frente a Raul Garcia, de Andorra.

Esta tarde: cartas na mesa

Artur Jorge: seleccionador só com condições de trabalho

A posição de Artur Jorge e do seu «staff» (Toni, Oliveira e Norton de Matos) não é muito firme nos trabalhos das selecções nacionais, pois o técnico portista está verdadeiramente descontente com o facto de não poder dispor de atletas benfiquistas para um jogo particular com a Alemanha Federal, embate que serviria de preparação para o encontro oficial com a Finlândia (a 12 de Setembro, 1.ª etapa da caminhada para o Euro/92). O Benfica alega que, mal termine a temporada oficial, irá para o estrangeiro actuar em diversos países de onde tem recebido convites para exibição em condições financeiras muito vantajosas: e, caso triunfe na final da Taça dos Campeões, o «cachet» subirá substancialmente, permitindo (perfeitamente) não apenas equilibrar o orçamento geral do clube como entrar a nova época com um bom pecúlio na tesouraria.

Esta é uma razão de alto peso para bem se entender a atitude benfiquista. Outra, colidente, diz respeito à preparação da se-

lecção nacional que, nem por se iniciar perante uma Finlândia pouco cotada no mercado futebolístico pode (em caso algum) ser menosprezada.

Daf que, esta tarde, na sede federativa, Artur Jorge coloque cartas na mesa: ou condições de trabalho ou adeus a um posto que nem chegou a aquecer.

Futebol para esta tarde

Hoje, pelas 16 horas, processam-se jogos oficiais de futebol. Realiza-se o Feirense - Vitória de Setúbal, que conta para a rodada 21 do Campeonato da 1.ª Divisão e foi mandado repetir pelo Conselho de Justiça. No embate anterior verificava-se triunfo sadino, por 4-3, quando a bola entrou na rede vitoriana, provocando protesto feirense baseado em ter conseguido um golo que o árbitro Alexandre Morgado não assinalaria. Ao mesmo tempo, igualmente é hoje totalmente

repetido o duelo Maia - Gil Vicente, incluído no painel da 2.ª Divisão (Zona Norte) que fora travado por súbita falta de luz eléctrica no estádio dos maiatos.

Fortunato Azevedo (Braga) dirigirá a partida em Santa Maria da Feira enquanto o lisboeta Sepa Santos é o árbitro na Maia.

Treinadores na dança

Carlos Cardoso deixou o comando técnico de «O Elvas». Pedro Rocha é desejado no Vitória de Setúbal. Pedro Gomes transita do Olhanense para a Oliveirense.

Chiquinho mais azul

O avançado Chiquinho devolveu ao Estrela da Amadora um cheque no valor de 4400 contos, que era parte da verba de possível transferência do Restelo para a Reboleira. Chiquinho optou por continuar nas hostes belenenses.

Taça Uefa, 1ª mão: Juventus, 3-Fiorentina, 1

Rui Barros: estrela entre vedetas

A Juventus (de Rui Barros) adianta-se soberanamente no «placard» final da Taça Uefa: ontem, em Turim, a equipa dirigida por Dino Zoff bateu a Fiorentina (clube onde trabalhava Eriksson) por 3-1 e, agora, pode mais afoitamente encerrar o jogo da 2.ª mão, que deverá ser disputado no dia 16 em Roma, já que o estádio de Florença está oficialmente interdito pela federação italiana.

Sob arbitragem do espanhol Soriano Aladren, alinharam:

Juventus: Stefano Tacconi; Nicolò Napoli, Luigi de Agostini, Roberto Galia e Sérgio Briò (Angelo Alessio, na 2.ª parte); Dario Bonetti, Sergei Aleinikov, Rui Barros e Pier Luigi Casiraghi; Giancarlo Marocchi e Salvatore Schillaci.

Fiorentina: Marco Landucci, António Dell'Oglio, Giuseppe Volpescina, Dunga e Celeste Pin; Sérgio Battistini, Marco Nappi, Lubos Kubik e Renato Busio; Roberto Baggio e Alberto Di Chiara.

Cartão amarelo para Nappi, Bonetti e Tacconi.

Golos: Galia (3 minutos), Busio (10) Casiraghi (59) e De Agostini (73).

Num jogo, presenciado por 47 000 espectadores (receita de 220 mil contos) os destaques exibicionais foram para Rui Barros (que, naquela que provavelmente foi a sua última actuação pela «juve», brilhou a grande altura), Taccopoli, Schillaci, Casiraghi, Bag-



Marocchi mais rápido do que Dunga

gio e Dunga, o brasileiro considerado o «trínco» da selecção canarina.

Sobrinho: golo em França

O defesa português Sobrinho, com um golo nos últimos instantes do tempo regulamentar, permitiu ao Racing de Paris empatar (1-1) em casa com o Bordéus, em jogo dos quartos-de-final da «Taça de

França». O tento de Sobrinho, que não alinhou de início, salvou o Racing de Paris de uma derrota certa e abriu caminho para que a sua equipa atingisse as meias-finais da prova, após vencer (5-4) no desempate por grandes penalidades. Outros resultados dos quartos-de-final: Avignon - Montpellier, 0-1; Cannes - Marselha, 0-3 e Mulhouse - St. Etienne, 2-2 (7-6 em penalidades).

RFA: Bayern é campeão

O Bayern de Munique venceu o St. Pauli por 1-0, assegurando a conquista do título de campeão da RFA. Trata-se do 12.º título nacional obtido pela famosa equipa bavaresa, o 5.º nos últimos seis anos.

Mais êxitos

O Dinamo de Kiev conquistou a Taça da URSS e o troféu turco foi para turma do Besiktas.

DESPORTO

Torneio Internacional de Luta

Homens de força em Loures

A equipa espanhola de lutas amadoras conquistou o primeiro lugar do IV Torneio Internacional da Primavera, que se realizou no fim-de-semana no Pavilhão Paz e Amizade, em Loures, organizado pela Federação Portuguesa de Lutas Amadoras, com o apoio da Câmara Municipal de Loures. O jovem internacional português Paulo Martins foi o vencedor na categoria de 74 kg, realizando uma competição extraordinariamente equilibrada e na final realizou uma exibição brilhante.

O muito público que acorreu nos dois dias no Pavilhão Paz e Amizade, apreciou excelentes combates principalmente, ontem, dia em que se disputaram as finais. Se Paulo Martins realizou uma final com o búlgaro Borislav Veritichik, que emocionou pela combatividade do português que venceu, aos pontos (6-2); Ricardo Soares, outro português, perdeu a final dos 82 kg, com o espanhol Oscar Sanchez, cedendo apenas um ponto numa queda. Entre os portugueses, que obtiveram o segundo lugar colectivo, destaca ainda para Alexandre Silva, 3.º nos 68 kg e para Alfredo Correia, 4.º nos 57.

A equipa espanhola com atletas que se preparam para os Jogos Olímpicos de Barcelona, mostrou que tem atletas de valor, mas o torneio valeu principalmente pelo grande equilíbrio, com espanhóis,



A equipa espanhola venceu sem dificuldade o Torneio de Loures

búlgaros, argelinos, portugueses e franceses, a proporcionarem momentos que dignificaram as lutas amadoras. No torneio, disputado nos estilos de livre-olímpica e gregoromana, participaram atletas da Bulgária, Espanha, França, Luxemburgo, Brasil, Argélia, Holanda e Portugal devendo realçar entre os estrangeiros o francês Welzar Olivier, nos 90 kg, o búlgaro Krasimir Pavlov e o espanhol

Oscar Sanchez, qualquer deles atletas de primeiro nível mundial. Os vencedores foram: Francisco Sanches (Espanha), Vicente Cacer (Espanha) e Arno Postman (Holanda) na modalidade livre olímpica; João Salgueiro (Portugal), Benaid Macine (Argélia), José Garrido (Espanha), Drussan Fabrice (França), Krasimir Pavlov (Bulgária), Benjadas Mozouk (Argélia), Paulo Martins (Por-

tugal), Oscar Sanchez (Espanha) e Welzar Olivier (França).

A classificação final por equipas foi estabelecida em função dos pontos alcançados pelos atletas nos dois estilos de lutas e foi a seguinte: 1.º Espanha, 35 pontos; 2.º Portugal, 32; 3.º Argélia, 27; 4.º Bulgária, 27; 5.º Holanda, 22; 6.º França, 20; 7.º Brasil, 16; 8.º Luxemburgo, 1.

MODALIDADES

VOLEIBOL: a nossa selecção júnior feminina encontra-se na Áustria onde participará na «poule» de apuramento para o Campeonato da Europa tendo como opositoras as representações da Áustria, Polónia e Finlândia.

TÉNIS: o árbitro internacional António Sequeira foi designado, pela Federação Portuguesa de Ténis, para juiz-árbitro do encontro Mónaco - Noruega a contar para a Taça Davis, que se inicia amanhã.

FULL-CONTACT: Fernando Fernandes venceu, em Rabat, o marroquino Okad Mustafa em combate a contar para o campeonato marroquino da modalidade. Os outros portugueses presentes na prova, Rui Carvalho, Fernando Carvalho e Luís Figueiredo, foram batidos por atletas marroquinos.

CICLISMO: a equipa da Recer/Boavista vai participar de 18 a 20 do corrente na 45.ª edição do Tour de L'Oise, em França.

A prova engloba quatro etapas num total de 489 quilómetros sendo três em linha e uma em sistema de contra-relógio. A competição conta com a participação de 17 equipas sendo 4 de França, três da Bélgica e Espanha, duas da Holanda e uma da Suíça e da Colúmbia, para além das selecções nacionais amadoras francesas e checoslovacas.

A comitiva axadrezada que se deslocará a França é constituída por oito dos onze ciclistas que formam a sua equipa.



A equipa Galp que está a disputar o Campeonato Nacional de Enduro

«Team Galp» no Enduro

A GALP, que desde sempre elegeu os desportos motorizados como laboratório ideal para testes e desenvolvimento dos seus produtos, decidiu este ano optar pelo Enduro, modalidade que constitui (sem dúvida) um dos mais duros testes à capacidade dos pilotos e máquinas, exigindo as melhores prestações dos lubrificantes utilizados.

Não querendo deixar os créditos por mãos alheias, a GALP constituiu uma equipa que dá as melhores garantias. Na classe 4 Tempos estará Bernardo Vilar: em 1985 foi vice-campeão nacional de Enduro e, em 1988, 1.º classificado na Trafaria (única prova

disputada) e 2.º no Raide de Portalegre.

Na classe 125 Competição actua Evélio Ramos, com bonito «palmarés»: 1984, vice-campeão nacional; 1985, campeão nacional; 1986, 5.º classificado no campeonato nacional; 1989, igualmente 5.º classificado no campeonato nacional. Ricardo Coelho completa o «team» e é ainda esperança do Enduro na sua 1.ª época.

Disputadas três provas do campeonato, o «Team» GALP classificou-se em: 3.º, na Trafaria; 2.º, na Lousã; 3.º, em Reguengos, onde Evélio Ramos triunfou na sua classe.

Jogos de Almada a todo o vapor

Os II Jogos Desportivos de Almada, organizados pelo Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Almada com o apoio das juntas de freguesia e das colectividades do concelho, já em curso, com cerca de dez mil jovens a disputarem torneios de andebol, basquetebol, badminton, ciclismo, damas, futebol de salão, futebol de onze, ginástica, hóquei em patins, karaté, judo, natação, pesca desportiva, ténis de mesa, voleibol, xadrez, skate, dominó, tiro ao alvo e ainda diversas provas (combinadas) de atletismo.

Esta iniciativa do pelouro, agora liderado por António Matos, que durante vários anos foi um dos principais impulsionadores da Seixalada, tem como objectivos, aprofundar o relacionamento entre os agentes desportivos e as autarquias de modo a rentabilizar os recursos humanos, materiais e financeiros disponíveis; contribuir para a promoção da prática desportiva sistemática no concelho; harmonizar todas as formas de organização desportiva (desporto federado, popular e escolar) e enquadrar aí os apoios a clubes, colectividades, escolas e comissões de moradores, criando melhores condições para responder às necessidades existentes.

No passado fim-de-semana, realizaram-se diversas provas nas diferentes modalidades com o futebol na «crista da vaga» por ser a mais participada.

Os vencedores: 1.º escalão: barroquense, «Os Punks», Acad. Pera e Br. Matadouro; 2.º escalão: Barroquense, Esc. Prep. Almada, ND Trafaria, Desconhecidos, CIRC, Br. Matadouro, Pombalense «B» e CD Almada; 3.º escalão: Esc. Prep. Almada, Barroquense, ND Trafaria, Ac. Pera, Dragões do Moinho, Figueirinhas, Frangolândia, Br. Matadouro e Esc. Sec. Laranjeiro; 4.º escalão: Vaidembute e U. Juv. Feijó; feminino: Costa Azul, Chegadinho, Miratejo e Monte da Caparica.

O ténis de mesa é, igualmente, uma modalidade que regista elevada participação, sendo justo referir o empenhamento do CR Feijó que apresenta o mais significativo número de atletas em presença. Alguns nomes em evidência: Luís Candeias, Cláudio Ferreira, David Conde, Vítor Hugo, Nuno Luís, Luís Antunes, Rui Dias, António Anjos (todos do CR Feijó), Pedro Madeira (Sorredense) e Susana Felizardo e Cláudia Santos (CDCA).

Xadrez é outra disciplina em evidência e aqui se averbam os nomes dos que se encontram no topo da escala classificativa: Paulo Manso, João Dias e José Ferreira.

No próximo fim-de-semana, o futebol de salão estará em grande actividade nos seguintes locais e horários: sábado a partir das 14 e 30 nos ringues Ramiro Correia, Barrocas e Bento Gonçalves e no domingo (9 horas) nos mesmos locais (excepto Bento Gonçalves).



Meninas de Miratejo jogam futebol



PNEU REMODELADO
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE PNEUS, LDA.

Calce o seu carro por apenas 7.000\$00

Rua Cidade São Salvador, Letras A. L. S. F.
BAIRRO de ANGOLA - 2685 CAMARATE
ARMAZEM — TELEF. 947 28 72

Filial 1: Estrada Nacional N.º 8 — Tel. 983 60 87 — Barro — 2670 LOURES
Filial 2: PNEUREPA, LDA
Estrada Nacional — Tel. 244 22 21 — Trajouce — 2775 PAREDE

DESPORTO

Federação guarda parte de leão

Governo apoia futebol juvenil

A Direcção-Geral dos Desportos, através do Ministério da Educação disponibilizou uma verba de 45 mil contos para apoiar o desenvolvimento do futebol juvenil. Este acordo, designado por «contrato-programa», tem por objectivos «proporcionar à federação os meios financeiros necessários para organização de quadros competitivos de nível nacional, os quais deverão privilegiar a mais ampla participação local e regional no âmbito do futebol juvenil».

Nos termos do acordo assinado pelo director-geral dos desportos, (Mirandela da Costa) e pelo presidente da Federação Portuguesa de Futebol (João Rodrigues), este organismo compromete-se a organizar os projectos de actividade denominados do seguinte modo:

- «Torneios Abertos» (inter associações sub/13 e inter associações sub/15)
- «Concurso nacional de «skills» do futebol
- «Concurso árbitro jovem».

Para atingir estes objectivos, a DGD (com o apoio do Instituto Nacional de Fomento do Desporto) disponibilizou uma verba global de 45 mil contos. Deste dinheiro, a federação de futebol cativou para si 23 500 contos, distribuindo os restantes 21 500 contos pelas diversas associações do país. Por sua vez, a FPF propõe-se mobilizar 75 mil jovens nos projectos que estiveram na base da assinatura deste acordo.

A distribuição das verbas às associações de futebol ficou assim estabelecida: Aveiro — 1700 contos; Beja — 1000; Braga — 1000; Bragança — 700; Castelo Branco — 700; Coimbra — 1000; Évora — 700; Faro — 1400; Guarda — 700; Leiria — 1000; Lisboa — 2700; Portalegre — 1000; Porto — 2700; Santarém — 1400;

Setúbal — 1400; Viana do Castelo — 700; Vila Real — 700 e Viseu — 1000.

Bucelenses convida

O Clube de Futebol «Os Bucelenses», presidido por Leonel Pires (massagista do Sporting) está organizando um torneio de futebol de salão, que terá início a 21 do corrente. Até ao dia 19 aceitam-se inscrições pelo telefone 989 42 17 ou na sede da colectividade.

Treinadores na dança

Enquanto o professor Neca revalida por mais um ano o compromisso com o Tirsense, o colega José Romão é pretendido pelo Estrela da Amadora, Vitória de Setúbal e Chaves. Entretanto, nas preferências flavienses também se localiza o brasileiro Carlos Alberto da Silva.

Cartão jovem

Os encontros Porto - Vitória de Setúbal e Braga - Tirsense, não foram contemplados para os possuidores do cartão jovem. Os restantes jogos da jornada n.º 32 têm a seguinte distribuição e preços: Nacional - Beira Mar (500 bilhetes a 300\$00), Penafiel - Guimarães (500 a 400\$00), Portimonense - Belenenses (400 a 300\$00), Sporting - Estrela (500 a 400\$00), Benfica - União (500 a 400\$00), Marítimo - Boavista (500 a 400\$00) e Feirense - Chaves (200 a 300\$00).

Torneio dos publicitários

As equipas de futebol de salão da RTP e da Cox Publicidade disputam no próximo sábado, no Pavilhão Carlos Lopes, a final do V Torneio dos Publicitários de Futebol de Salão RCT/90, que decorreu desde o princípio do ano naquele recinto. Para apurar os 3.º e 4.º lugares, vão defrontar-se, no mesmo dia,

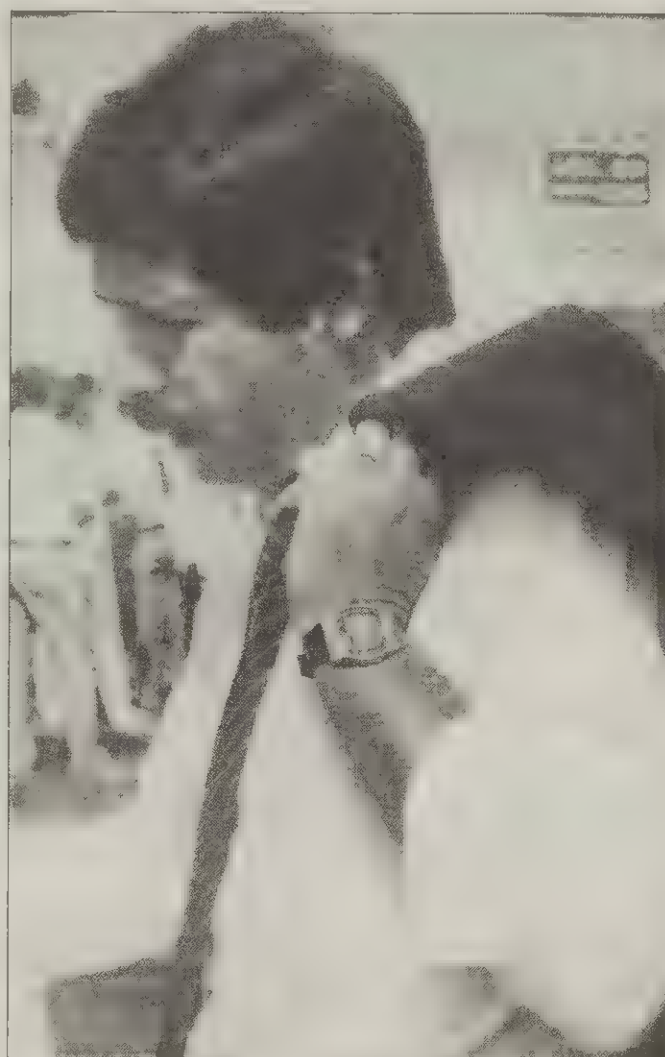
as equipas da Publicis/Ciesa e da Antena BBDO, duas outras participantes do torneio que reuniu (em duas séries) representantes das agências Publicis/Ciesa, Team Protásio, Latina, Cirom, Ogilvy, Antena BBDO, Publicentro, FCB, Lintas, J. Walter Thompson, Cox Publicidade, Plano Publicidade e ainda «TV-Guia», RTC, CNID, «Correio da Manhã», Rádio Comercial, revista «Nova Gente» e Red Portuguesa.

Depois dos dois encontros decisivos deste torneio, que foi promovido pelo Grupo Desportivo da RTC, os elementos de todas as equipas e convidados reúnem-se num almoço na Feira Popular de Lisboa (Restaurante a Sesimbrense) no decorrer do qual se procederá à entrega de troféus.

Lazaroni criticado

Os dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) criticam o técnico Sebastião Lazaroni pelas declarações resultantes da dispensa, no passado fim-de-semana, de vários jogadores para disputarem diferentes campeonatos nacionais. A Imprensa brasileira tem informado que o presidente da CBF (Ricardo Teixeira) só não demitiu de imediato Sebastião Lazaroni porque o campeonato do Mundo está à porta e não haveria tempo para contactar outro técnico.

Lazaroni produziu declarações muito duras para com os dirigentes da CBF que permitiram que os jogadores Taffarel, Acácio, Zé Carlos, Bebeto, Ricardo Rocha, Bismark, Mazinho, Mauro Galvão, Renato e Tita jogassem no domingo pelos seus clubes, quando desde há meses estava prevista a concentração da selecção. Sebastião Lazaroni, ao não dispor dos referidos jogadores,



José Romão: o problema é a escolha

teve que suspender os treinos do fim-de-semana e só hoje reiniciou a preparação da equipa nas instalações da CBF em Teressópolis, a 90 quilómetros do Rio de Janeiro.

O seleccionador brasileiro, apesar da advertência dos dirigentes, não parou as suas críticas e foi em tom irritado que disse ao poder divulgar amanhã a equipa que, no sábado, jogará com a Bulgária, na cidade paulista de Campinas.

Nápoles segura Alemão

O brasileiro Alemão reno-

vou por mais duas épocas o contrato que o liga ao Nápoles, que no domingo reconquistou o título italiano. Alemão, cujo contrato com a equipa onde pontificam o seu compatriota Careca, e o argentino Diego Maradona, terminava em Junho, ficará ligado ao Nápoles até 1992. Ricardo Rogério de Brito (verdadeiro nome de Alemão) assinou o novo contrato antes de viajar para o Brasil onde se integrará nos trabalhos da selecção, tendo em vista o próximo

campeonato do Mundo.

Rodax ultrapassa Sanchez

O avançado austríaco Gerhard Rodax (Admira Wacker) assumiu o comando do troféu «bota de ouro», atribuído anualmente pela Adidas e pelo semanário «France-Football» ao melhor marcadador dos campeonatos nacionais dos países europeus. Após o tento obtido na última ronda da liga austríaca, Rodax totaliza 35 golos, tantos como Hugo Sanchez (Real Madrid) mas conta apenas 33 jogos, contra 36 do mexicano, que não jogou no domingo devido a castigo federativo.

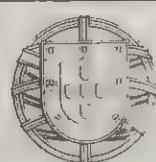
Rodax está (assim) numa posição invejável para ganhar o troféu, pois tem ainda três encontros para dilatar o seu pécúlio, enquanto ao mexicano restam apenas dois jogos. O 3.º lugar pertence a outro austríaco (Toni Polster, do Sevilha, com 33 golos em 36 jogos) e, no 4.º posto continua o sueco Mats Magnusson (Benfica) com 30 tentos em 31 partidas. O francês Papin (Olympique de Marselha, França), detém o 5.º lugar, com 29 golos em 34 jogos disputados.

Bayern reforça sector técnico

O Bayern Munique (campeão alemão-federal da 1.ª divisão) contratou o técnico Wolf Werner como seu 4.º treinador. A missão específica de Werner (que era o técnico máximo do Borussia Moenchengladbach), é vigiar o mercado futebolístico internacional, com especial incidência na América do Sul. Actualmente, o Bayern Munique conta ao seu serviço com os técnicos Egon Cordes, Hermann Gerland e Jupp Heynckes, que coordena o gabinete técnico.

I Série N.º 101
Dia 3 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA



Assembleia da República

Resolução da Assembleia da República n.º 12/90:
Viagem do Presidente da República à Santa Fé.

Ministério das Finanças

Aviso n.º 7/90:

Sujeita à constituição de disponibilidades mínimas de caixa as instituições, monetárias ou não monetárias, supervisionadas pelo Banco de Portugal, que no âmbito da sua actividade assumam responsabilidades, criem instrumentos ou realizem transacções.

Ministérios das Finanças e do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 333/90:

Cria um lugar de assessor principal no quadro único do Ministério do Planeamento e da Administração do Território.

Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 334/90:

Cria no quadro de pessoal da Secretaria Geral do Ministério do Emprego e da Segurança Social quatro lugares de assessor principal.

Portaria n.º 335/90:

Altera o quadro de pessoal da Mansão de Santa Maria de Marvila.

Ministério da Educação

Portaria n.º 336/90:

Estabelece que para o corrente ano lectivo apenas estejam sujeitos ao rastreio anual obrigatório os alunos que se matriculem e se inscrevam pela primeira vez em estabelecimentos de ensino superior público.

Portaria n.º 337/90:

Fixa o número de vagas para matrícula e inscrição, no ano lectivo de 1990-1991, nos cursos de estudos superiores especializados no Instituto Superior de Engenharia do Porto.

Ministério do Comércio e Turismo

Portaria n.º 338/90:

Determina que as empresas produtoras ou importadoras de especialidades farmacêuticas devam comunicar à Direcção-Geral de Concorrência e Preços qualquer baixa efectuada nos preços.

N.º 98

Dia 28 de Abril

SUPLEMENTO

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 139-A/90:

Aprova o Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário.

PESSOAS & FACTOS

Philips apresenta a lâmpada mais pequena do Mundo

A Philips anuncia o lançamento, dentro da sua gama de lâmpadas de economia de energia, a nova «PLC» (menor produção de electricidade) Electrónica, miniatura que incorpora a mais avançada tecnologia.

Trata-se de uma lâmpada compacta, leve e de dimensões pouco maiores do que as de uma lâmpada incandescente convencional, com arranque rápido assegurado por circuito electrónico.

O «design» miniaturizado das lâmpadas «PLC Electrónicas», combinado com a pequena dissipação do calor, assegura uma ampla escolha para os aparelhos de iluminação e permite uma vida média de 8.000 com uma economia de consumo de 80 por cento.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE
CONTINENTE

Regiões do Norte: Céu nublado. Vento fraco de Sueste. Mar encrespado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros.

Regiões do Centro e Sul: Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado durante a tarde. Vento fraco ou moderado de Leste. Possibilidade de aguaceiros e de trovoadas durante a tarde. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação Sueste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

Amanhã: Céu pouco nublado. Vento geralmente fraco de Leste. Pequena subida da temperatura.

Depois de amanhã: Céu pouco nublado. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinal.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco do quadrante Leste. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação Sueste inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco do quadrante Sul.

Depois de amanhã: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste.

AÇORES

Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Norte, soprando por vezes forte durante a madrugada e manhã. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.

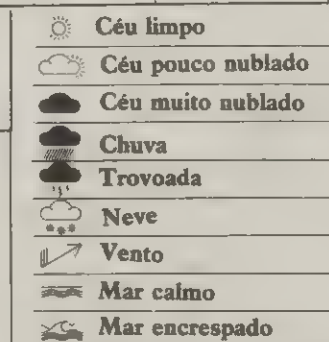
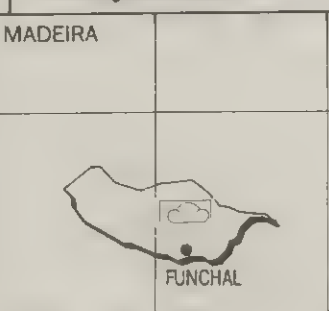
Grupo Central e Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Norte. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.

Amanhã: Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Norte. Aguaceiros.

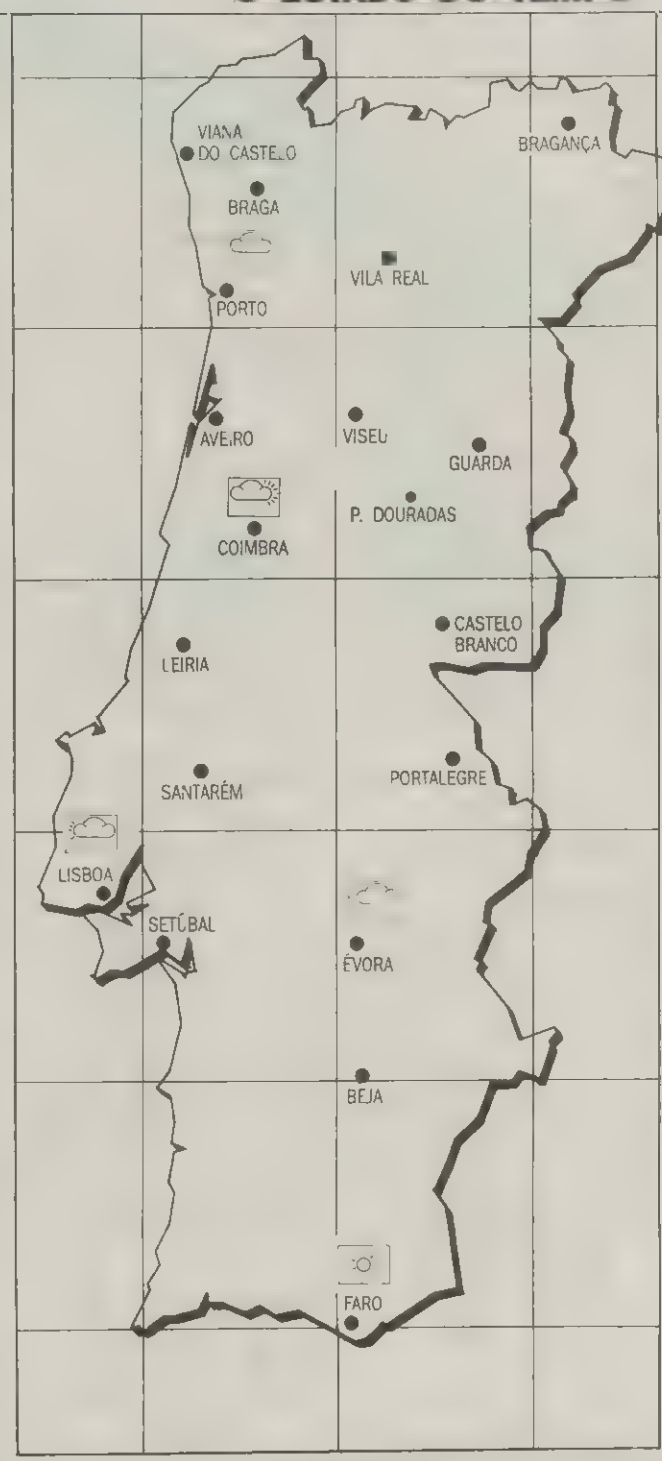
Grupo Central e Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sul e com rajadas fortes. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

Depois de amanhã: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Oeste. Aguaceiros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



HOJE			
PREIA-MAR	BAIXA-MAR	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.36	2.9m	05.19	1.3m
23.59	3.2m	17.32	1.4m
AMANHÃ			
12.38	3.0m	06.21	1.2m
06.2	1.2m	18.31	1.3m



PORTUGAL

	Min. T. 6 h Às 18 h.
Bragança.....	9 9 Limpo
V. Castelo.....	9 10 Limpo
Vila Real.....	10 10 Limpo
Porto.....	11 12 Nebulosa
P. Douradas.....	- - -
Coimbra.....	16 16 P. nub.
C. Carveir.....	15 15 Limpo
C. Branco.....	10 10 Limpo
Portalegre.....	11 11 Limpo
Lisboa.....	14 14 P. nub.
Évora.....	11 11 P. nub.
Sines.....	13 14 Limpo
Beja.....	11 11 Limpo
Faro.....	13 15 Limpo
Sagres.....	15 15 P. nub.
P. Delgada.....	11 12 M. nub.
Horta.....	11 11 P. nub.
Funchal.....	15 15 P. nub.

EUROPA

	Min. T. 6 h Às 18 h.
Madrid.....	5 5 P. nub.
Londres.....	12 13 Bruma
Paris.....	14 16 P. nub.
Bruxelas.....	14 14 P. nub.
Amsterdã.....	13 16 P. nub.
Genebra.....	9 11 Limpo
Roma.....	9 13 Nebulosa
Oslo.....	6 10 Limpo
Copenhaga.....	7 15 P. nub.
Estocolmo.....	13 17 P. nub.
Berlim.....	10 12 Limpo
Viena.....	7 10 P. nub.
Varsovia.....	5 10 P. nub.
Atenas.....	14 15 M. nub.
Moscovo.....	1 7 P. nub.

MUNDO

	Min. T. 6 h Às 13 h.
Chicago.....	8 11 Chuva
Houston.....	21 27 Trovoadas
Los Angeles.....	14 25 P. nub.
Montreal.....	2 13 Limpo
Nova Iorque.....	10 16 Nebulosa
S. Francisco.....	11 26 Limpo
Toronto.....	3 13 P. nub.
Vancouver.....	8 18 P. nub.
Washington.....	12 17 Aguaceiros
Bang Kung.....	21 27 Trovoadas
Melbourne.....	12 24 Limpo
Perth.....	12 23 Limpo
Singapura.....	25 34 Trovoadas
Sydney.....	11 23 Limpo
Tóquio.....	14 19 P. nub.
Wellington.....	8 17 V. forte

assim vai o

totobola

Penalti: 112 121 X22 XX21; O Algarve: 11X 111 1X2 1122; Jornal da Beira: 11X 1X2 1XX 112X; Cardeal Saraiiva: 12X 111 1X2 X221; O Comércio de Leisões: 112 1X1 1XX 1X22; De Tudo Um Pouco: 11X 11X 1X2 112X; Algarve Desporto: 1X2 111 XX2 112X; Ronda Desportiva: 112 112 XXX 1122; Cordeiro de Coimbra: 11X 111 1XX 112X; A Defesa: 11X XXX 1X1 122X; Defesa de Espinho: 12X 1X1 1X2 1X2X; Diário de Coimbra: 11X 1X1 1XX 1XX; O Diário: 11X 111 1X1 1122; Diário de Lisboa: 11X 121 1X2 1121; Diário de Viseu: 11X 11X 1XX 1112; Folha do Domingo: 112 121 12X XX22; Ecos de Cacia: 11X 1X1 122 112X; Eu Sei Tudo: 112 12X 1XX 1122; O Jornal de Felgueiras: 11X 1XX

1XX XX2X; O Almonda: 1X1 XXX 121 1X22; Rádio Guarda: 112 1X1 X21 2X2X; Rádio Totobola: 112 121 XX2 1X1X; Linhas de Elvas: 111 X21 111 1XXX; Litoral: 112 221 1XX 212X; Maria da Fonte: 11X 1X1 1XX 1122; O Mensageiro: 11X 21X 1X2 1122; No Estádio e no Estádio: 11X 1X1 1XX 1X1; Notícias de Chaves: 1XX 111 XX2 1X2X; Notícias de Felgueiras: 11X 1XX 1XX XX2X; Notícias de Gouveia: 1X2 2X2 111 1X1X; Notícias de Viseu: 111 111 1X2 1X1X; Notícias de Viana: 11X 1XX 12X 1X2X; Quadrante Norte: 11X 111 1X2 112X; Informação Desportiva/Rádio Alitude: 11X 1X1 1XX 1121; Bom Dia/Rádio Comercial: 11X XXX 112 111X; Resenha Desportiva: 111 11X 1X1 1X21; A Voz do

Domingo: 11X 1X1 1X1 11XX; Voz de Lamego: 11X 121 1X2 112X; Desporto/RDP Rádio Guarda: 112 11X 1X2 1X1X; Contacto/RDP Rádio Guarda: 112 1X1 1X1 1111; Encontro Com a Manhã/RDP Rádio Guarda: 112 1X1 1X1 1111; Convidados Para Lanchar/RDP Rádio Guarda: 11X 1XX 11X 1XX2X; Disco & Daquilo/Rádio Alitude: 112 1XX 1X1 1X21; Tarde Desportiva/Antena Um: 112 2X1 1X1 2121; Livre e Directo/Antena Um: XXX 112 1X2 2111; Um Caso Por Semana/Rádio Covilhã: 11X 1X1 1X1 XX2X; Foi Notícia/Rádio Covilhã: 11X 121 1X2 1X1X; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 112 1X2 11X 212X; Cultura e Re-

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 18/90 DE 6 DE MAIO DE 1990

	RESUMO			BOLAS (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. F.C. Porto - V. Setúbal	63	3	1	10	1	1
2. Sporting C.P. - E. Amadora	56	10	1	9	2	1
3. Penafiel - Guimarães	15	33	19	3	5	4
4. Nacional - Beira Mar	44	19	4	8	3	1
5. Portimon. - Belenenses	24	28	15	4	5	3
6. Marítimo - Boavista	38	22	7	7	4	1
7. S.C. Braga - Tirsense	52	15	0	9	3	1
8. Feirense - D. Chaves	17	40	10	3	8	1
9. Aves - G. Vicente	14	28	25	3	5	4
10. P. Ferreira - Maia	42	18	7	8	3	1
11. U. Leiria - Salgueiros	43	21	3	8	3	1
12. Maritavos - Espinho	11	18	38	2	3	7
13. O. Moscovide - Torreense	20	32	18	4	5	3

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:

11X 1X1 1XX 112X

creio/Rádio Covilhã: 111 11X 1XX 121; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 11X X22 XX1 12X1; Jornal de Gaia: 1XX 1X1 X22 1X1X; Jornal da Graça: 1X2 X22 XXX 2X22; Jornal de Notícias: 11X 1XX 11X 1XX1; Jornal 1X2: 1X1 22X X12 21XX; Tempo e Re-

sultados/Rádio Comercial: 11X 1XX 1X2 11XX; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 111 111 1X2 1X22; Tempo de Desporto/Rádio Comercial: 112 XXX 122 1X2X; RR/Desporto: 11X 1X1 1XX 1XX1; RR/Bola Branca: 111 111 1X1 111X; RR/Frente

Desportiva: 11X 111 1X1 11XX; Alvo Desportivo: 111 111 111 1111; Rádio Alvo: 11X 1X1 1XX 1XX2; Alvo: 111 11X 1X2 1111; Alvo Suplemento: 111 121 12X 1XXX; A Voz dos Ridículos: 111 1X1 112 1X1X2.

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alcântara: Probidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; **Alto Pina:** Eusil, Rua Barão Sabrosa, 104, Tel. 8141912; **Alto Santo Amaro:** Rio Seco: Dileta, Rua Aliança Operária, 49, A-B, Tel. 3636620; **Alvalade:** Roma, Av. Roma, 85-B, Tel. 772466; **Baixa:** Valadas, Rua da Madalena, 235, Tel. 872060; **Benfica:** Igreja - Cemitério: Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, Tel. 703393; **Campolide:** Imparcial, Rua General Taborda, 28-30, Tel. 680931; **Chelas:** Banha, Est. Chelas, 173-175, Tel. 382241; **Lapa:** Mota Capitão, Rua São Félix, 45, B-C, Tel. 660720; **Galinheiras:** Charneca - Lumiar: São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Metro:** Anjos: Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40, Tel. 8141122; **Oliveira:** Sul: Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; **São Sebastião:** Sá Bandeira, Rua Marquês de Sá Bandeira, 36-42, Tel. 554672; **Buraca:** Amadora: Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Odivelas:** Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 9815446; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Apeadeiro do Azeiro: Chinde, Rua Agostinho

Lourenço, 6-B, Tel. 890331; **Campo de Ourique:** Castro Fonseca, Rua 4 Infância, 28-A, Tel. 688857; **Campo Pequeno:** Av. Roma: Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; **Carnide:** Guimarães Moraes, Rua Neves Costa, 33-35, Tel. 7140081; **Chafariz Dentro:** Cruz de Malta, Largo Chafariz Dentro, 36, Tel. 866126; **Conde Barão:** Moz Teixeira, Rua Poço dos Negros, 117, Tel. 601961; **Encosta Restelo:** Moinhos: Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A, Tel. 611814; **Estefânia:** Universal, Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 544158; **Marquês Pombal:** Liberal, Av. Liberdade, 219, Tel. 543641; **Martim Moniz:** Tavares, Rua da Palma, 194, Tel. 863350; **Sapadores:** Branquinho, Rua dos Sapadores, 87-89, Tel. 8142725; **Colina Sol:** Brandoa - Amadora: Vidal Reis, Urb. Alformel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Oliveira Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22



MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

AGENDA

h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; **Paredes:** Brandoa, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **Sasoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento, Tel. 280141. Permanente.

LINHA DE SINTRA

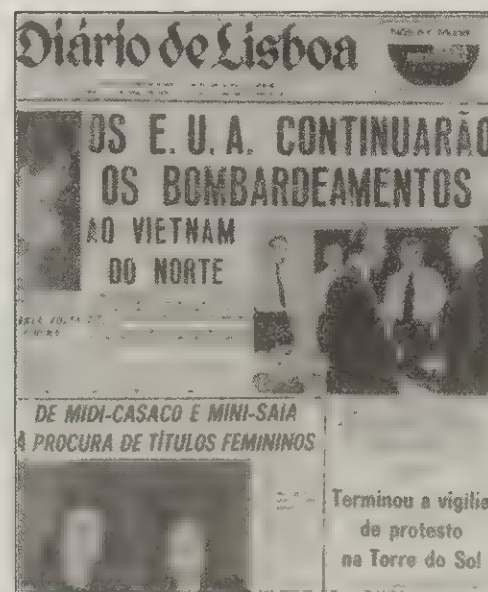
Amadora: Solla, Loja D, Lote 65, Tel. 900724. Permanente; **Soares Correia,** Est. Águas Livres, Carque, Tel. 965517. Permanente; **Nunes,** Est. Serra Mira - Falagueira, Tel. 4937543. Até às 22 h; **Queluz:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A, Tel. 4365849. Permanente; **Albergaria,** L.

Prof. Dr. José Mineiro, 42-Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. Bons Amigos, Lote 5-D, Tel. 9243693. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calc. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculanio, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeira:** Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Piçarra, P. Bocage, 65-A, Tel. 2074771. Permanente; **Baixa da Bandeira:** Nunes, R. 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; **Sesal:** Codinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580. Até às 22 h; **Montijo:** União Mutualista, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035. Até às 22 h;

HÁ 20 ANOS



EUA: bombardeamentos ao Vietnam do Norte

Aviões dos Estados Unidos bombardearam instalações de mísseis e de artilharia antiaérea no Vietnam do Norte - revelaram ontem, em Washington, círculos autorizados do Pentágono. Foi o maior ataque aéreo efetuado ao norte da zona desmilitarizada desde que cessaram os bombardeamentos aéreos norte-americanos, há dezoito meses.

Midi-casaco e mini-saia

Um midi-casaco e uma mini-saia passaram pelo aeroporto com destino ao Japão e a Madrid, respectivamente. Maria do Rosário (o midi-casaco) vai tentar o título de "Miss Juventude Internacional". Maria Manuela competirá com as "Majas" na capital do país vizinho, usando uma mini-saia.

Soraya volta ao cinema

Segundo uma revista italiana, editada em Milão, Soraya vai voltar ao cinema, sendo a protagonista da película «Movimento», de Pierre Rouve, na qual contracenará com Martin Liège. O filme é rodado em Marrocos.

EFEMÉRIDES

1924
•Têm início, em Paris, os VIII Jogos Olímpicos da era moderna, em que Portugal conquista uma medalha de bronze na modalidade de hipismo, saltos, por equipas.

1944
•Uma equipa de cientistas da Universidade de Harvard, nos EUA consegue produzir quínino sintético.

1968
•Tem início, em França, o movimento de contestação que ficou conhecido como Maio de 68. Desordens violentas ocorridas no Quartier Latin e nas imediações da Sorbonne levam ao encerramento desta Universidade.

1979
•Margaret Thatcher, 53 anos, torna-se a primeira mulher a assumir o cargo de primeiro-ministro na Grã-Bretanha, na sequência das eleições que deram ao seu partido (conservador) 44 por cento dos votos e uma maioria de 43 lugares no Parlamento.

1982
•A Argentina confirma o afundamento do cruzador «General Belgrano», levado a cabo por um submarino britânico no Atlântico Sul, durante o conflito sobre as Falkland/Malvinas.

1984
•As autoridades norte-americanas admitem, pela primeira vez, que a CIA dirigiu «raides» aéreos no interior da Nicarágua e forçou rebeldes antigovernamentais a assumir a responsabilidade de tais operações.

1986
•A Polícia marroquina detém, em Casablanca, Alexandre Chagas e Joaquim Messias, suspeitos de envolvimento no assassinio de Evo Fernandes, antigo secretário-geral da Renamo.

1989
•A Câmara Municipal de Lisboa aprova, por unanimidade, a proposta do arquiteto Siza Vieira para a recuperação da zona sinistrada do Chiado.

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 805456
TANGO E CASH
Filme de Andr. Konchalovsky
M/16 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

MISS DAISY
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
TANGO E CASH
M/16 anos - As 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

MISS DAISY
M/12 anos - As 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - As 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 4

HENRIQUE V
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

CRIMES E ESCAPADELAS
Filme de Woody Allen
M/12 anos - As 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7

A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

OS PARULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - As 13.30, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 10

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Julio Dinis, 10-A - T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Sessões às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CRANÇA ADORÁVEL
Filme de Anthony Simmons
M/12 anos - As 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
SELF-SERVICE DO SEXO
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - As 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
PHANTOM - O NINJA BRANCO
Filme de Dusi Nesor
M/12 anos - As 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MÚDOS
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
DUPLO DE FOGO
Com Peter Weller
M/18 anos - As 24.00

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
O POLÍCIA DE MIAMI
M/6 anos - As 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

A GUERRA DAS DROGAS
M/12 anos - As 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SEXO A FRANCESA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - As 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
DOMINGO A TARDE
De António de Macedo, às 18.30
UM LADRÃO NA NOITE
Com Jean Arthur, às 21.30

CITY CINE

R. Tomas Ribeiro, 34 - T. 549999
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - As 12.30, 14.45,
16.45 e 19.30

CONDES

Av. da Liberdade, 27 - T. 322523
CRIMES E ESCAPADELAS
Filme de Woody Allen
M/12 anos - As 13.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 555134
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/16 anos - As 13.30, 16.30 e 21.30

FONTENOVA I

"Est. de Benfica 503" - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTENOVA 2

BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - As 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTENOVA 3

TANGO E CASH
M/16 anos - As 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Dr. Vitor Manuel Pinto Ferreira Mesquita, MM.º Juiz de Direito da 3.ª Secção do 6.º Juízo Cível de Lisboa.

FAZ SABER que nos autos de Execução de Sentença n.º 2169/B que MARIA JUVITA GASPARI LOPES COSME DE FREITAS ALVES SANTIAGO DOS SANTOS E OUTRAS, movem contra MARIA ALICE LOPES FEIJAO DE SAMPAIO MELLO E CASTRO, viva, com última residência conhecida na Urbanização da Portela, Lote 112-2-DL.º em Sacavém, correm editos de trinta dias, contados da data da segunda publicação do respectivo anúncio, citando a executada acima identificada, para no prazo de 10 dias, decorrido o prazo dos editos, deduzir oposição ou pagar a quantia de Euro: 2.236.550\$00, acrescida de juros vencidos desde o trânsito em julgado da sentença condenatória e dos que se vencerem em integral pagamento, ou nomear bens à penhora, que garantam o pagamento de tais quantias, sob pena de não o fazendo se considerar devolvido ao exequente o direito de nomeação de bens à penhora, seguindo o processo seus ulteriores termos até final.

Lisboa, 26 de Abril de 1990

O Juiz de Direito
a) Vitor Manuel Pinto Ferreira Mesquita
A Escrivã-Adjunta
a) Maria de Jesus Matias

«DL» 1.º Pub - 3/5/90

CARTAZ



O MEU PÉ ESQUERDO PUB
Em exibição Quarteto Sala 1 Qualidade Maiores 12 anos

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITORIO 1

O FILOSOFO
Filme de Rudolf Thome
M/16 anos - As 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITORIO 2

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA
Filme de Peter Greenaway
M/18 anos - As 14.00, 16.30,
19.15 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
TANGO E CASH
M/16 anos - As 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/18 anos - As 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Buihao Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

TANGO E CASH
M/16 anos - As 14.30, 17.00,
19.15 e 21.15

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - As 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

TANGO E CASH
M/16 anos - As 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
TANGO E CASH
M/16 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

UM AMOR INEVITÁVEL

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 57

CARTAZ

ALMADA

ACADEMIA
ALMADENSE

Telef. 2752127
TANGO E CASH
M/16 anos - As 15.30 e 21.30

COSTA
DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado - T.
2905011

Sala 1
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - As 15.45 e 21.30

Sala 2
DEMONIO DESAIAS
M/12 anos - As 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
LAMBADA - DANÇA PROIBIDA
M/12 anos - As 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - As 15.30 e 21.45

CASCAIS
MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841744
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - As 15.15 e 21.15

Sala 2
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO
M/16 anos - As 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
TANGO E CASH
M/16 anos - As 16.00 e 21.30

NOVA OIRAS
CINE PALMEIRAS

Sala 1
Telef. 2479144
CORACÕES DE AÇO
M/12 anos - As 15.15 e 21.30

Sala 2
TANGO E CASH
M/12 anos - As 15.30 e 21.45

OIRAS
ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - As 15.15 e 21.45

Sala 2
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/12 anos - As 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T.
4934871

TANGO E CASH
M/16 anos - As 14.00, 16.30
19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570
O RIO DA MORTE
M/12 anos - As 15.00 e 21.30

QUELIZ
KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
TANGO E CASH
M/16 anos - As 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - As 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - As 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO
LISBOA

ABC

Parque Mayer
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
WHAT HAPPENED TO
MADEIRA IGLESIAS
De Filipe La Féria

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco de Borja, 24 - T. 607299
De 3ª a Sáb. às 21.30 Dom. às 18.00
TEATRO DOCE TEATRO
De Edward Radzinsky

CHAPITÔ

R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
De 3ª a Sáb. às 21.30 horas
KUSCHKE E KUSCHKE
De Fernando Gomes

CINEMA STADIUM

Av. Combatentes G. Guerra, 52 - Alges
6ª e Sáb. às 21.30
OS CRIMES DE LONDRES
De Mihail, pelo grupo de teatro -
Intervalo

CLUBE ESTEFÂNIA

R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3ª a Sáb. às 21.30 Dom. às 16.30
INIMIGOS
De Nigel Williams

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818

CAFÉ TEATRO

FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas

IBÉRICO

R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. Finais às 17.00
O FILM
De António Patrício

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreras, nº 52

TEATRO
LISBOA

T. 897017
De 3ª a Sáb. às 21.30, 6ª e Sáb.
às 20.30 e 22.45
Dom. às 15.00 e 18.00

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45
Domingos e Finais, também às
16.00
VITÓRIA VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco
Nicolson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro

MUNICIPAL S. LUIZ

R. António M. Cardoso, 40 - T. 327172
Hoje às 21.30
De W. Shakespeare

PRIMEIRO ACTO

R. Eduardo Pedrosa, 16-A - Alges - T.
2115033
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 17.00
AS PULGAS
De Cunha Leiradella,
pela Comp. Person

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE
ALGODÃO
De Bernard - Maria Koltis

TEATRO DA GRAÇA

Trav. de S. Vicente, 11 - T. 875626
Estreia às 21.30
CENAS DA VIDA DE BENILDE
Uma adaptação de Jorge Listopad da
peça de José Régio «Benilde ou a
Virgem-Mãe»

VARIEDADES

Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30
Domingos e Finais também às
16.00
OS MENINOS A RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

OUTRAS
LOCALIDADESESTORIL
CASINO ESTORIL

T. 2694321
De 4ª a 6ª às 21.30
De 3ª a Sáb. às 21.30 Dom. às 17.00
Dom. às 17.00
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria

MUNICIPAL
MIRTA
CASIMIRO

Av. Fausto Figueiredo - Monte Estoril
T. 2670320
De 3ª a Sáb. às 21.30 Dom. às 17.00
QUERO SER REI ESTA NOITE
De Peter Shaffer

LINDA-A-VELHA
ACADEMIA
RECREATIVA

R. Fontes P. de Melo, 21
Aos sábados às 21.30
FALAR VERDADE A MENTIR
De Almeida Garrett

ODIVELAS
TEATRO
DA MALAPOSTA

T. 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
AFLORESTA
De Alexander Ostrowsky
3ª, Sáb. e Dom. às 16.00

PORTO
TEATRO
SÁ DA BANDEIRA

T. 2003595
De 3ª a Sáb. às 21.30
De 5ª a Sáb. às 20.30 e 22.45
Domingos e Finais às 16.00 e 20.30
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Dantas

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

BARCOS DE PAPEL - Pintura de Aida
Nobre, Fatima Pinto e Teresa Silva
Sala Almada Negreiros Cals de
Alcantara (Inaugura dia 10, às 18
horas)
FRANCESSES EM COLECTIVA
Galeria Espiral - Ceiras (Inaugura dia
4, às 21 e 30)
FRENESI - Exposição iconobolli
gráfica dos dez anos da colecção
Centro Cultural Emmenco Nunes/Sines
(Inaugura dia 4, às 22 horas)
JAIME SILVA - Pintura
Galeria de S. Bento - Rua do Machad-
inho, 1 (Inaugura dia 4, às 22 horas)
JOAQUIM BALTASAR - Pintura
Espaço INTERNI - Rua Rodrigo da Fon-
seca, 51 (Inaugura dia 4, às 19 horas)
MARITHE ROY - Pintura
Galeria JF - Cascas (Inaugura dia 5
às 21 e 30)
VIEIRA BAPTISTA - "Agonia e Êxtase"
pintura
Centro de Arte SocTip - Rua D
Estefânia, 195 (Inaugura hoje, às 22
horas)

LISBOA

HELENA ALMEIDA - Mais dos desenhos
que da pintura de Helena Almeida
podemos falar de levitação. Depois
de uma relação com o corpo (em
«Desenho Habitado/Pintura
Desabitada», Helena Almeida
apagava, frequentemente, o corpo
fotografado com a pintura) nunca
como agora o risco do desenho
levitou numa volumetria que - na
pintura, nos ferros pintados - se
confronta com a espacialidade da
escultura
Galeria Valentim de Carvalho - Rua
da Cruz dos Poiais, 111 (15/20 horas,
excepto domingos. Até dia 19)

MANUEL VILARINHO - Desenhos a tinta
da china e carvão sobre papel,
mostrados na intimidade que a Loja
de Desenho lhe dispensa. A liberdade
do desenho permite condições que a
pintura de Manuel Vilarinho não faz.
O resultado é um diário de bordo de
uma itinerância profundamente
urbana, sem os tiques da denúncia,
percorrida pela exemplaridade da
solidão.
Loja de Desenho - Rua da Academia
das Ciências, 2 (15/19 e 30, excepto
domingos e segundas-feiras. Até dia
15)

MANUEL BAPTISTA - A SNBA recolhe-lhe
em duas salas 27 anos de pintura
recortada e colada. Obra sem
sobressaltos, indiferente às solicitações
da voragem do mercado, esta
exposição permite compreender um
trajeto coerente consigo próprio
evolutivo sem espalhafato. A
dignidade da obra de Manuel
Baptista, aqui antologado, bem
merece que a SNBA lhe atribua o
espaco do salão, em vez de
distribuímos o prazer de piso em piso
SNBA - Rua Barão Salgueiro (14/20
horas, excepto segundas-feiras. Até
dia 13)

PAULO QUINTAS - Primeira exposição
individual de um pintor onde se sente
a orfandade. Paulo Quintas escapa
aos escrutinadores de referências, e
mostra uma pintura de que, se mais
não houvesse a dizer, já mecesse
o falar do prazer de inventar e descobrir.
Para isso, Paulo Quintas dispõe
apenas do papel, como suporte, e o
amarelo infectado pelo verniz. O que
já não é pouco. Para atravessar o
fogo, a salamandra só precisa da
pele
Pedro e o Lobo Arte Contemporânea
Rua do Salitre, 169 (15/20 horas
excepto domingos. Até dia 17)

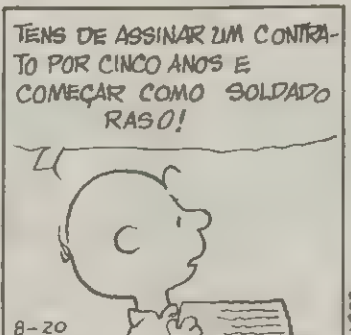
DUANE MICHALS - Fotografia
Centro de Arte Moderna
RENATO CRUZ - Pintura
Galeria YGrego - Avenida António
Augusto de Aguiar, 13
TRABALHOS RECENTES - Fotografias de
Américo Silva, Curado Matos, Monteiro
Gil e Sérgio Eloy
AAPACO - Rua Fretas Gazul, 24 (18/21
horas excepto domingos e segundas
feiras)

ALMADA

30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA
ESBAL - 23 alunos testemunham a
qualidade do ensino dessa disciplina
ministrado pelos professores Gil
Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui
homenageados. A simulação do que
é uma oficina de gravura (xilografia,
caligrafia, água-fortes e serigrafia)
desmistificam e aproximam o público
dos trabalhos presentes
Galeria Municipal de Arte (15 às 22
horas, excepto segundas-feiras)

JF.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE
RTP-1

15.55 - MATINÉE

«A Canção de Lisboa», um filme
de Continelli Telmo (1937), com
Vasco Santana, Beatriz Costa,
António Silva e Teresa Gomes.

17.25 - A HORA DO LECAS

18.30 - RUA SÉSAMO

129ª programa

19.00 - JOGO DE CARTAS

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA

20.05 - O TEMPO

20.10 - BOLETIM AGRÁRIO

20.15 - VALE TUDO

104º episódio

21.20 - NOME DE CÓDIGO KYRIL

A história desta mini-série de 4
episódios que hoje se inicia,
centra-se num alto traído no
centro de Moscovo e em Stanov,
presidente do KGB, que secreta-
mente arma uma perseguição



«Os Desafios da Lei»,
no 2º Canal às 17.25

para o eliminar. Um dos seus
oficiais - com o nome de código
Kyril - inicia uma convincente
deserção. Os rumores que circula-
ram tanto em Moscovo como em
Londres é que o «deserto»
transporta com ele a própria
identidade do espiao. Realização
de Ian Sharp, baseada na novela
de John Trenhaile.

22.10 - CONVERSAS VADIAS

O Prof. Agostinho da Silva com
dois jovens estudantes

22.40 - MURPHY BROWN

4º episódio: Murphy fica bastante
agitada quando tem que entrevis-
tar um atractivo radical dos anos
60 - um homem que foi seu
marido há 20 anos atrás, somente
durante quatro dias!

23.10 - 24 HORAS

23.40 - UM DIA...

Com Vasco Granja

23.50 - REMATE

00.05 - CARTAS DE HUMOR

Com Fernando Luís

RTP-2

16.30 - OS CENTURIÕES

5º episódio

16.50 - NOVO ELUCIDÁRIO

MADEIRENSE

17.25 - OS DESAFIOS DA LEI

5º episódio: Penelope tem entre
mãos um difícil caso de sucessão e
custódia. Por seu lado, Miranda
também está a lutar para obter a
custódia do seu filho, só que a
Imprensa sensacionalista não
perde a oportunidade de agarrar a
história e acaba por descobrir que
ela tem uma relação com uma
mulher.

18.15 - TELEMERCADO

18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

19.10 - ESPAÇO INFANTIL

19.50 - CLÁSSICOS DA TV

«Estrada 66», 50º episódio

20.40 - VIA RÁPIDA

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - EMOÇÕES

15º episódio: Zach aproveita-se de
uma excelente ideia de sandy no
sector da música vídeo e é consid-
erado um génio. Mas quando o
«menino prodígio» se revela
incapaz de apresentar uma nova
sensação em vídeo, vê-se obri-
gado a pedir ajuda a Sandy.

21.55 - SINAIS DO TEMPO
22.55 - QUINTA DIMENSÃO
23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGES

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - AS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - GLOSS
14.20 - O MUNDO ANIMAL
14.45 - PONTO POR PONTO
15.25 - MATINÉE: GINGER E FRED
17.30 - JUNTOS E AO VIVO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.30 - CONCURSO MISS PORTUGAL
23.15 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
00.10 - 24 HORAS
00.40 - UM DIA
00.45 - REMATE
00.55 - CARTAS DE HUMOR
01.00 - PELA NOITE DENTRO
«Beco sem Saída»

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.35 - FILHOS E FILHAS
15.00 - AGORA ESCOLHA!
16.30 - HERÓIS
16.55 - AS GRANDES VIAGENS
DE COMBOIO
17.55 - MAGAZINE MUSICAL
18.20 - TELEMERCADO
18.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.20 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.15 - BUCHA E ESTICA
20.40 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ROTAÇÕES
24.00 - HAJA MÚSICA

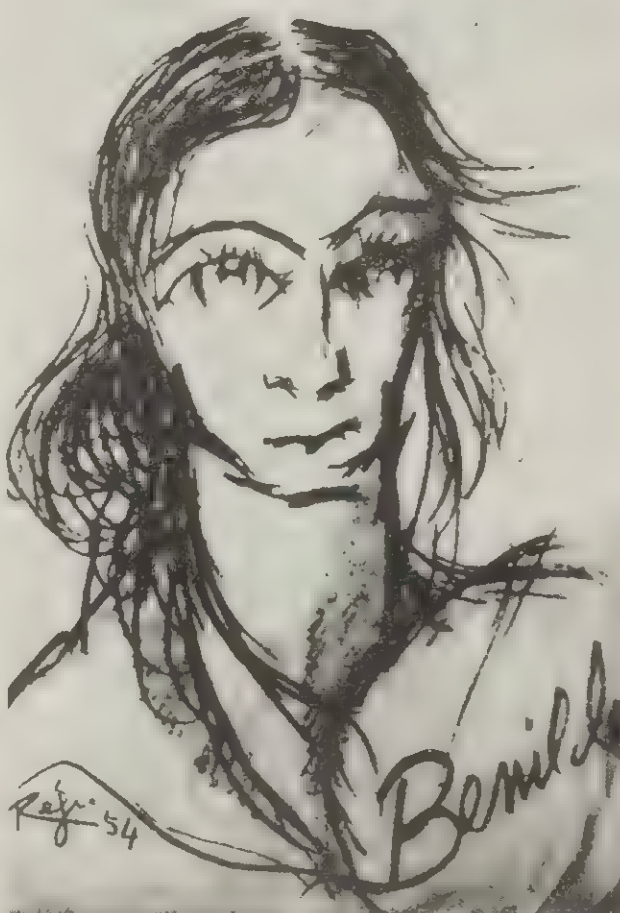
TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS

DA
VIDA
DE

BENILDE

Subsídio SEC



SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE JOSÉ RÉGIO
ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA
LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JULIO MARTIN, RUY FURTADO

ESTREIA HOJE, ÀS 21.30

TRIBUNAL DO TRABALHO
DE LISBOA
7.º JUÍZO
ANÚNCIO

O Dr. Artur de Melo e Mota, Magistrado
do Juízo do 3.º Juízo, 3.ª Secção do
Tribunal do Trabalho de Lisboa
Faz saber que se encontra designado
o dia 11 do próximo mês de Junho, pelas
14 horas e 15 minutos, para se pro-
ceder à arrematação em Gasta Pública
— 1.ª Praça — do Direito ao trespassse
e arrendamento do estabelecimento sito
na Rua Cais do Tejo, 52-54, Lisboa e pe-
lo valor de 1.500.000\$00, bem penhora
dos nos Autos de Execução por Quentia
Certa registados sob o n.º 78-A/84, em
que é Exequente Fernando Miranda Al-
ves e Executada PRONÓSTIA-Z
BETTENCOURT da Silva, Lda., diglifica-
cia a realizar à porta deste Tribunal, sito
na Av. Almirante Reis, 49 — Lisboa

Lisboa, 26 de Abril de 1990

O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)
A Escrivão,
(assinatura ilegível)

-DL- 1.º Pub — 3/5/90

FINALMENTE EM LISBOA!
TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO
MAX E MILA

de Volker Ludwig • Encenação de Júlia Correia
M / 6 anos

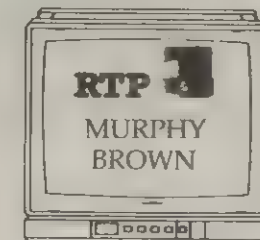
CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS!

5.ª Feira • 3 de Maio • 18.30 Horas

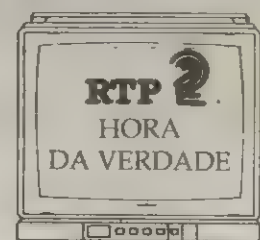
6.ª Feira • 4 de Maio • 18.30 Horas

Sábado • 5 de Maio • 16 H e 21.45 Horas

AUDITÓRIO DO INSTITUTO ALEMÃO
CAMPO DOS MÁRTIRES DA PÁTRIA, 37 — LISBOA
RESERVA DE BILHETES — TELS. 530305 / 520149

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

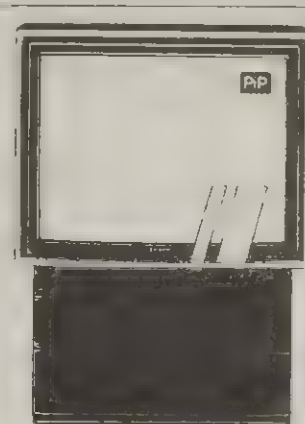
RTP 1
MURPHY
BROWN



RTP 2
HORA
DA VERDADE

BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO

MAIS
RÁPIDO E ECONÓMICO

PÊLOS EXTRAÇÃO ELÉTRICA
SEM DOR • SEM MARCAS
A CERA QUENTE OU FRIA

Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38

A PERGUNTA
DO DIARui Amaral
meteorologista

Como é que se justificam estas trovoadas diárias que se têm verificado em Lisboa?

«Desde a superfície até nove quilómetros de altitude, existe circulação ciclónica sobre o Sul da Península Ibérica. Isso já justifica a instabilidade que é agravada no período da tarde pelo aquecimento do sol. Justifica também a formação de nuvens de grande desenvolvimento vertical, designadas por cumulonimbos, que estão na origem das trovoadas e dos aguaceiros intensos e por vezes de granizo.»

Sexta-feira no

Diário
de Lisboa

As armas
que temos
em Portugal

Mulheres
cabo-verdianas
em luta pela
emancipação

Política
de A a Z
por F. Piteira
Santos

Artigo de
Ulpiano
Nascimento

ENTREVISTA

Miguel Guilherme começou a fazer teatro para se divertir e acabou por o levar a sério. Quando criança, o cinema era a sua grande paixão. No entanto, grande parte da sua carreira tem sido feita no teatro. Actualmente é o Pirilampo, da peça «Inimigos»

«O teatro está sempre em crise»

D.L. - Tem muitos inimigos?

M.G. - Não, não tenho. Sou capaz de ter alguns, mas nunca tenho bem a certeza de quem é inimigo ou não. Posso localizar um ou dois, nada de especialmente grave.

D.L. - Como decidiu ser actor?

M.G. - Foi por acaso. Eu tinha 19 anos e matriculei-me num curso de actores que «A Comuna» tinha aberto para formar elementos para o grupo. Fui mais pelo entusiasmo, pela perspectiva de encontrar qualquer coisa de novo e de me divertir e acabei por me dedicar mais a sério.

D.L. - Não era, então, o seu sonho de criança...

M.G. - Sempre gostei muito de cinema, sempre brinquei muito com os meus irmãos e com os meus primos, fazíamos uma espécie de radionovelas, mas nunca pensei em ser actor. Aliás, nunca pensei em seguir uma profissão especial...

D.L. - Diz que sempre gostou muito de cinema, mas tem feito sobretudo teatro, não é?

M.G. - Sim, embora ultimamente tenha feito mais cinema. Já há um ano e tal que não fazia teatro, e durante esse tempo fiz três filmes portugueses, além de uma pequena participação numa produção franco-portuguesa.

D.L. - Uma das coisas que o tornou muito conhecido do grande público foi o anúncio dos pequenos electrodomésticos. Como é que isso surgiu?

M.G. - Surgiu... e depois alastrou, foi um anúncio falado...

D.L. - Foi importante para si?

M.G. - Foi, porque me abriu portas para muitas coisas, inclusivamente dentro do teatro.

D.L. - Porque é que não entrou agora no «Casino Royal»?

M.G. - Porque já estava comprometido com um filme de Manoel de Oliveira. O programa do Herman foi feito uns meses antes do previsto e como me interessava imenso fazer o filme, não pude entrar.

D.L. - Não teve nada a ver com a qualidade do programa...

M.G. - Nada, nada. Aliás, como é que eu, antes de ver o programa, ia saber como ia resultar, se era bom ou mau?

D.L. - Como é a vida de um actor?

M.G. - Depende dos actores.

D.L. - Como é a sua?

M.G. - A minha depende muito das épocas. Por exemplo, depois de uma peça estreiar, acabo por ter um dia a dia mais descontraído. Quando estou numa fase de ensaios é mais tenso, não só mais ocupado como mais angustiado, mais preocupante. Depois da peça estreiar, embora se vá sempre

aperfeiçoando o papel - porque quando a peça estreia, não quer dizer que esteja acabada, pelo menos para mim nunca está - o quotidiano acaba por ser mais relaxado.

D.L. - Quais são os papéis dos seus sonhos?

M.G. - Não tenho assim nenhum papel em especial que gostasse de fazer. Por exemplo, agora vou fazer Shakespeare, uma coisa que gostava imenso de fazer, que

nunca fiz, e que me vai dar imenso prazer. Não tenho assim nenhum ideal de personagem. Há certo tipo de personagens que me agradam mais, mas isso também se vai descobrindo.

D.L. - Dê lá um exemplo de um ou dois mais apaixonantes.

M.G. - À partida, todos os papéis que fiz, gostei. Mas gostei muito, por exemplo, do papel de gato que fiz há muitos anos na «Comuna», numa peça que se chamava «O Dra-

gão». Houve outro, no «Teatro Aberto», na peça «Tu e Eu», em que trabalhei com o João Perry.

D.L. - O teatro está em crise?

M.G. - Está, o teatro está sempre em crise. Está numa crise a nível institucional, na medida em que não é apoiado como deveria ser. Além disso, o teatro reflecte a própria sociedade, e como esta está em perpétua crise...

D.L. - Mas o teatro, em si, tem falta de ideias, de gente, de entusiasmo?

M.G. - Tem, bastante. Agora menos. Eu, pessoalmente, não sinto isso porque as peças que tenho feito vivem à base do entusiasmo e o público reconhece isso, identifica-se, gosta mais. A nível do teatro como entidade global, em Portugal, existe uma certa crise de criatividade, como noutras áreas. De qualquer maneira, está a esbater-se um pouco ou, pelo menos, as pessoas estão a tentar perceber porque é que isso acontece, o que já não é mau.

D.L. - Fale-nos um bocadinho do Pirilampo.

M.G. - É um personagem amargo, um bocado enraivecido. Não sabe muito bem porque é que está naquela situação marginal e como é que há-de sair dela. Por qualquer motivo, está num lado da barricada, do qual muito raramente se consegue sair.

D.L. - Há muitos Pirilampos?

M.G. - Eu acho que sim, mas para mim a quantidade não é importante. Enquanto houver pessoas tão desesperadas, é importante falar sobre elas, nem que sejam só uma ou duas.

D.S.



A pequena luz...

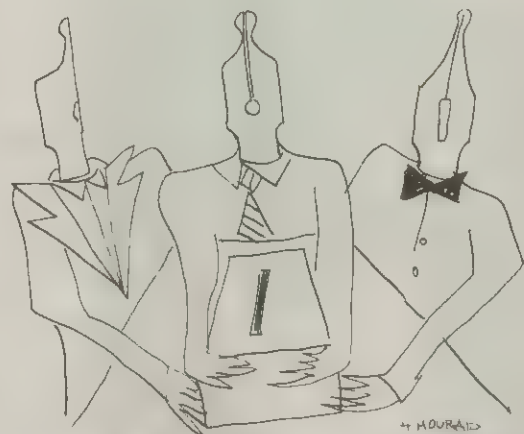
Os linguistas discutem a prioridade da aparição do verbo ou do substantivo no seio da nebulosa oratória. Os escritores não discutem os verbos e os substantivos, utilizam-nos: escrevem. E se discutem algo com os outros ou entre os seus pares, então fazem-no de preferência em particular. Antigamente nos cafés reservados...

Os escritores, por definição, são individualistas, não gostam de organizações, de agrupamentos, e se gostam não é por muito tempo, têm uma ideia anarco-anti-sindicalista quer sejam de esquerda simbolicamente povoada ou de direita simbolicamente solitária - e portanto não se pode considerar surpreendente que nas últimas eleições para a nova direcção da Associação Portuguesa de Escritores não se soubesse constituir uma lista alternativa se já a preparada lista pela direcção cessante tinha, suponho, as dificuldades habituais de nascer para a vida. Ainda menos surpreendente o facto que dos 700 membros aptos a votar tenham entrado na urna 51 e talvez alguns ainda por delegação. 93% de abstenções é um resultado interessante, nada ambivalente, ainda menos simbólico, mas de gesto sincero, de carácter, corrigido pelo hábito desse novo sedentário ou, se viajante, ao longe.

Só nos momentos excepcionais os escritores garantem a sua sobrevivência organizativa. E se a necessidade até faz aprender a tocar violino (um provérbio longínquo), os escritores aprendem a ser um colectivo.

Não escreveria sobre o tema: mas foi uma carta de um leitor que me incitou a reagir a «essa vergonha» - cito - que digo que não foi, e sem exercer a autocritica: também não votei. E se precisar de uma atenuante complementar, tinha a mesa de voto a 17 km: exactamente a distância que o olho nu, segundo os físicos, se pode aperceber da luz de uma vela - mas sem saber de que vela se trata.

Jorge Listopad



BENFICA

EM VIENA
VÁRIAS PARTIDAS
AVIAO
AUTOPULLMAN
CONSULTE-NOS

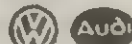
AVIC
Holiday
Tours

VIA DE OUTUBRO, 83 C 1100 LISBOA
(Metro Saldanha)
54 77 69 / 57 29 70 / 52 11 16

A.M.A.

Auto Monumental de Armas

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa**

3 DE MAIO DE 1990 NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

*J. C. de Melo Neto, Sevilha Andando, págs. 2, 3; Caso Heidegger, págs. 4, 5,
e ainda 6 e 7; Sida e Literatura, pág. 8.*

HEIDEGGER

A questão principal

O texto que a seguir se apresenta, pela primeira vez numa tradução portuguesa, foi escrito por Heidegger para um jornal de estudantes de Freiburg im Breisgau, de cuja Universidade o filósofo era então reitor.

Para quem se encontre minimamente familiarizado com as obras e o estilo de Heidegger, a leitura deste texto, mais ainda do que as páginas do discurso de aceitação do cargo de reitor proferido a 27 de Maio de 1933, não pode deixar de causar um estremecimento moral e intelectual. Nele encontramos o casamento perfeito da insinuante e sugestiva linguagem heidegger-

riana com a redundância vulgar e enfática dos mais triviais lugares-comuns da provincialidade ideológica do nacional-socialismo.

O estremecimento transforma-se em arrepio quando lemos a resposta dada pelo filósofo aos jornalistas de *Der Spiegel*, que em 1966 o confrontaram com as suas declarações de Novembro de 1933: «Ao aceitar o reitorado, tinha plena consciência que não poderia sobreviver sem compromissos». Chamar «compromisso» a um pacto com Mefistóles, a uma confissão de obediência para com Hitler é algo que não se pode aceitar a ninguém, e menos

ainda a um filósofo.

O arrepio transforma-se em repugnância quando nos apercebemos, depois das investigações de Victor Farias (1987) e Bernd Martin (1989), entre outros, que as declarações de Martin Heidegger ao *Spiegel* não passavam de uma rábula plena de dissimulação e ocultação. Que um filósofo se comporte perante a verdade como um animal acossado é algo que não podemos admitir em absoluto, sobretudo depois de este ter exaltado as virtualidades da autenticidade e da existência autêntica.

Ninguém poderá pôr em causa a natureza amadurecida e lúcida do compromisso de

Heidegger com o Partido Nazi. O filósofo contava 44 anos nesse ano de 1933, e na altura em que estas palavras — agora traduzidas — foram escritas já Hitler tinha mostrado as suas garras e os seus desígnios totalitários: a 27 de Fevereiro ardia o *Reichstag*, a 28 de Fevereiro era publicado o decreto de suspensão dos direitos e liberdades cívicas fundamentais, pondo fora da legalidade o PC e o SPD; a 24 de Março, o governo hitleriano concentrava em si faculdades legislativas ditatoriais; logo a seguir ao primeiro de Maio os sindicatos independentes são liquidados; a 10 de Maio tem lugar a funesta queima de livros antialemães comandada por A.

Bäumler na Praça da Ópera em Berlim, que seria imitada por todo o país...

A questão central do «caso Heidegger» não me parece passar por uma consideração redundante da sua evidente fragilidade moral, aliada à carência de uma outra virtude importante: a coragem. A questão principal passa por uma reavaliação global tanto da filosofia de Heidegger no seu conjunto, como do significado filosófico do nacional-socialismo.

Trata-se de uma tarefa imensa. A sua grandeza deve chocar certamente a pequena multidão dos adeptos do filósofo que durante décadas con-

fundiram a compreensão das teses do seu mestre com uma servil imitação do seu estilo delfico e da sua retórica arcaico-ruralizante.

Pouco depois da tomada do poder por Hitler, Heidegger classificou a viragem nacional-socialista da história alemã como uma «embriaguez do destino» (*Schicksalsrausch*). Uma embriaguez destinada a terminar num mar de sangue e catástrofe. Uma embriaguez na qual, apesar de tudo, o filósofo desempenhou um papel menor, pois, como diz Hans Jürgen Syberberg no seu profundo filme sobre Hitler: «Tudo (na história e cultura alemãs) conduzia até ele».

V. Soromenho Marques

Apelo aos estudantes alemães

A revolução nacional-socialista traz consigo a completa reviravolta da nossa existência alemã.

Cabe-vos, nesta circunstância, permanecer como aqueles que sempre impelem e sempre estão prontos, como os que são sempre tenazes e se transcendem.

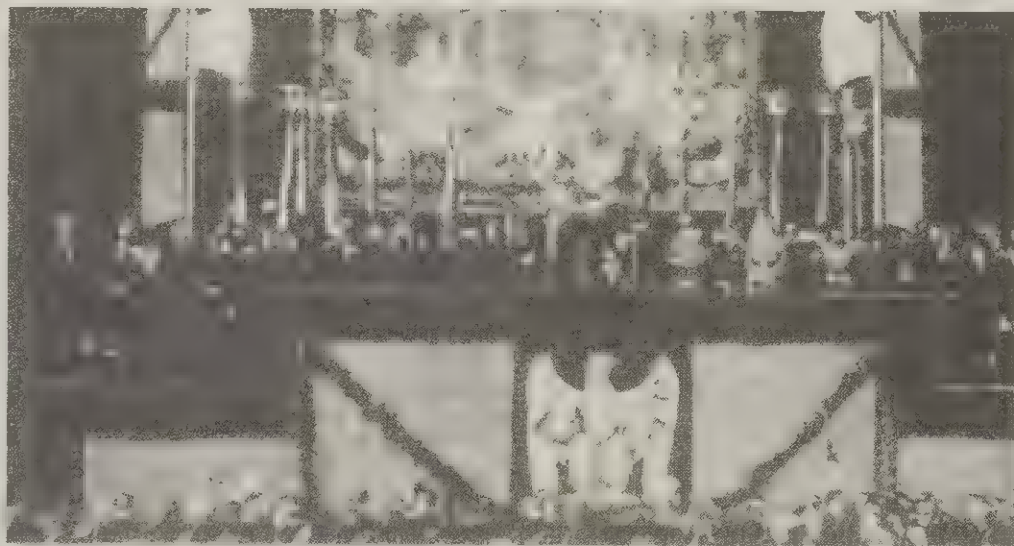
A vossa vontade de saber procura conhecer o essencial, o simples e grande.

Vós desejais ser expostos ao imediatamente necessário e às obrigações mais vastas.

Sede duros e autênticos na vossa exigência.

Permaneí claros e seguros na recusa.

Não transformeis o saber conquistado numa presunçosa propriedade pessoal. Conservai esse saber como a necessária propriedade originária do homem chamado para a chefia na convocação popular do Estado. Não podeis continuar a ser «aqueles que apenas ouvem». Vós estais obrigados ao conhecimento e acção participadas na construção da futura escola superior do espírito



alemão. Cada um tem primeiro de provar o seu talento e a sua preferência, afirmando o seu direito. Isto sucede através do poder do empenho combativo na luta do povo por si próprio.

Dia a dia, hora a hora fortalece-se a fidelidade da vontade dos seguidores (2). Incessantemente cresce em vós a coragem para o sacrifício pela salvação da essência e para a elevação da força interior do nosso povo no seu Estado.

Que nem os princípios doutrina- rios nem as «Ideias» sejam as regras do vosso ser.

O *Führer* ele próprio, e só ele, é a realidade alemã presente e futura, e a sua lei. Aprendeí sempre a saber mais profundamente: de agora em diante cada coisa exige uma decisão e todo o agir [exige] responsabilidade.

Heil Hitler!
Martin Heidegger, Reitor

(3 de Novembro de 1933) (1)

Notas

(1) Extraído de: *Martin Heidegger und das 'Dritte Reich'* (ed. Bernd Martin), Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1989, p. 177.

(2) O termo «vontade dos seguidores» (*der Gefolgschaftswille*) tem uma clara ressonância medieval. Ele significava a existência de uma comunidade cujo princípio de coesão interno se fundava num juramento de fidelidade incondicional a um príncipe ou a um chefe. Durante os anos de 1933-1945, o conceito voltou a vigorar por inteiro na Alemanha, sendo o juramento de lealdade para um Hitler uma prática generalizada em todas as estruturas do Estado, desde as chefias militares aos mais prosaicos dos funcionários públicos.

Introdução e tradução do alemão de Viriato Soromenho Marques

literário



A PROPÓSITO DO NOVO LIVRO DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

— Aspectos da vida e da obra

A maneira mais precisa para se compreender — e admirar — o novo livro de João Cabral é ler os poucos o poema de abertura do volume, chamado *A sevilhana que não se sabia*. Trata-se, antes de tudo, de uma chave — os mistérios do livro escondem-se em suas linhas. Na verdade, desde o excepcional *Quaderna*, escrito em 60, há uma relação directa entre a sua aproximação com a cultura espanhola e a abertura da sua poesia para o lirismo amoroso, às vezes com pendor irremediavelmente eróticos. São estas, inclusive, as cartas da manga de Cabral em Sevilha andando — lirismo e erotismo. Há neste poema um processo de reconhecimento em que se misturam a intuição amorosa e a concretização pelo olhar de uma mulher, através da articulação dos atributos de várias andaluzas, malagueñas salerosas, que habitam seu texto. O contrário do que acontecia *Quaderna* onde o lirismo e o erotismo se concretizavam de formas variadas, seja pela oralidade, pelo movimento, pelo tacto ou pelo paladar em *Sevilha andando*, o sentido da paixão é o visual, pelo que o gerúndio do título aponta para a singular realização poética das qualidades abstractas que configuram a forma de ser de Sevilha, ao mesmo tempo cidade e mulher — em algumas passagens, as sevilhanas traduzem a cidade; em outras, os contornos e construção de Sevilha traduzem a beleza feminina das idealizações poéticas. Em *A sevilhana que não se sabia*, como nos poemas seguintes, manifestam-se as cirandas baude-lairianas ausentes de *Quaderna*, responsável por associar perfeitamente forma (paixão pela cidade) e conteúdo (ritmo e dança da mulher). «É para olhar», diz o poeta, «que as coisas penetram na inteligência».

António Houaiss, que o conheceu quando ambos foram nomeados para o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), assegura que, após o lançamento de *Pedra do sono*, João Cabral já tinha praticamente pronto em sua cabeça o «projecto poético»

que orientou os passos futuros. «Aos 25 anos, ele conheceu com clareza ímpar as linhas básicas que posteriormente conduziriam nos trilhos da genialidade a sua produção poética», diz. Houaiss, leitor e crítico atento da poesia universal, sente-se impressionado com o discernimento crítico que João Cabral manifestou sobre sua própria obra. «Cabral se referia aos seus poemas com a palavra concretismo, embora à época ainda não tivesse surgido o movimento literário homônimo».

Admirador incondicional da poesia espanhola, o poeta identifica em alguns autores espanhóis uma tendência à comocção através de referenciais concretos — Houaiss lembra que nos intervalos do trabalho diplomático, João Cabral divertia-se criando analogias entre os referenciais abstractos da poesia tradicional, principalmente a parnasiana, e os que seus ídolos espanhóis poderiam utilizar com o mesmo sentido e eficácia maior (pureza, em uma destas brincadeiras, tornou-se aço). «Ele desejava, então, externar ideias objectivas de sensibilidade», reconhece Houaiss. Ele observa, no mesmo sentido, que a contradição destacada por António Cândido já estava devidamente conceitualizada então — as famosas *Duas águas* do nono livro de Cabral, escrito em 56: uma voltada para o social e a descrição do mundo físico; outra, uma ode concretizadora das abstracções possíveis. Os dois trocaram vasta correspondência na época em que João Cabral redigiu *O Cão sem plumas*, editado em Barcelona em 50 — João enviava os poemas originais, de seu posto na Espanha, e Houaiss, de seu posto na Grécia, devolvia-os com críticas e sugestões.

Como sempre teve bem claro os contornos do seu «projecto poético», João Cabral se acostumou a olhar de um patamar superior as críticas que ao longo do tempo foram publicadas sobre seus poemas. Isso o tornou, talvez, um dos poucos autores a manter um diálogo de igual para igual para igual com os críticos e os especialistas uni-

versitários. E também o conduziu, em intimeras, oportunidades, a empreender a tarefa árdua de realizar a crítica da crítica. Em um desses momentos, ele chegou a enumerar duas lacunas, dois aspectos dos seus versos jamais ressaltados e analisados por um crítico. Não há textos tratando, por exemplo, da sua obsessiva vontade de metrificar os poemas — o uso dos versos de oito sílabas, por exemplo, que foge inteiramente ao padrão poético da língua, mais afeita aos conjuntos de sete ou dez sílabas. «A crítica, depois do verso livre, deve ter passado a considerar de mau gosto, de menor importância, falar da metrificação», confidenciou ao poeta Ledo Ivo, um amigo de longa data.

Outro aspecto subestimado por seus críticos, que João Cabral não deixa de destacar a todos os que conversam com ele sobre seus conceitos poéticos, é o humor inco-mum que se manifesta em quase todos os livros que publicou — particularmente em *Dois parlamentos* e *Morte e vida severina*. «Minha ironia cômica aparece desde os primórdios», conta.

A edição do livro seguinte a *Pedra do sono*, *O engenheiro*, também não foi labor dos mais fáceis, apesar de António Cândido e da incorporação definitiva de João Cabral ao movimento ambiente intelectual do Rio de Janeiro. O embaixador Lauro Escorel, autor de uma obra clássica sobre a poesia de Cabral e um de seus melhores amigos, foi o primeiro a ler os poemas que em seguida seriam reunidos no livro. «O material me surpreendeu pela qualidade e pelo amadurecimento», afirma hoje. Escorel correu a mostrar para o poeta parnasiano Augusto Frederico Schmidt, um milionário que anos antes havia feito incursões pelo mercado editorial, solicitando a urgência da revelação pública dos versos de João Cabral. Depois de ler os originais, que terminaram provocando uma insuspeita paixão à primeira vista — a poesia de Frederico, como se sabe, é talvez a mais perfeita antítese da de João Cabral —, consta que ele teria exagerado a carga dramática e a altura da voz para reclamar com Lauro Escorel: «porque diabos este pernambucano genial não me trouxe logo o livro?»

Seu interlocutor retrucou rapidamente, alegando a conhecida timidez de João Cabral: «Veja, Frederico, não seria nada fácil para ele trazer a você um livro tão diferente dos seus — ele, afinal, teria que mentir para incluir-se no rol dos seus discípulos.» Frederico, entretanto, não se deu por satisfeito — exigiu que João Cabral fosse trazido à sua sala. E em sua presença física, disse com um tom misto de satisfação e dor: «Este livro me fará um grande mal, talvez incurável — nada do que eu penso que é poesia está aqui. Mas é um livro excepcional. Leve na tipografia e mande a conta para mim.» Embora visse seu editor como «inimigo poético», João Cabral reconheceu a sensibilidade de Frederico — valendo-se, claro, de uma autopromoção: «ele viu que a poesia brasileira iria mudar de ru-

mo». Com Lauro Escorel, brincou: «Frederico deve estar cansado da sua exuberância». Este encontro foi fundamental: a partir daí, a carreira de Cabral deslanchou.

Materialista não assumido, Cabral costumava dizer aos amigos que, depois que deixou o colégio, costumava comparecer apenas a missas para defuntos. A esposa, entretanto, conta que ele, embora não seja religioso, tem uma medalha de Nossa Senhora do Carmo da qual não se afasta nunca. A explicação para este «escorregão» é na verdade muito simples — como qualquer homem em idade avançada, Cabral manifesta um pavor crônico da morte, que o leva, inclusive, a paroxismos, como não comemorar seus aniversários. «Superei a crença em Deus, no Céu e nos santos — nada disso faz sentido para mim. Mas o inferno me preocupa bastante, embora não acredite nele», brinca com amigos da mesma idade. «Tenho medo da morte — às vezes, penso que aquele inferno terrível e apavorante que os maristas descreviam está-me esperando». A medalha, então, funciona para ele como uma espécie de escapulário — na tradição religiosa, o devoto de Nossa Senhora do Carmo sempre é resgatado por ela do inferno ou do purgatório.

Segundo os amigos, o traço principal da personalidade de João Cabral é o pudor. Ele se veste da maneira mais anônima possível; faz, também, o possível e o impossível para não ser identificado — certa vez, reconhecido na rua por um admirador, exclamou em alto e bom som que nunca havia escrito um verso sequer na vida — não poderia, portanto, ser aquele poeta de nome estranho que nunca havia ouvido falar. Certas reacções suas — como a pequena disposição para o convívio social, por exemplo — às vezes são encaradas como rabinhos; são, porém, reflexo imediato do seu espírito reservado, da sua expressão contida. Ledo Ivo acha que se João for desacatado na rua, provavelmente far-se-á de desentendido. «Não por covardia, claro, mas apenas para evitar o ajuntamento de pessoas — ele tem verdadeiro horror a ser o alvo da atenção de um grupo numeroso.»

Isso já lhe criou situações constrangedoras em noites de autógrafa, que enfrentou graças aos apelos e reclamos dos seus editores. Homem caseiro, para quem a simples ideia de «caçar» um táxi no agitado trânsito carioca é um suplício, ele às vezes enfrenta a inércia do isolamento e se propõe a conviver mais com os amigos. Mas poucas vezes o faz. Não por acaso, tem fama de ser o acadêmico mais relapso no comparecimento ao tradicional chá das cinco da ABL. E sua timidez crônica, outra faceta do pudor absolutista que rege suas acções, vem desde a infância. Consta que uma vez, quando era garoto, viajou com os tios para Olinda, em Pernambuco. No carro, estava segurando o banco da frente, quando um tio gordo sentou-se, apertando seus dedos contra o encosto. Doeceu muito, mas ele não falou nada para não incomodar. Quando chegaram, teve que procurar imediatamente uma farmácia para se tratar.

Sérgio Sá Leitão

Jornalista brasileiro, crítico literário, professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e redactor do «Jornal do Brasil»

literário



SEVILHA ANDANDO

João Cabral de Melo Neto
Sevilha Andando
Editora Nova Fronteira
Dina Livro

SEVILHA EM CASA

Tenho Sevilha em minha casa.
Não sou eu que está *chez Sevilha*.
É Sevilha em mim, minha sala.
Sevilha e tudo o que ela afia.

Sevilha veio a Pernambuco
porque Aloísio lhe dizia
que o Capibaribe e o Guadalquivir
são de uma só maçonaria.

Eis que agora Sevilha cobra
onde a irmandade que haveria:
faço vir às pressas ao Porto
Sevilhana além de Sevilha.

Sevilhana que além do Atlântico
viviu o trópico na sombra
fugindo os sóis Copacabana
trás grossas cortinas de lona.

O SEVILHANO E O TRABALHO

O sevilhano que é distinto
nisso, de todo ser humano,
não declara que do trabalho
está nesse instante voltando.

Seja operário ou camponês,
tem a mão dura e proletária;
quando cruzá-las ele sabe
e na Guerra Civil soube armá-las.

Mas tem o pudor de conversar
trabalho e como este o trabalha.
Seu protesto diário é contra o amor,
contra uns olhos, que diz, o matam.

Mas de olhos, nenhum já morreu;
do que morre, nunca confessa:
voltando da pá ou da enxada,
diz: «Vengo de echarme una siesta»

GAIOLA DE CHUVA

Não tem Sevilha a chuva triste:
mesmo se a chuva cai em cordas,
Sevilha guarda dentro o sol
como um canário na gaiola.

A chuva é fora e apaga a cal
mas trás as *rejas* das janelas,
dentro do que por fora é cárcere,
há flor da alma, vivo-amarela.

A FÁBRICA DE TABACOS

Para fábrica de tabacos,
Fernando Sexto edificou
o que mais parece um convento
que fosse sem Regras e Prior.

Lá trabalharam as cigareiras,
quase nuas pelo calor,
discutindo, freiras despidas,
teologias de um certo amor.

Enquanto enrolavam cigarros,
se trocavam jaculatorias,
com palavras desse amor cru
omitidos pelas retóricas.

Lá um tempo trabalhou Carmen,
adensando mais a atmosfera
de sexo, de carne mulher,
que isso tudo emanava dela.

Sobre o portal um anjo de pedra:
pronta, na boca, uma trombeta.
Faria soá-la, se dizia,
se um dia entrasse uma donzela.

Hoje, não há mais operárias.
Hoje em dia, é a Universidade.
Tudo mudou, exceto o anjo
que mudo ameaça ainda, del





ILUMINAR AS TREVAS

George Leaman fala sobre as Implicações do «Caso Heidegger»

Três anos decorridos sobre a publicação do livro de Victor Farias sobre as relações de Heidegger com a política e em particular com o fascismo, seis meses passados sobre a passagem do 100.º aniversário do nascimento do pensador alemão, a verdade é que a curiosidade da opinião pública pelo caso Heidegger continua — mesmo para além dos círculos académicos — muito longe de estar esgotada.

Recentemente três revistas nacionais, a saber, *Vértice*, *Filosofia* e *Caderno de Filosofias* dedicaram números inteiros à controversa obra do filósofo. Para breve está também anunciada a edição portuguesa (pela *Caminho*) do ensaio de Farias. Perante este contexto julgou-se oportuno publicar esta, também ela polémica, entrevista com um jovem investigador universitário norte-americano, que através do seu trabalho promete lançar uma nova luz sobre as questões latentes no caso Heidegger.

George Leaman, 31 anos, é docente na Universidade de Massachusetts. Entre 1987 e 1989 levou a cabo uma exaustiva pesquisa sobre o universo teórico e institucional da filosofia alemã durante a ditadura hitleriana. O resultado do confronto com um material, na grande maioria dos casos totalmente inédito, ameaça ganhar, dos próximos dois anos, quando a investigação de George Leaman vier à estampa, proporções político-culturais inusitadas.

É um pequeno preâmbulo a esse futuro trabalho, aquilo que agora se apresenta nesta entrevista concedida em exclusivo para o *Diário de Lisboa*.

Diário de Lisboa: Poderia explicar-nos quais os objectivos centrais da sua investigação, e quais as fontes principais de pesquisa utilizadas?

George Leaman: Eu tenciono traçar um percurso histórico e filosoficamente amplo do desenvolvimento da filosofia na Alemanha entre os anos de 1933-1945. Eu investiguei as actividades de praticamente todas as sociedades filosóficas, publicações, da especialidade, assim como, as obras e os actos dos perto de 200 (duzentos) filósofos que ensinaram nas 23 (vinte e três) universidades alemãs durante esse período. O objectivo desse trabalho passará pela análise da evolução das diversas escolas de pensamento (os neo-kantianos, neo-hegelianos, os seguidores de Dilthey, Nietzsche, Schopenhauer, etc.) de modo a evidenciar a forma como a filosofia na Alemanha não só se acomodou como apoiou a ordem Nacional-Socialista. Procurarei demonstrar, contra a convicção generalizada, que a filosofia na Alemanha longe de se ter eclipsado com a subida de Hitler ao poder em 1933 conheceu até um surto de «florescimento», apesar de uma certa fase de tumulto no seio dos meios académicos causada

por um conjunto de demissões, resignações, assim como pela emigração forçada de algumas figuras importantes. O meu trabalho sobre Heidegger constitui uma significativa e necessária parte deste projecto, mas ele está, porém, muito longe de se reduzir a essa parte. Poder-se-ia dizer que estou a tentar estabelecer o contexto histórico-cultural mais vasto onde a controversia a propósito de Heidegger pode ganhar o seu mais cabal sentido.

Sobre todo este vasto tema existe um leque muito grande de informação disponível, desde que se tenha suficiente paciência para o pesquisar. Reuni cerca de 300 (trezentos) *dossiers* sobre vários filósofos e outros universitários, tendo como origem o *Berlin Document Center* (sob administração do Exército dos Estados Unidos), e estes ficheiros permitiram-me reconstituir as actividades políticas desses homens. Eu passei a maior parte dos últimos dois anos recolhendo tudo o que pudesse estar relacionado com o tema a partir das seguintes fontes documentais: *Bundesarchiv*, em Koblenz (o mais importante arquivo da RFA); *Geheime Preussische Staatsarchiv*, em Berlim; *Zentrale Stelle der Landes Justizverwaltungen*, em Ludwigsburg; *Zentrale Staatsarchiv der DDR*, em Potsdam. Para além disso consultei numerosas bibliotecas universitárias nas duas Alemanhas. A minha pesquisa não se encontra ainda terminada, no entanto tenciono escrever um ensaio sobre o assunto até ao final do próximo ano.

DL: O que pensa sobre o livro de Victor Farias acerca do «caso» Heidegger?

GL: Penso que é um livro muito importante, apesar da sua desafortunada história. Estou-me a referir sobretudo aos erros

contidos na primeira edição surgida em Paris, em 1987. Farias não conseguiu encontrar um editor alemão para o seu livro, acabando, depois de muitos esforços, por se voltar para uma pequena casa editora francesa (Verdier). Segundo me disseram este foi, aliás, o maior projecto em que a Verdier desde sempre se viu envolvida, e para o qual mobilizou os seus escassos 4 (quatro) funcionários. Isso ajuda a perceber a razão pela qual a versão francesa contém numerosas falhas de pormenor. Isto é lamentável por que serviu como pretexto para algumas pessoas recusarem a análise de Farias (que juízo correcto) em nome de uma alegada incompetência do seu autor. O facto de Farias não ser alemão — ele é chileno — não deve também ser subestimado. Nalgumas recensões alemãs do livro de Farias pode notar-se até um certo racismo, por vezes pouco subtil, na medida em que se argumenta com uma alegada incompreensão de Farias face aos textos de Heidegger, em virtude de o alemão não ser a sua língua materna, o que é um terrível preconceito. A edição alemã publicada pela Fischer em 1989 é muito melhor. Espero que a próxima edição portuguesa tenha estes factos em consideração.

DL: Como poderemos expressar a característica principal do pensamento de Heidegger: através do conceito de *continuidade*, ou através da categoria de «viragem» (*Kehre*)?

GL: Eu julgo que a muito discutida noção de *Kehre* não é nada mais para além de uma ficção útil, um instrumento que permite ao próprio Heidegger (e seus discípulos) separar uma fase inicial e outra tardia do seu pensamento, distinguir o nazi do filósofo.

O conceito de *Kehre* irrompeu pela primeira vez no ensaio «Sobre o humanismo» (*Über den Humanismus*), e pode ser considerada extremamente inteligente. O que significa no final de contas uma *Kehre*? É uma viragem que compreende uma mudança de direcção, de orientação. Exclui, todavia, qualquer noção de rompimento ou ruptura com o percurso anterior. Desse modo, Heidegger sugeriu *simultaneamente* uma continuidade e uma mudança sem ter de explicitar aquilo a que ele voltava costas. Esta noção surgiu depois da guerra, num texto escrito a um francês, Jean Beaufret, numa altura em que Heidegger vivia sob a ocupação francesa. É um dos poucos textos, senão mesmo o único, onde Heidegger recorre a termos franceses, e o único trabalho filosófico no qual Heidegger menciona directamente o marxismo. Nele Heidegger afirma que o projecto de «Ser e Tempo» (*Sein und Zeit*) ainda é válido, não se percebendo bem qual o conteúdo da referida «viragem». Eu entendo esse texto e a noção de *Kehre* como expedientes utilizados por Heidegger para se proteger da eventual cólera dos ocupantes. Em 1946 ninguém poderia saber ainda se a França se tornaria ou não num Estado comunista; havia uma possibilidade real de isso suceder. Heidegger não pretendia correr quaisquer riscos.

DL: Encontra, porventura, no debate latente travado com A. Baeumler sobre a filosofia de Nietzsche, durante os anos de 1939-1941, algum sinal, da parte de Heidegger, de ruptura com o nazismo?

GL: De modo nenhum. Mas aqui é necessário ser cauteloso. Heidegger rejeitou aquilo que em seu entender eram falsas

concepções do Nacional-Socialismo, e nessas lições sobre Nietzsche, de 1939-1941, ele recusou algumas modalidades desviantes de nazismo. Mas ele não efectua essa recusa a partir de uma opção fundamental antinazi, mas, pelo contrário, ele desejava uma renovação espiritual do nazismo que ele julgava possível, através de uma orientação da interpretação de Nietzsche. É preciso não esquecer que Heidegger louvava, ainda em 1953, «a verdade e grandeza interiores» do Nacional-Socialismo, na reedição da sua obra «Introdução à Metafísica» (*Einführung in die Metaphysik*). Os problemas que Heidegger teve face a Baeumler foram da mesma natureza dos que teve na condição de reitor da Universidade de Freiburg: ele acreditava saber o que o Nacional-Socialismo realmente significava, e ele pretendia que a sua versão fosse aceite como a única correcta. A arrogância desse homem não tinha limites!...

DL: Que tipo de raízes culturais (tanto europeias como alemãs) encontra na formação intelectual de Heidegger, que nos possam ajudar a compreender a sua ligação ao Nacional-Socialismo?

GL: A dificuldade dessa pergunta reside em que qualquer resposta breve (como esta tem de ser) se pode tornar virtualmente incompreensível. Mas eu vou tentar. Eu entrevejo duas influências principais na adesão de Heidegger ao Nacional-Socialismo. A primeira consiste nos factores negativos do catolicismo. Heidegger teve uma educação católica, estudou teologia, e chegou até a pensar seguir uma carreira eclesiástica. Em 1909, por um breve período, esteve para ingressar nos Jesuítas. A filosofia de Heidegger contém uma visão social que pode ser perspectivada como uma secularização da ordem feudal do mundo, na qual a possibilidade de uma



existência autêntica está associada à aceitação do «enraizamento» e ao reconhecimento do seu próprio «lugar». A possibilidade de uma existência autêntica não está igualmente aberta para todos. Por outras palavras, a filosofia de Heidegger contém uma visão social hierárquica caracterizada pela oposição entre estabilidade («enraizamento») e mobilidade.

A segunda influência pode ser descrita

como uma forma especificamente alemã de romantismo antimoderno, uma tradição representada por homens como C.G. Jung, Oswald Spengler e Hermann Hesse. Eu não pretendo afirmar, que estes autores sejam semelhantes a Heidegger, mas apenas que eles partilham de uma comum inclinação para um passado (mítico ou real) que existiu anteriormente a uma «queda», e que se torna necessário uma es-

pecie de regresso, se se pretende melhorar o nível da sua própria existência. Todos eles partilham uma comum hostilidade contra o materialismo e acentuam o papel histórico desempenhado pelo elemento espiritual.

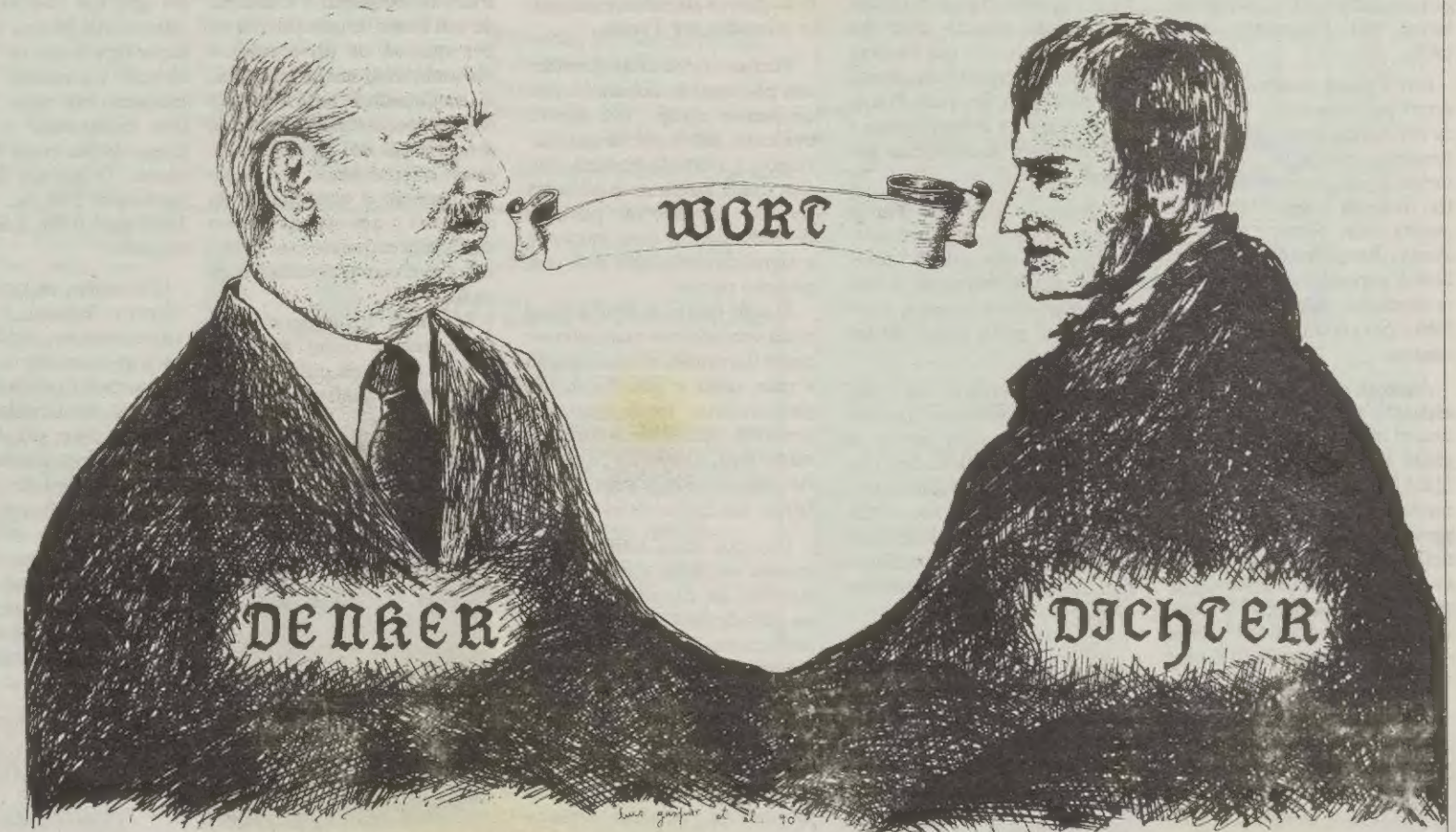
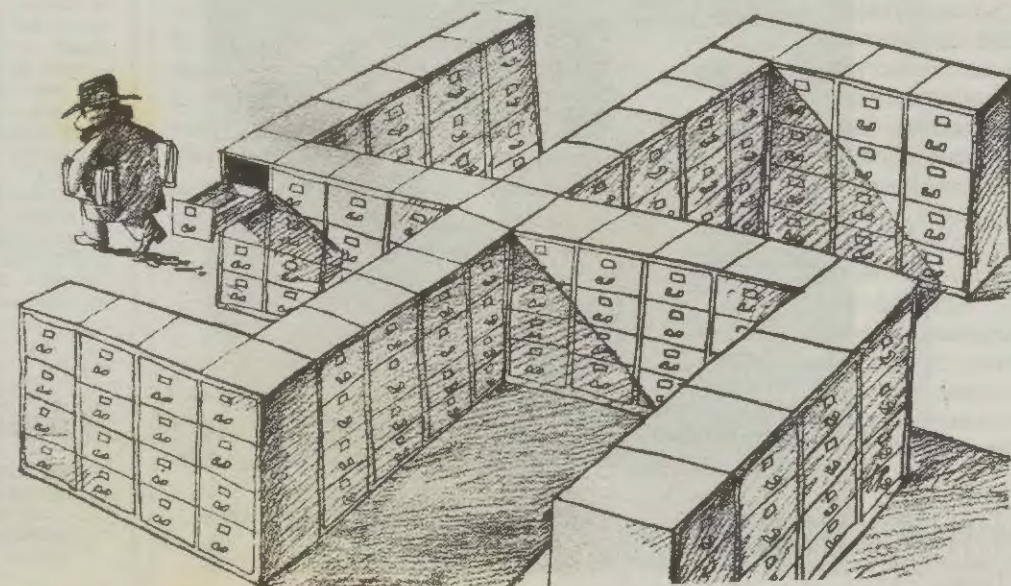
DL: Quais são, em sua opinião, as principais diferenças entre as recepções europeia e norte-americana do pensamento de Heidegger?

GL: Pela parte europeia não me julgo autorizado a falar, mas posso falar um pouco sobre as diferenças entre as recepções alemã e norte-americana. A diferença principal reside num certo ecletismo das interpretações americanas que tratam a obra de Heidegger como um «cesto de ideias» do qual se pode retirar material à vontade. Esta perspectiva foi recentemente articulada numa conferência sobre Heidegger proferida por Richard Rorty na Universidade de Yale. Claro que as interpretações alemãs não vão neste sentido. Aliás, a maioria das correntes da recepção germânica encontram-se presentes nos EUA porque muitos dos «nossos» heideggerianos ou são alemães ou estudaram a filosofia de Heidegger na Alemanha.

DL: Concorde com a afirmação, em tempos muito difundida, de que Heidegger seria «o maior filósofo do século XX»?

GL: De modo nenhum. Em primeiro lugar oponho-me completamente a semelhantes avaliações comparativas que são desprovidas de qualquer propósito académico sério. Mas, mais importante do que isso, eu julgo que o projecto heideggeriano de uma «ontologia fundamental» foi completamente fracassado. Heidegger tem algo de interessante para dizer e mostrar sobre a linguagem e o sentido, mas a sua avaliação do «ser-no-mundo» é vazia. Faz-me recordar a experiência de descascar uma cebola. Pode-se descascar camada após camada, mas quando se chega ao centro não se encontra nada.

Viriato Soromenho Marques



VÉRTICES

O caso Heidegger visto por nós

Se ao mencionarmos o nome de Platão se pressupõe uma referência mais a uma filosofia do que a uma pessoa concreta, o mesmo já não se pode dizer hoje em relação a Martin Heidegger. Heidegger foi nosso contemporâneo. Quando pensamos na sua filosofia não podemos deixar de pensar no homem, na pessoa que viveu situações, ambições e ilusões semelhantes às que nos acometem ainda hoje. Para além de um mero símbolo ou referência de recurso, a sua existência real, e ainda não puramente historiográfica, bem como o seu pensamento, dizem-nos directamente respeito. Quando hoje em dia se coloca a questão da ligação de Heidegger e/ou da sua filosofia com o movimento e/ou com a ideologia fascista já não se pretende nor-

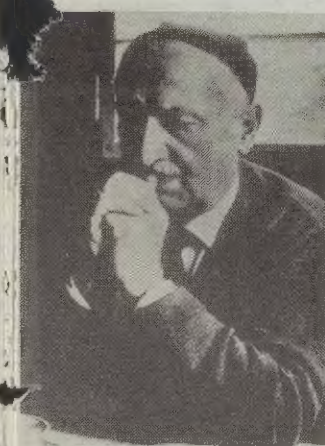
malmente descobrir um novo facto comprometedor ou desculpabilizante. A preocupação com o levantamento dos factos que, eventualmente, poderiam fornecer a resposta a esta questão, é hoje muito moderada (apesar de persistirem algumas lacunas). Isto, porque esses factos, ou o que pode ser considerado como tal, são hoje sobejamente conhecidos e, porventura, encontram-se até, na sua maioria, definitivamente estabelecidos. Todavia, existe ainda um outro lado da medalha. Colocar esta questão é um desafio ao próprio pensamento filosófico contemporâneo que, ao equacioná-la, se vê de novo confrontado com as suas interrogações fundamentais: O que é a filosofia? Qual a sua relação à realidade? Como levar uma existência própria (autêntica)?, etc. Não constitui por isso surpresa al-

guma que muitos pensadores contemporâneos tenham aceiteado este desafio. No nosso país, que no domínio da filosofia ainda se orienta preponderantemente pelo cogitar francófono, este desafio teve de ser, ainda que com relutância, se não aceite, pelo menos, tomado em consideração. Após uma custosa e lenta aprendizagem do pensamento filosófico contemporâneo e em particular do heideggeriano, somos confrontados com uma polémica que, em grande medida, nos ultrapassa. Um novo esforço de aprendizagem se impõe. As iniciativas neste sentido são de saudar, bem assim como a diversidade dos pontos de vista que têm surgido. As opiniões estendem-se desde o apelo à recusa da filosofia de Heidegger como emanação da «extrema direita imperialista» (J. Barata-

Moura) à demonstração da impossibilidade de uma interpretação de Ser e Tempo na qualidade de filosofia política (J. Paisana), passando pelas opções de privilegiar uma leitura eminentemente filosófica que se sobrepõe à leitura política (Fernando Belo, Sousa Dias) ou pela crítica imanente que, após ter posto a descoberto certas carências do ideário heideggeriano, propõe superá-las articulando-lhe uma outra instância, como seja a retórica (Rui Grácio). Apesar das diferenças de pontos de vista, todos os autores concordam quanto ao valor intrínseco da obra e do pensamento de Heidegger. Mesmo Barata-Moura — que obviamente não perfilha a sua filosofia (não deixando, porém, de apresentar um óptimo estudo bibliográfico) — não deixa de reconhecer: «O merecimento de Heidegger passa

pelo facto de inegavelmente procurar pensar; o interesse do seu pensamento reside, porém, menos em o que pensa... e mais em que nos faz pensar». A questão que subjaz a toda a problemática relacionada com o envolvimento de Heidegger no movimento fascista e que preocupa quem a tenta equacionar é formulada claramente por Tito Cardoso e Cunha: «*podera a grandeza da obra irresponsabilizar eticamente o seu autor?*». A comparação da atitude de Heidegger face ao fascismo com a de Sartre face ao estalinismo, feita pelo autor como resposta a esta questão, coloca o primeiro em clara desvantagem. Contudo, esta resposta encontra-se em grande parte condicionada pela resposta a uma outra questão: «... importa saber se o pensamento em si, fora de qualquer consideração biográfica, teria alguma espécie de compatibilidade com a

ideologia nazi». Ainda o mesmo autor responde a esta questão recorrendo a Habermas que tinha considerado esta contaminação da filosofia heideggeriana pelo nazismo explicada como consequência de «*uma crítica (idealista) da razão*», de «*um conceito de Verdade que a subtrai a qualquer possibilidade de validação*» e de uma «*postura ontológica*» que relega a «*sociabilidade para o mero domínio da inautenticidade*», como sendo uma «*degradação da filosofia*». Na opinião de Fernando Belo, esta «*questão dolorosa*» prende-se com a nossa avaliação do próprio nazismo: «*a visão do nazismo como totalmente monstruoso... leva a tomá-lo como algo de diabólico, de extra-humano. A tarefa, porventura dos historiadores e pensadores das futuras gerações, será a de o analisarem e pensarem como fenómeno humano... por difícil*



que seja».

As abordagens desta questão levadas a cabo de um ponto de vista mais imanentista, apesar de privilegiarem a fidelidade ao texto e à intenção especulativa, caem por vezes em dificuldades e contradições que revelam a insuficiência desta opção. Sousa Dias afirma, por um lado, que «*nada seria tão absurdo como ver nas meditações heideggerianas... algo como uma ideologia nazi*...», para logo de seguida conceder que «... o nazismo está no coração desta filosofia, ou a convicção nazi de Heidegger, longe de ser acidental, episódica, vem do fundo da sua filosofia...» e rematar, edulcorante: «*Como não ver que o silêncio do filósofo, o seu esquecimento de Auschwitz, está de uma certa maneira implicado na filosofia do esquecimento do ser?*» (J. Paisana, porém, torna este tipo de leitura produtivo de

uma maneira original. Apresentando a distinção clara entre o «*nível ontológico-existencial, onde se situaria a ontologia especificamente filosófica, e o nível ético-existencial, onde se situaria o comportamento político*» para demonstrar a impossibilidade de uma interpretação ética ou política de Ser e Tempo, o autor constata a ignorância a que Heidegger, face à «*nova realidade alemã*», vota posteriormente esta distinção crucial e, da confusão assim gerada, infere a orientação do pensador para uma hermenêutica filosófica baseada na ideia da destruição.

(Vértice, n.º 23, 1990, 119 págs.; Caderno de Filosofias, n.º 2 — «Heidegger» Associação de Professores de Filosofia, 1990, 110 págs.)

Manuel José S. Loureiro

HEIDEGGER E OS OUTROS

O clima de inquietação que o livro de Farias semeou nas hostes filosóficas francesas não pôde deixar de surpreender. Sobretudo se pensarmos que na Alemanha há muito que os factos eram conhecidos e longamente discutidos, nomeadamente por Habermas desde 1958.

Em França mesmo, custa a acreditar como é que a polémica não surgiu mais cedo dada a presença constante do pensamento heideggeriano na filosofia francesa desde antes da guerra com Sartre, Merleau-Ponty, Beaufret entre outros. Não é verosímil que tanta gente desconhecisse o que era público. No entanto o espanto foi enorme.

Alguns espantam-se deste espanto, como Blanchot, Gadamer ou Levinas que nas páginas do *Nouvel Observateur* (22.1.88) recordam o conhecimento que tinham dos compromissos nazis de Heidegger desde 1933, pelo menos. Sem que isso os tenha impedido de pensar com Heidegger. Como já com Heidegger tinha pensado o insuspeito Sartre, por exemplo.

A surpresa atribuem-na L. Ferry e A. Renaud, em grande parte, à tutela que sobre a obra de Heidegger exerceu, em França, Jean Beaufret e seus

discípulos. Beaufret que tinha sido entronizado pelo próprio Heidegger quando lhe dirigiu, nominalmente, a *Carta sobre o Humanismo*. Teriam sido estes os responsáveis pela cegueira francesa relativamente aos compromissos políticos do filósofo alemão que era apresentado como um homem demasiado ocupado nas alturas da história do Ser para descer às baixezas do compromisso e muito menos da militância políticas.

Quando o livro de Farias mostra, a partir de documentos tão profusos como indimentáveis, as baixezas a que Heidegger tinha descido, a conclusão não podia deixar de ser enorme.

Se um Sartre ou um Merleau-Ponty tinham utilizado Heidegger para pensar a partir dele em direcções por vezes radicalmente diferentes, algumas reputações filosóficas se tinham construído bem mais à beira do mestre, seguindo bem mais de perto o percurso do seu pensar.

Que Heidegger cometeu «uma grande asneira» é ele próprio que o diz mas o problema que se põe é o de saber se a obra incontestavelmente maior de um dos grandes pensadores contemporâneos pode absolver o seu autor. Tem o autor de ser

salvo com a sua obra? Poderá a obra ser incensada de um autor réprobo?

Que o homem era um crápula, como o foi o odioso Céline ou o louco do Ezra Pound, não parece oferecer dúvidas perante as provas abundantemente aduzidas por Farias.

Perante todas estas questões não podemos no entanto deixar de pensar aquilo que parece evidente, isto é que há que distinguir a obra do homem. Sejam quais forem as qualidades morais, pessoais ou políticas do indivíduo, a obra impõe-se e significa sobretudo pelo que permite pensar.

É aqui que a polémica toma a sua verdadeira e mais interessante dimensão: a interrogação é para saber o que é que, no pensamento heideggeriano, permitiu ao homem o compromisso nazi, a asneira, a queda na promiscuidade com a barbárie.

Por que falha nesse pensamento tão bem enraizado na história da filosofia ocidental se introduziu o conluio com o holocausto. Que condições intrínsecas à obra vieram a autorizar a famosa frase sobre a «verdade interna e a grandeza do movimento» nacional-socialista?

A fragilidade pela qual a queda foi possível situa-se

mesmo no âmago do pensamento e da visão que Heidegger tem da decadência do *Dasein* pelo esquecimento do Ser e da consequente crítica da modernidade.

Para ele, toda a história da Filosofia ocidental é a história de um longo esquecimento do Ser que só os pré-socráticos vislumbraram nos primórdios. A modernidade teria agravado esse esquecimento «*através da determinação da espiritualidade como subjectividade do sujeito por oposição à naturalidade da natureza*» o que está na origem da técnica enquanto esta se instala precisamente nessa oposição.

A crítica heideggeriana da modernidade como reino da técnica difere da crítica da razão instrumental operada por



Adorno e Horkheimer por ser feita de um ponto de vista essencialmente conservador e passadista, afirmam-no Ferry e Renaud, como já anteriormente o pretendia Habermas.

A adesão ao nazismo é mais do que um compromisso circunstancial porque se funda na esperança louca de uma regeneração do mundo da técnica moderno por uma Alemanha que recuperaria o vislumbre grego do Ser antes do esquecimento. O que não deixa de ser paradoxal porque, o próprio Heidegger o diz, o Ser é esquecimento.

Em suma, na perspectiva de Ferry e Renaud, e a meu ver correctamente, aquilo que torna o pensamento de Heidegger vulnerável é precisamente a recusa da modernidade aliada a uma recusa do humanismo que, negando o sujeito do indivíduo, o priva de uma instância de avaliação que é o que pode fundar o juízo crítico: «*Qualquer valorização é uma subjectivização, na medida e que o sujeito nela se instala como instância crítica capaz de avaliar a positividade daquilo que é*» (p. 123).

(Luc Ferry e Alain Renaud, *Heidegger e os Modernos*, Teorema, 1989, 127 págs.)

Tito Cardoso e Cunha

H. RE VISITADO

O número temático que a revista *Filosofia* dedica a Heidegger inscreve-se na reavaliação do papel axial deste pensador nas controvérsias filosóficas do nosso século e, duplamente, na cada vez mais generalizada audiência portuguesa ao pensamento alemão. Isto mesmo pode deprender-se da leitura do texto de apresentação do volume — «Pensar depois de Heidegger» — no qual Nuno Nabais, logo após nos seduzir pela proximidade de referências, se abalança ao diagnóstico das situações aporéticas em que parecem enredar-se as vertentes actuais da herança heideggeriana. Herança a todos os títulos tentacular, pois que nela se entrecetam os fios da vida e das palavras que tanto levou a desenterrar das categorias épicas usadas por Heidegger para legitimar a desconstrução da história da metafísica ocidental, a sua própria biografia política, como, ao contrário, a des-temporalizar o pensamento heideggeriano, subtraindo-o às consequências teóricas (e não só) da sua versão da história da Filosofia — «Assim, ao dedicar integralmente um número a Heidegger, *Filosofia* propõe-se participar neste generalizado questionamento que caracteriza o estado actual da recepção da sua obra. Tal intenção realiza-se em primeiro lugar por um retorno a Heidegger através da reflexão sobre os seus efeitos mais recentes, para colocá-lo

em relação a uma outra questão: «... importa saber se o pensamento em si, fora de qualquer consideração biográfica, teria alguma espécie de compatibilidade com a ideologia nazi». Ainda o mesmo autor responde a esta questão recorrendo a Habermas que tinha considerado esta contaminação da filosofia heideggeriana pelo nazismo explicada como consequência de «uma crítica (idealista) da razão», de «um conceito de Verdade que a subtrai a qualquer possibilidade de validação» e de uma «postura ontológica» que relega a «sociabilidade para o mero domínio da inautenticidade», como sendo uma «degradação da filosofia». Na opinião de Fernando Belo, esta «questão dolorosa» prende-se com a nossa avaliação do próprio nazismo: «a visão do nazismo como totalmente monstruoso... leva a tomá-lo como algo de diabólico, de extra-humano. A tarefa, porventura dos historiadores e pensadores das futuras gerações, será a de o analisarem e pensarem como fenómeno humano... por difícil que seja».

Sabida a arrebatada polémica actual em torno da biografia heideggeriana, «Heidegger e a política» é título estimulante para convocatório que de imediato convoca a atenção para o estudo de José A. Bragança de Miranda. Nele se pretende

interpelar o modo como a ambiguidade da obra heideggeriana dificulta uma aproximação dilucidante, problema aliás já levantado por Nuno Nabais, que sublinhava o dilema paralisante em que se depara qualquer crítico de Heidegger, confrontado com a Esfinge conceptual que defende o acesso a um pensamento que assume a sua natureza de «fim da filosofia» para relegar o ponto de vista histórico do comentador a um inultrapassável estatuto de menoridade, ao retirar à sua situação post-metafísica todo o significado filosófico decisivo. José A. Bragança de Miranda traduz a dificuldade nos termos de saber «como é que a relação de Heidegger à filosofia não impediu a decisão do compromisso com o nazismo?» e investe a resposta pelo lado da problematização da política no interior da filosofia heideggeriana, ou seja, pela escrita com a qual Heidegger biografa o itinerário mundano do seu pensar. O que se visa tornar compreensível, e de maneira desarmatizada, é a relação fantasmática do pensamento contemporâneo com a sua incontornável dependência da reflexão heideggeriana. Como solução — provisória e a verificar — o autor sugere o questionamento da ilusão mimética que terá embrenhado Heidegger numa axiomatica da (sua) autenticidade escritural, que de seguida transpõe para a indeci-

ANATOMIA DE UM ESCÂNDALO

Este livro de François Fédier, que pretende ser uma apologia de Heidegger, constitui uma interessante peça no dossier aberto por Vítor Farias acerca da política heideggeriana. Farias conseguiu pela enésima vez, trazer o filósofo para quem «a luz do que é público obscurece tudo» para a luz do escândalo. E se muitos se deixam alumiá-los a esta candeia (aqui Derrida é a grande excepção), no caso de Fédier, antigo discípulo de Jean Beaufret, e que é o responsável pela tradução francesa da monumental obra completa de Heidegger (100 volumes em curso de publicação pela Klostermann, e em França pela Gallimard), temos uma das primeiras defesas de Heidegger.

O seu juízo é claro: não houve crime neste caso, mas erro, ilusões, e desenganos. Muito do interesse deste livro está em tornar visíveis os limites das estratégias de defesa de Heidegger (quanto aos ataques a situação é mais complexa). Assim, para além de uma breve biografia de Heidegger da mão de François Vézin (tradutor de *Sein und Zeit* para língua francesa), o livro consiste em duas partes relativamente distintas, mas que se suportam mutuamente. A primeira, intitulada «Um Pseudoacontecimento» (39-104), é uma refutação de Farias. Para essa reputação Fédier discutirá longamente a afirmação de Farias da «total adesão de Heidegger ao nazismo» (25), esforçando-se por mostrar que o chileno exagera os factos para os tornar escandalosos: casos de Abraham de Sancta Clara, da «amizade» com Eugen Fischer (do Insti-

tuto de Higiene Racial), bem como as denúncias do Reitorado e a continuidade da adesão depois dele. Em suma, Fédier pretende «mostrar a todo o leitor sensato que o livro de Farias é apenas uma montagem com o objectivo de incriminar a Heidegger» (96). Embora não possamos entrar no pormenor, Fédier consegue dar elementos que põem em causa a ética de escrita de Farias (que pouco acrescenta ao dossier reunido por Schneberger, B. Martin e H. Ott), invalidando por absurda a «tese» da adesão total. Mas a sua discussão factológica de Farias não resolve a questão essencial: como foi possível a adesão, mesmo parcial, de Heidegger? O que havia no seu pensamento que impedia um juízo sobre algo que, embora não se conhecessem os seus resultados, não enganou outros alemães, casos de Thomas Mann ou Karl Jaspers, entre muitos outros? Com o que chegamos à segunda parte, dedicada ao tema «Heidegger e a política» (105-167). Aqui as debilidades da apologia de Fédier são de monta, mantendo-se à superfície da obra de Heidegger, como boa parte dos «denunciadores». Argumenta assim que na crise da República de Weimar o nazismo surgia como uma solução aparente cuja teratologia só foi conhecida a posteriori; que Heidegger pensava apenas numa mudança da universidade alemã; que a radicalidade do seu pensamento o levou a confundir a «revolução nacional-socialista» como possibilidade de resposta à decadência da «modernidade»; que,

politicamente, se deveria distinguir entre «nacional-socialismo» e «socialismo nacional» (falácia que já tinha sido proposta por Granel na revista *Débat*); que ele sempre resistiu ao nazismo, nem que fosse em privado, tudo isto ao abrigo de uma imensidade de exemplos. Tudo isto, para finalmente justificar o injustificável: o silêncio de Heidegger diante do Holocausto nazi: «*não há porventura metamorfose do silêncio quando se prepara a mudança de lugar do pensamento?*» (167), pergunta impossível sem questionar a própria ideia de «erro» em que assenta a tese da adesão parcial.

Como é evidente, qualquer defesa já está à defesa diante da enormidade do nazismo, e do seu uso fácil pela ética do escândalo. O problema é que Fédier usa a mesma estratégia obscurecedora a que recorrem boa parte dos denunciadores (bom exemplo disso é a sua insistência no facto de, em 1936, 3 anos depois de Heidegger ter abandonado o Reitorado, Bataille e Breton ainda fazerem uma «defesa da brutalidade antidiplomática de Hitler» p. 124). Há neste livro falta de pensamento (mas também uma falta no pensamento), apesar das suas boas intenções. A ética do escândalo que leva a encontrar qualidades insondáveis e incontáveis no livro de Farias, Fédier opõe um ética da amizade, que não é menos obscurecedora do que a primeira, colocando o seu livro sob uma frase da apologia de Sócrates: «... com o maior receio de levar uma vida abominável, isto é, deixando de velar pela honra dos seus amigos...». Mas as limitações

da sua apologia não podem ser supridas pela simples virtude da amizade, com o que se inverte apenas a vontade de escandalizar as boas almas, passando-se agora a sensibilizá-las.

Em tudo isto talvez seja preciso saber escutar o que diz Lévinas, pensador judeu cuja obra foi muito marcada pelo programa de *destruição* da metafísica desenvolvido por Heidegger: «[Em Heidegger] ... deparamo-nos com uma inteligência extraordinária, talvez com reflexos diabólicos; o diabo no fundo não é simplesmente o maligno, tem também uma inteligência de primeira grandeza. É evidente que Heidegger não é o diabo, mas em qualquer caso o diabo conseguiu penetrar no interior do seu pensamento. É preciso, portanto, inquirir as suas obras filosóficas, numa pesquisa longa, difícil e incerta, se se encontram algum elemento orientador». Qualquer ética da discussão terá de passar por esta condição: questionar numa «pesquisa longa e incerta», e apenas se se estiver interpelado pelo pensamento de Heidegger (pois é de um filósofo que se trata e não de Goebbels ou de Rosenberg, cujas «obras» não existem, por muito que tenham escrito). A vontade de negar que caracteriza a ética do escândalo apoiada na «sua» moral infalível, deve-se opor ainda e sempre o próprio Heidegger, para quem «a negação apenas nega o negador».

(François Fédier, *Heidegger: Anatomia de um Escândalo*, Vozes, 1989, 167 págs.)

José A. Bragança de Miranda

bilidade da sua situação biográfica na língua e num momento particular da história da germanidade. Em «A filosofia alemã ocidental depois de 1960», Alfred Berlich dá-nos uma visão do universo especulativo que, no seu país, ecoa o pensamento heideggeriano, nomeadamente no que respeita aos campos da hermenêutica, da ética, da filosofia da linguagem e da análise da técnica. Completam este volume de *Filosofia*: uma entrevista a Kuno Lorenz, centrada nos seus estudos de uma lógica dialógica;

a sequência de um debate acerca dos Sentidos do ensino da filosofia (António Franco Alexandre/Maria Luísa Ribeiro Ferreira); sinopses de conferências pronunciadas na Sociedade Portuguesa de Filosofia e Recensões a obras filosóficas de publicação recente.

(*Filosofia*, Publicação Periódica da Sociedade Portuguesa de Filosofia, Vol. III, N.ºs 1/2, Outono/89, 253 págs.)

António Fernando Cascais

ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

☆☆☆☆

VIANA DO CASTELO COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

	MAI.JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00 18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00 22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.

• 1 a 31 de Agosto suppl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telet.: (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

EUROPA-AMÉRICA

ECONOMIA

& GESTÃO

UM DOS MAIS IMPORTANTES ECONOMISTAS DO SÉCULO

JOHN KENNETH GALBRAITH

O NOVO ESTADO INDUSTRIAL

edição revista e com nova introdução

O LIVRO PARA A DÉCADA DE 90

— O maior desafio de sempre ao sistema económico estabelecido

— O terramoto que abalou a análise económica tradicional

— O balanço das alterações ocorridas na história da teoria económica

— Uma referência imprescindível para estudantes, economistas, gestores e quadros.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

LITERATURA E SIDA

As literaturas europeias têm-se mostrado, sobretudo a partir do século XIX, largas consumidoras de drogas e de morte: como se a literatura não pudesse existir sem um sólido lastro necrofílico, como mostrou em parte Erich Fromm.

A literatura da droga aparece no século XIX, na esteira de Coleridge que, consumidor forçado de ópio, se deixa arrastar pelas pulsões alucinatórias, descrevendo com um vigor barroco singular, as irizações da urina conservada no bacio. Os resíduos provenientes do corpo humano adquirem um estatuto inédito, que abrem caminho para algumas formas plásticas modernas, mais evidentes após Dada e o Surrealismo.

Coleridge não é o único que se droga: Baudelaire fá-lo-á também, tal como Quincey, sem esquecer Sigmund Freud que, em Viena, aprende a apreciar e a consumir a cocaína. Esta linhagem parece de resto inesgotável, pois aí podemos encontrar mais recentemente, Jean Cocteau ou o utilizador quase místico da mesalina, Henry Michaux.

Embora não possamos deixar de verificar que o álcool alarga o campo destes «drogados», de Verlaine a Fernando Pessoa, sem esquecer Guillaume Apollinaire. E, num plano complementar algumas doenças, como a tuberculose, que provoca tanta escrita portuguesa: a de José Duro, a de António Nobre, embora o texto fundamental continue a ser a soberba Montanha Mágica de Thomas Mann.

Subitamente esses santuários clássicos — onde talvez se devesse acrescentar a asma de Marcel Proust e de outros, que podem assim apreciar o gozo intervalar da asfixia, que os aproxima ritualmente da morte — foram profundamente modificados com a irrupção do Sida. A doença começa por modificar as técnicas do corpo, como se pode facilmente verificar lendo os pequenos anúncios «amorosos» de Libération. O «safer-sex», aparece como a técnica salvadora, a que não podem renunciar nem os homo, nem os heterossexuais.

Nos últimos meses a literatura francesa viu-se obrigada a contabilizar um número crescente de criadores mortos devido ao Sida. Alguns dos intelectuais mais notáveis ou mais notados, morrem ou vão morrer com a doença nefanda: Michel Foucault, Jean-Raul Aron, Guy Hocquenghen, e agora um agonizante mais, o jovem romancista Hervé Guibert.

Pude ver na televisão, numa das sextas-

feiras consagradas ao programa Apostrophes de Bernard Pivot, a aparição de um fantasma de si próprio: o jovem romancista Hervé Guibert — editado por Garlilmard e pelas Éditions de Minuit —, que não hesitou, na esteira de Jean-Paul Aron, de pôr em cena a sua própria morte já anunciada, já certa, já inelutável. Não se tratava apenas de exibir uma maleira corrente e curável, mas de revelar o estado escalavrado de um corpo já totalmente habitado pela morte.

Jean-Raul Aron foi o primeiro escritor que decidiu romper com a hipocrisia pequeno-burguesa dos intelectuais franceses, que não só recusavam assumir publicamente a existência e as consequências do Sida, mas ocultavam também as circunstâncias penosas em que iam/morrendo alguns intelectuais. O caso de Michel Foucault tornou-se particularmente escandaloso, porque a comunidade «científica» francesa recusou dizer na praça pública que o pensador morrera vítima do Sida.

Tratava-se, ainda hoje se trata, de uma das contradições em que vivem e morrem os intelectuais, sobretudo os criadores, infinitamente mais corporatistas do que parece, e decididos a não consentir que se diga que a sua morte pode ser tão miseravelmente triste como a de qualquer outro doente, vítima do Sida.

Jean-Paul Aron decidiu assumir em público, tanto na escrita — nas páginas durante algum tempo famosas do *Nouvel Observateur*, mas sobretudo na televisão, a sua condição de doente que esperava apenas, com firmeza e lucidez, o desenlace que ninguém poderia evitar. Sabia-o já então severamente atingido, pois que pertencíamos à mesma instituição universitária, e que a «fófoca» profissional ia acrescentando dia-a-dia os pormenores naturalmente mórbidos que o iam aproximando da «maturidade da doença», quer dizer da morte.

Não será possível esquecer, contudo, o choque provocado pela aparição deste corpo terrivelmente emagrecido, digno na lentidão dos movimentos, como se o homem estivesse emperrando por dentro, à medida que a doença o ocupava: uma ocupação que o ia esvaziando dele próprio, num movimento tão singular como trágico.

Podia dar-me conta de um certo empobrecimento: a palavra, que vigiava com o mesmo rigor de sempre os meandros da semântica, perdera uma parte da firmeza e sentia-se que o corpo, flutuando nas roupas tornadas demasiado largas, estava já do outro lado de uma barreira que o incluía

entre os mortos. Se a palavra possuía ainda a fulgurância de uma vida profundamente amada, o corpo pertencia já ao espaço da morte.

Jean-Paul Aron dava assim início a uma nova forma literária, que nos últimos meses se têm enriquecido singularmente: os escritores vítimas do Sida, ou se contam, ou nos contam as agonias dos seus amigos. Tal é o que faz Hervé Guibert que associa nas espirais da sua reflexão, as condições nem sempre agradáveis em que agonizou Michel Foucault, e a sua própria agonia, que todos puderam ver no segundo canal da televisão francesa.

Se Aron recusara o silêncio hipócrita, a sua escrita estava ainda do lado da reflexão moral, ou até ética: tal não acontece no caso de Hervé Guibert, que procura organizar em torno dos miúdos acidentes que baliçam o quotidiano dos homens que não podem senão esperar a morte. O olhar glauco de Hervé Guibert já olha do outro lado: um falso Orfeu, um autêntico agonizante.

Sendo que, ao mesmo tempo, esta visão dos agonizantes nos deve levar a analisar as condições em que se vive cada vez mais a morte: dada a ver e a acompanhar nas imagens, nos corpos, nos gestos, nas palavras, ou até na ausência de palavras. Trata-se de outra morte, uma vez que ela rompe com os espaços familiares ou hospitalares para se transformar em espectáculo. A escrita encontra assim um efeito multiplicador, uma vez que a televisão prolonga o projecto da escrita de maneira quase infinita.

Guibert é acusado por não poucos intelectuais de se mostrar senão indiscreto, em todo o caso pior, na medida em que seria apenas um necrófago, que vendia na praça pública, ou no mercado da glória, a agonia de um dos seus amigos. Mas não estaremos aqui face a um problema assaz parecido com o da escrita dos analistas que, de Freud a Lacan, passando por Lacal e Dolto vive da palavra do Outro?

O mais significativo reside, todavia, no terrível choque experimentado perante os agonizantes que se vestem bem, que podem ou não trazer gravata, mas que devem dar a ver a morte sem o menor sentimentalismo, lúcidos nos menores movimentos. A transformação da morte em espectáculo, impõe uma disciplina física e moral que deve acompanhar o escritor até à morte. O carácter singular da operação estala aqui, mas fora precedido pelo falso-escândalo da escrita.

Não sem deixar entender uma espécie de sacoleção interno, uma espécie de lamento final, em torno das condições em que um

homem pode ser contaminado, ou daqueles que presidem à organização da esperança da cura. Jean-Paul Aron sublinhara, da maneira discreta que era a sua, que a sua ascensão sexual se deixara surpreender em Veneza pela beleza de um efebo americano. Hervé Guibert escreve este livro para se vingar entre o mais, de um amigo que lhe deixou entrever a possibilidade de uma cura, graças à utilização de um novo medicamento que, como não podia deixar de ser, nunca apareceu, e que nunca existiu.

Por outro lado, estes homens — até agora só os homens nos vêm dizer as condições trágicas destas agonias — funcionam como modelos. Naturalmente não poderemos ver as vítimas que recusam esta disciplina intelectual e física, os que choram, os que gritam. Mas é evidente que, tanto na escrita como na imagem, se está em vias de criar um modelo que diz respeito por um lado à organização dos homens atingidos pelo Sida, e que pelo outro põe em evidência as formas retóricas a ser respeitadas pelos futuros doentes que serão levados a escrever a sua reflexão final, no caso de ainda terem forças para tanto.

Como se a gravidade do Sida não pudesse realmente ser apreciada, por conseguinte esconjurada, senão pela via do espectáculo: a televisão apresenta não o homem, mas efectivamente o seu fantasma. No caso de Hervé Guibert, podia ver-se perfeitamente que o seu livro encerrava a sua existência, porque não teria ele mais coragem para escrever, mesmo no caso de ainda lhe surgir uma bafurada de desejo, no sentido quase sexual da expressão. O que o telespectador pode, por isso, ver é algo de mais profundo do que a morte: trata-se do esvaziamento da substância psíquica de um homem, reduzido à condição de cadáver incompleto.

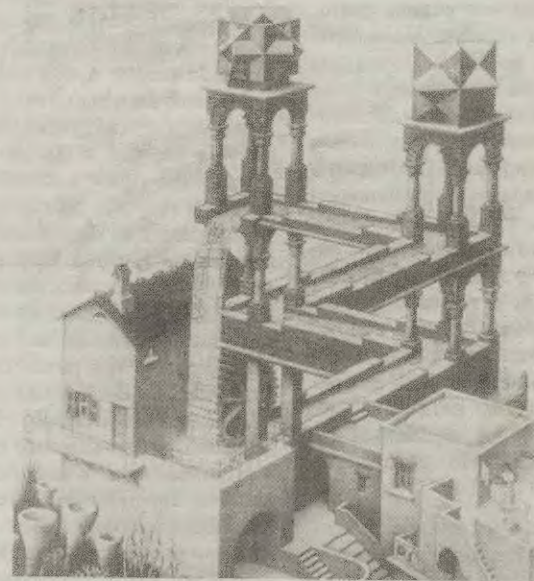
Escritas e imagens novas, eis o que o Sida está já a injectar no nosso processo criativo. Não sei se os editores procedem ao inventário, por via dos funcionários dos hospitais, dos escritores que estão em via de baquear vítimas do Sida, mas não há dúvida que já entrámos num espaço inédito, onde a necrofilia é deveras particular, porque aprecia sobretudo os mortos que ainda conseguem ripostar e escrever, dar-se a ver sem tropeçar no sentimentalismo lamecha, quer dizer na autopiedade. Jean-Paul Aron pudera mostrar-se na reserva do homem que ainda não sabe como apreciar a sua morte: Hervé Guibert quis reenterrar consigo o grande cadáver de Michel Foucault. Parece tê-lo conseguido.

Alfredo Margarido

PONTOS DE PARTIDA

- «Perdoo-te tudo menos a sinceridade!» — disse e fulminou-me com o seu olhar. Felizmente, falso.
- Estava a olhar as estrelas e sorria quando alguém bateu no meu ombro e exclamou: «Camarada, a nossa é a única constelação com uma só estrela!» «Quem é o senhor?» — perguntei. «Aqui não há senhores, somos todos camaradas!» Acordei.
- Não tento encontrar ninguém — confessou ela. — Apenas procuro alguém a quem escapar.
- A realidade tem dois extremos, a ilusão — uma só.
- A liberdade e a independência são uma e a mesma coisa que tenta voar em direcções opostas.
- A função principal da transparência é revelar aquilo que não está oculto.
- A força dos graffiti está na ausência dos seus autores.
- Certas coisas desaparecem quando as suas sombras atingem a sua dimensão máxima.
- A felicidade é como a morte: só adquire sentido no último instante.

- A certa altura nos vimos parados entre a História e as últimas notícias por chegar.
- Para não parecerem subservientes escrevam assim: «X dedica estes versos a Y², sobrinho de Z³».
- Cavar a água é inútil, mesmo quando está turva.
- Os grandes amores nunca morrem antes de encolher.
- Distingua-as nitidamente mas enganava-se tanto na verdade como na mentira.
- Acabada a conversa, o ponto final cresceu de tal modo que a ocultou toda.
- Se te parecer num instante que todos os pássaros são iguais e não há diferença entre as flores é porque um amor morreu.
- A dimensão do nada depende do tamanho do invólucro.
- A filosofia não pode ser transparente porque não conseguiria orientar-se pelos seus enganos.
- Se conseguirem colocar um floco de neve no centro da vossa imaginação, a memória não o poderá derreter.
- Não se pode continuar ateuista sem se tornar religioso.



- A ciência não avançou tanto quanto queríamos mas pelo menos antecipou o seu eco. Por isso hoje se pode dizer: «Quando o Alberto nascer...»

Dimitar Angelov